

LT-2

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

TRABALHO DE PROJECTO

ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO DO "OUTRO"
NO "BOLETIM OFICIAL DE MOÇAMBIQUE" (1888)

POR: SIJAONA ALI
SUPERVISOR: Dr. ALMIRO LOBO
5º ANO DE LINGUÍSTICA

MAPUTO, JULHO DE 1999

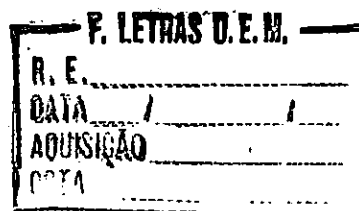
655.11(679)
A379a ol



F. LETRAS D.E.M.	
R. E.	27/126
DATA	17/07/00
AC. ESCRITÓRIO	colocação
LT-2	

SUMÁRIO

Cap. I	1.	Introdução.....	1
	1.1	Objectivos do Trabalho.....	3
	1.2	Importância do Trabalho.....	3
	1.3	Hipóteses.....	4
	1.4	Metodologia de Trabalho.....	4
Cap. II	2.	O Contexto	
	2.1	O Contexto da Colonização Influenciado Pela Conferência de Berlim (1884-1885).....	5
	2.2	Do Nascimento do Boletim Oficial.....	6
	2.3	Pressupostos Teóricos	
	2.3.1	O Conceito de Texto.....	7
	2.3.2	O Contexto de Textura (ou Textualidade)....	9
	2.3.2.1	A Textura Interna.....	10
	2.3.2.2	A Textura Externa.....	11
Cap. III	3.	Apresentação do Corpus.....	12
	3.1	O Elemento "ESPAÇO".....	14
	3.2	As Personagens.....	18
	3.3	O Tempo.....	21
	3.4	A Temática.....	22
	3.5	Os Elementos Descritivos.....	22
Cap. IV	4.	Em Torno do Corpus Textual.....	24
	4.1	A Dimensão Analítico/Interpretativa dos Textos.	28
	4.1.1	O Destinatário.....	28
	4.1.2	O Narrador.....	29
	4.1.3	O Homem.....	33
Cap. V	5.	Síntese das Conclusões.....	42
		BIBLIOGRAFIA.....	44



AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio inestimável do Dr. Almiro Lobo, meu supervisor, pela paciência que demonstrou diante das minhas faltas e hesitações, incentivando-me sempre com as suas críticas, sugestões e observações a prosseguir sem desfalecer.

Aos meus pais, Saide Ali e Faatu Chirambe, por estarem a suportar a minha prolongada ausência e por terem compreendido a necessidade e importância dos estudos. A eles dedico este trabalho.

Ao sr. Wehia M. Ripua, que vem acompanhando desde o começo os meus estudos, pelo incentivo dado à minha aplicação nos estudos, e nesta etapa final pelo apoio em todos os aspectos.

À Helena Aurélio Zita, minha grande amiga, por tudo.

À minha irmã e cunhado (Adália Aly e Rosário Januário) pela grande ajuda moral e material ao longo de todo o curso.

Ao Arlindo António Folige, pela grande amizade, solidariedade e apoio demonstrados ao longo de todo o curso e por ter estado sempre ao meu lado nos momentos em que mais precisei.

Aos meus colegas e amigos António Víctor Yokhuma, Vasco Jacinto Nhussi e Ventura Mulatinho Domingos, pela força que me deram nos momentos de maior indefinição.

A todos aqueles que directa ou indirectamente prestaram atenção em mim durante todo este tempo.

A todos só direi uma coisa: muito obrigado!

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

O objecto de estudo que guiou a realização deste trabalho é o "Boletim Oficial", analisado aqui na perspectiva de trazer à superfície aspectos relevantes sobre a maneira como o objecto da política de colonização de Moçambique - a terra e, evidentemente, os homens - era representado, no âmbito daquilo a que podemos designar de discurso sobre o "Outro".

As viagens de exploração marítima e de descoberta feitas pelos portugueses, que rapidamente evoluíram para campanhas de ocupação, tiveram na imprensa escrita um forte suporte. A narração dessas viagens contribuiu sobremaneira para moldar uma certa imagem do Outro, correndo-se muitas vezes o risco de generalizações de situações de determinados contextos para outros contextos.

As razões que nos levaram a optar por este estudo prendem-se com o facto de, apesar de muito tempo ter já decorrido desde a época em que os textos do "Boletim Oficial" que constituem o nosso corpus foram produzidos e muitas transformações terem tido lugar, a análise do tipo que pretendemos fazer neste trabalho mostrar-se actual, visto poder vir a ajudar a compreender o fenómeno da colonização e os aspectos relativos à "captação" do colonizado pelo ego do colonizador.

Pretendemos também mostrar neste trabalho o interesse que deve despertar para um maior conhecimento das linhas com que se cosiam as concepções europeias sobre o "eu" civilizado e o "outro" selvagem, ponto de partida para a demarcação da diferença entre a "civilização" e a "barbárie". Queremos aqui compreender e co-relacionar a temática abordada no nosso corpus com o contexto

específico do país nos finais do séc. XIX, caracterizado por um esforço da potência colonizadora (Portugal) para tornar em "ocupação efectiva" aquilo que apregoava como sendo seus "direitos históricos" de ocupação.

Para o alcance dos objectivos a que nos propusemos, não deixamos de fazer referência ao facto de que nos finais do séc. XIX Portugal tinha já uma vasta experiência no contacto com povos não-europeus, cujas referências eram, para além das primeiras narrativas sobre os contactos dos portugueses com os povos africanos, a descoberta do Brasil. Veremos a influência que esses factos tiveram na concepção da terra e dos homens em Moçambique, sem olvidar também que Portugal, um país de forte influência cristã, via na expansão uma missão para levar a palavra de Deus aos "infiéis" e torná-los civilizados. Não é de admirar, pois, que encontremos ao longo do nosso trabalho referências religiosas muito explícitas.

Este trabalho vai mostrar que "a imagem que se tem do "Outro" corresponde à representação do "Outro" a partir do espaço ideológico ou social em que se situa o "Eu". No caso vertente da situação de Moçambique nos finais do séc. XIX, a própria natureza da situação colonial instituiu uma hierarquização de culturas que assume uma importância especial no campo das imagens literárias do "Outro". É dessa forma que aparecem os estereótipos coloniais e o exotismo na representação do colonizado" (Matusse, pp. 46-47). É na esteira destas reflexões que procuramos dar conta não só da maneira como os textos do nosso corpus desenham o "perfil" do "Outro" como também da linguagem que é colocada ao serviço dessa caracterização.

1.1 OBJECTIVOS DO TRABALHO

O trabalho pretende levantar uma discussão à volta daquilo que se pode designar de "literatura oficial colonial", abordando a problemática da representação do espaço e das gentes africanas (e moçambicanas em particular). Estamos convictos de que a matéria é indubitavelmente de interesse para um maior conhecimento das vicissitudes e do contexto socio-cultural, e ideológico em que se processou a conquista de África pelos europeus. Estes objectivos podem ser resumidamente tratados na óptica de que pretendem:

(1) Mostrar até que ponto o conhecimento de certos factos, analisados à luz de uma perspectiva literária, podem ajudar a compreender melhor as vicissitudes de um processo tão complexo como o é a colonização;

(2) Mostrar o quanto a imprensa escrita, mormente o "Boletim Oficial", contribuiu para reforçar a percepção que já existia sobre os africanos, vistos como os "Outros".

1.2 IMPORTÂNCIA DO TRABALHO

Este trabalho tem um carácter descritivo, e a importância do próprio trabalho tem muito a ver com a atenção que pretendemos despertar para uma investigação orientada a estudos específicos na área da literatura produzida nos primórdios da colonização de Moçambique, principalmente no que se refere a um período particular da nossa história como o é a 2ª metade do séc. XIX.

As referências que utilizamos no presente trabalho fazem parte de diversas áreas do saber que, acrescidas à literatura,

permitiram esboçar um trabalho sistematizado, dotado de elementos que fazem dele um todo com lógica.

1.3. HIPÓTESES

(1) Os textos revelam a existência de ideias estereotipadas sobre a terra e os homens de Moçambique nos primórdios da ocupação colonial;

(2) Os textos procuram construir a imagem de um território ultramarino onde havia que investir no interesse da potência colonizadora.

1.4. METODOLOGIA DE TRABALHO

No intuito de validar as nossas hipóteses de trabalho, a metodologia que vamos seguir obedecerá ao seguinte esquema:

- Fazer uma breve abordagem sobre a representação do espaço físico e humano do "Outro" feito pela literatura oficial colonial;
- Interpretar o corpus, tentando demonstrar em que medida os dados levam a uma avaliação imagetivamente deformada sobre as "outras" sociedades, consideradas aqui como sendo as não-europeias.

Neste contexto, procuramos fazer a articulação das ideias que são veiculadas por diferentes áreas do saber como a História, a Literatura e a Linguística, de que, evidentemente, resultará um trabalho multidisciplinar.

CAPITULO II

2. O CONTEXTO

2.1 O CONTEXTO DA COLONIZAÇÃO INFLUENCIADO PELA CONFERÊNCIA DE BERLIM (1884-1885)

Antes da realização da Conferência de Berlim, a questão da consistência dos territórios que hoje fazem parte de Moçambique nunca se havia colocado com tanta veemência a não ser na região sul do país, onde havia um litígio pela posse da Baía de Lourenço Marques, resolvido a 24 de Julho de 1875 pelo então Presidente da República Francesa, o Marechal Mac-Mahon, a favor de Portugal. Realizada a Conferência, cujo fim, segundo escreve Pélissier (1987:140), era definir as regras sobre a ocupação efectiva dos territórios africanos, Portugal tinha de entender-se com os seus concorrentes para determinar os limites das suas zonas de influência no interior, sob pena de ver-se despojado das suas possessões virtuais ou mesmo reais. Não admira, pois, que a partir desse momento se intensificassem as acções com vista a uma ocupação de facto do território, tudo isso conjugado com manobras diplomáticas habilmente realizadas por Portugal, o que permitiu a este país refrear, de certo modo, as cobiças estrangeiras sobre o território de Moçambique e esboçar o desenho das futuras fronteiras do nosso território.

Apesar desse "despertar" de interesse para com as suas colónias em geral e Moçambique em particular, motivado pela Conferência de Berlim, seria só a partir da entrada em cena do designado Comissário-Régio, António Enes, em 1895, que se iria registar um impulso significativo na ocupação do país e

fortalecimento da autoridade colonial. Antes de António Enes o quadro de ocupação de Moçambique caracterizava-se por, segundo afirmações de Pélissier, uma administração fraca, factores económicos desfavoráveis (nomeadamente a grande distância entre a metrópole e Moçambique aliada à insuficiência da frota mercante nacional, a ausência de colonos - na sua maioria emigrados no Brasil -, e o papel secundário, senão mesmo marginal, que cabia a Moçambique pelo facto de, por um lado, ter uma contribuição mínima na economia portuguesa e, por outro, a sua manutenção sair demasiado cara à metrópole).

Para alterar este quadro, António Enes impôs que a solução era "pôr o negro a trabalhar e importar capitais estrangeiros", para além de preconizar a "descentralização da administração em Moçambique" e "renunciar a ver neste país uma colónia povoada por brancos pobres", o que marcou de facto o início de uma nova era, a que Pélissier designa de "era do realismo e pragmatismo na política de ocupação colonial do território" (Pélissier, 1987:171).

2.2 DO NASCIMENTO DO BOLETIM OFICIAL

A ocupação colonial do território de Moçambique implicava necessariamente a criação das bases que permitissem a sustentabilidade desse processo. As bases mais seguras foram, evidentemente, o exército, a igreja e a administração pública mas também não são de descurar outras áreas como o ensino, a política de assimilação e a imprensa escrita. Em 1854 foi montada no país a primeira oficina de impressão, a qual produziu, a 13 de Maio, o primeiro número do "Boletim do Governo da Província de Moçambique", antecessora do "Boletim Oficial".

Este passo foi de extrema importância na medida em que a

legislação produzida localmente era anteriormente impressa em Lisboa e depois para aqui remetida, e isso obviamente não facilitava a difusão da informação oficial. A partir deste momento, portanto, a informação oficial podia circular com mais facilidade, para além de salvaguardar o aspecto de a informação local ser difundida a partir do próprio local e, portanto, estar teoricamente mais próxima da realidade.

O "Boletim Oficial" (B.O.), como se sabe, era o órgão de imprensa do Estado Colonial e escusado será referirmos o facto de que os que produziam os textos que nele vinham publicados, nomeadamente funcionários superiores do Aparelho de Estado Colonial, tinham que o fazer dentro de determinadas normas e limites. Não é de estranhar, portanto, que esses textos publicados no B.O. fossem um veículo de ideias canonizadas e fossem a expressão oficial do pensamento colonial.

Como temos estado a referir, o nosso corpus é constituído por textos, em forma de relatório, publicados no B.O. Importa, portanto, dar uma achega à noção de texto na visão de diferentes autores.

2.3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.3.1 O Conceito de Texto

Muitos autores têm se debruçado sobre a problemática da concepção do texto mas nós vamos fazer referência apenas àqueles cujos conceitos nos parecem mais úteis ao nosso trabalho.

Brown-Yule (1983:190) debruçam-se sobre o conceito de texto anotando que este é o registo verbal de um evento comunicativo, o

qual já pressupõe a existência de uma entidade emissora e, pelo menos, uma entidade receptora. Aqui já está patente alguma importância que os autores atribuem a aspectos extra-textuais como a produção e a recepção.

Uma outra abordagem de texto é feita por van Dijk (1981), o qual designa de texto às formas particulares de enunciados da linguagem, quer se apresentem de forma falada ou escrita.

Sobre o texto na obra literária, Aguiar e Silva (1988:75) escreve que a obra literária constitui o resultado de um fazer, de um produzir que, embora sendo também um processo de expressão, é necessária e primordialmente um processo de **significação** e de **comunicação**, daí a sua constituição em texto. Como entidade semiótica, o texto pode-se definir como um conjunto permanente de elementos ordenados, cuja presença, interação e função são considerados por um codificador e/ou decodificador como regulados por um determinado sistema sógnico (Idem:562).

Ainda de acordo com Aguiar e Silva (Idem:75), "o texto literário, como qualquer outro acto significativo e comunicativo, só é produzido e só funciona como mensagem num específico circuito de comunicação, em virtude da prévia existência de um código de que têm conhecimento um emissor e um número indeterminado de receptores".

A consubstanciar esta perspectiva, onde não se perde de vista a relação produtor/receptor (falante/ouvinte ou escritor/leitor) do texto, Mateus et al (1989:134) consideram que constituem ingredientes presentes, explícita ou implicitamente, no objecto texto, a **materialidade linguística**, isto é, a língua natural em que está configurado este objecto; os **códigos simbólicos** em presença na formação social em que é



produzido, circula e é interpretado; os **processos cognitivos** com que a sua estruturação deve ser conforme para que produza sentido, e as **hipóteses e pressuposições** do locutor sobre o saber que ele e o alocutário partilham acerca do mundo. São incluídos neste saber a experiência anterior de um e de outro (da qual faz parte o conhecimento anterior de textos já produzidos) e o(s) assunto(s) do próprio texto. O assunto do texto pode ser obtido através da leitura. Após a sua obtenção, serve de pressuposto ao entendimento de passagens novas que se vão apresentando no interior do próprio desenvolvimento textual.

O texto, tal como muitas vezes se apresenta actualmente, foi também produzido em épocas anteriores obedecendo a determinados critérios de que se serviam os autores, consciente ou inconscientemente. Esses critérios possibilitaram a construção dos textos onde é notória uma certa organização formal. A essa organização formal se chama **TEXTURA** ou **TEXTUALIDADE**.

2.3.2 O Conceito de Textura (Ou Textualidade)

De acordo com Aguiar e Silva (1988:635), a textura é a organização formal que possibilita instituir conexidade, relações coesivas entre as entidades textuais, suturando adequadamente a sucessão dos enunciados, assegurando a continuidade e a progressão informativas, construindo a "tessitura" que o texto (*textus*) é". Segundo ainda este autor, citando Ruqaiya Hasan, textura é o termo técnico usado para referir o facto de as unidades lexicogramaticais que representam um texto estarem muito unidas - que existe coesão linguística dentro de uma passagem ou trecho. Ainda nesta óptica, Halliday-Hasan

(1976), afirmam que o determinante primário por forma a que um conjunto de frases constitua, ou não, um texto, depende das relações coesivas dentro e entre as frases, que é o que cria a textura.

Para Fonseca (1992:8), a textura consubstancia-se nos traços que fazem de um produto verbal um todo semântico unificado, como tal funcionando globalmente numa situação de comunicação,, em que se inscreve por forma adequada. Por isso, o texto surge na visão de Halliday-Hasan (1976) basicamente como um continuum de significado em contexto, uma unidade de língua em uso - independentemente da sua extensão.

Ainda de acordo com Fonseca (pp. 8-9), Halliday-Hasan (1976) procuram levantar os recursos de que dispõem as línguas e que transparecem especificamente no texto, distinguindo-o de uma sequência desconexa de frases. É nesta base que é reconhecida a existência de uma textura externa e de uma textura interna. Vejamos pois como estes dois conceitos são definidos.

2.3.2.1 A Textura Interna

De acordo com Halliday-Hasan (1976), a "Textura Interna" diz respeito à organização sequencial intrínseca do texto, à sua sintagmática imanente, e manifesta-se em três níveis diferenciados:

(i) ao nível **supra-Enunciado**, como a <<"macroestrutura" do texto, que torna o texto de um tipo particular - conversação, narrativo, correspondência comercial e por aí>> (p. 324), ou seja, como "a estrutura do discurso".

(ii) ao nível do **Enunciado** (ou **intra-Enunciado**), como "a estrutura textual que é interna à frase" (p.324), ou seja, certas dimensões da organização interna do Enunciado considerado "na sua função como a realização do texto", referindo-se Halliday-Hasan à organização do Enunciado em **Tema/Rema** e também em termos de articulação de unidades de informação "conhecida" ou "dada" e "não conhecida" ou "nova".

(iii) ao nível **Inter-Enunciados**, como complexo de laços semânticos que conectam os enunciados (contíguos ou não-contíguos) - nexos que preenchem o que designam de **COESÃO**, *tomada em sentido estrito*.

Estes autores sublinham, porém, o facto de haver uma forte interconectibilidade entre a "textura interna" e a "textura externa", e a separação entre ambas se verificar apenas a nível metodológico. Assim, o leitor ou o ouvinte não procede à sua separação quando responde inconscientemente a uma passagem da fala ou escrita.

2.3.2.2 A Textura Externa

Segundo Halliday-Hasan (1976), citados por Fonseca, cabe na Textura Externa tudo o que respeita aos factores externos que afectam a escolha linguística que o falante ou o escritor fazem, o que tem a ver com a natureza da audiência, do *media*, do propósito da comunicação. É a partir dessa escolha que o texto revela uma consistência própria, concretizada, por um lado, basicamente numa continuidade temática e, por outro, numa certa uniformidade ou homogeneidade no que diz respeito a aspectos variados, nomeadamente, ao nível de língua e ao "género"

(ou 'rethorical form'). Esta formulação dá claramente a entender haver uma ligação do texto com o contexto em que é produzido, o que na óptica de van Dijk (1981) tem a ver com uma interacção entre o texto e o contexto sociocultural. Segundo este autor, as situações sociais, as categorias de participantes e as regras, normas e convenções a observar nestas situações definem, em conjunto, quem pode ou deve dizer o quê, em que momento e de que maneira. A nossa comunicação textual com as instituições é assim regulada mediante normas estritas.

Estes instrumentos teóricos irão permitir-nos encarar a análise dos textos de forma mais segura e escolher o método que seja mais adequado aos propósitos que pretendemos atingir. O primeiro passo, sem dúvida, é a leitura dos textos. É preciso notar, segundo escreve Reis (1981:30), que as diversas leituras a que pode submeter-se um texto literário são os diversos caminhos que podem ser percorridos pelo crítico ou analista, no sentido de fazer sobressair, de modo disciplinado, as potencialidades que, no âmbito de estudos privilegiados, esse texto faculte.

CAPÍTULO III

3. APRESENTAÇÃO DO CORPUS

O nosso corpus é constituído por 4 textos, sendo todos eles relatórios. Estão assim distribuídos por autores:

- Joaquim Carlos Paiva d'Andrada, Major de Estado-Maior de Artilharia. Este texto será doravante designado de REL1. Tem como título RELATÓRIO, contendo 8 páginas. Foi produzido a 27

de Outubro de 1887 em Lourenço Marques e publicado no B.O. N° 1, de 7 de Janeiro de 1888.

- Joaquim Barbosa Lopes Lobo, Capitão-Mór. Doravante **REL2**. Tem como título "Capitania-Mór das Terras Firmes - **RELATÓRIO**", contendo 4 páginas. Foi produzido a 14 de Outubro de 1888 em Ampapa e publicado no B.O. N° 44, de 3 de Novembro de 1888.

- José Casaleiro d'Alegria Rodrigues, Residente-Chefe. Doravante **REL3**. Tem como título "Terras de Gaza - **RELATÓRIO** do Residente-Chefe...", contendo 5 páginas. Foi produzido em Mossurize a 31 de Dezembro de 1887 e publicado no B.O. N° 6, de 11 de Fevereiro de 1888.

- Claudino Augusto Carneiro de Souza e Faro, Tenente-Coronel Inspector das obras públicas em África. Doravante **REL4**. Tem como título **RELATÓRIO**, contendo 7 páginas. A sua produção ocorreu na Ilha de Moçambique a 25 de Fevereiro de 1888 e foi publicado no B.O. N° 9, de 3 de Março de 1888.

Os textos que recolhemos do "Boletim Oficial", em número de 4, são os que, na nossa óptica, apresentam mais elementos de análise. De referir que dois dos relatórios, nomeadamente o REL1 e o REL2 fazem referência a campanhas militares e os outros (o REL3 e o REL4) a caracterização da terra, num caso, e das impressões colhidas na sequência de uma vivência mais ou menos prolongada no seio de uma corte africana, noutro caso. A escolha destes textos teve como base o facto de apresentarem mais ou menos a mesma forma (são todos relatórios), mais ou menos o mesmo

conteúdo e contribuírem para perceber os mecanismos usados para representar a alteridade.

3.1. O Elemento "ESPAÇO"

A construção do elemento "espaço" nos textos do nosso corpus faz-se principalmente pelo uso de lexemas toponímicos. O que ocorre, na verdade, é a representação do espaço através de signos generalizantes que fornecem ao destinatário uma espécie de ícone que lhe permita imaginar um local, um espaço, uma fracção da realidade espacial em que as representações das figuras humanas, as entidades predicáticas, se movimentam ou a que se referem. A leitura dos textos do nosso corpus permite descortinar a intenção do autor/narrador de indicar ao destinatário, através de signos que delimitam ou indiciam os mínimos lugares, os espaços pontuais e localizáveis, uma configuração espacial mais específica e determinada que lhe permita identificar com maior precisão lugares, recantos e posições físicas que possibilitam imaginar todo o cenário envolvente de uma atmosfera. Os signos de que falamos atrás são, para o nosso caso, lexemas de identidade imediata, isto é, lexemas que se referem a algo com existência verificável, decifrável. É assim que encontramos aliunde a indicação do espaço por meio de referência a nomes de rios e aringas, vilas e povoados e também de pontos geográficos específicos (há aqui uma predominância do uso da toponímia relativamente a outras formas de localização espacial).

O "efeito de real" conferido ao discurso pela referência aos espaços físicos, aliado ao traço das entidades predicáticas, permite a visualização do palco onde se jogam emoções, simbolizações ou acontecimentos (Laranjeira, 1995:373), e a

importância que isso tem para o nosso caso é que a partir de um conhecimento intrínseco do real, do concreto, a entidade que tinha esse dever poderia avaliar positivamente a situação de tal modo que quaisquer planos futuros sobre o espaço em causa fossem feitos com um conhecimento muito próximo do real. Tomemos, apenas como exemplo, um trecho do REL1:

"Ao sul do Zambeze e ao poente do Luenha o paiz comprehendido por uma grande extensão entre estes dois rios e o Mazoe, estava ocupado por gente do Bonga, que n'elle tinha construido a aringa do pondoro Caterusa, com grande atrevimento, mesmo na visinhança da villa de Tete..." [p. 10].

Os elementos sublinhados dizem respeito ao espaço onde decorreu a campanha militar narrada neste texto. É fácil distinguir os principais elementos componentes desse espaço que eram os rios e as aringas.

Além dos topónimos, é visível um esforço para facilitar o trabalho de localização espacial com base em pontos cardiais (sul, poente ...), acidentes geográficos (baía), etc.

Para além destes elementos de construção espacial, o próprio espaço é apresentado como sendo uma terra generosa, com potencialidades que não eram de desprezar. O relatório sobre a corte de Gaza [REL3], por exemplo, põe em destaque o facto de nas terras de Gungunhane haver produção de milho fino e grosso, meixoeira, feijão, jugo, batata-doce, mandioca, abóbora e algum arroz. Destaca também a caça intensiva do elefante para extracção do marfim, o que fez com que tal riqueza começasse a rarear e o Gungunhana se apropriasse do pouco que era conseguido. E fala também da borracha que se extraia para exportação no território compreendido entre Lourenço Marques até Sofala.

Merecem referência no relatório sobre as terras de Gaza o facto de haver muito gado bovino. Ex: REL3, de 11/02/1888, página 85.¹

Certas porções do território são apresentadas como tendo a capacidade de produzir tudo quanto se produz na Europa....²

As descrições feitas por Claudino Augusto Carneiro de Souza e Faro sobre a baía de Tungue são produzidas de forma a convencer o destinatário da imperiosa necessidade de se avançar para a ocupação efectiva daquele território perante a hipotética ameaça árabe vinda de Zanzibar, não se coibindo o autor de emitir as suas próprias opiniões. Igualmente aqui, a terra é apresentada como próspera desde que se aplicassem os meios adequados necessários a essa prosperidade. O exemplo do REL4, é elucidativo.³

Aqui é visível um esforço para convencer as autoridades a investirem nessa terra e propiciarem o florescimento do comércio legal. Como subsídio desse esforço, é apresentado um conjunto de culturas que são cultivadas com recurso a métodos muito rudimentares, sinónimo do atraso da região. Compara-se, por exemplo, o facto de na Índia se dar 99 utilidades ao coqueiro

¹ REL3, Página 85: "Abunda este território em gado bovino, mas com poucas excepções, só é possuído pelo régulo, seus parentes e alguns grandes. (...). O Gungunhana tem gado em diferentes pontos, sendo os principais curraes: no Bilene, Save próximo a Chiloane, e dividido por grande porção de povoações em volta da povoação principal".

² REL3, Página 85: "Os terrenos que mais se prestam, tanto para a produção de tudo o que se dá na Europa como para a colização, são os compreendidos entre os rios Save e Púngoe, de seis dias de caminho do litoral para o interior (...). Os terrenos junto à costa produzem trigo, e dizem os habitantes de Sofala, que já em tempo houve esta cultura, sendo o trigo de muito boa qualidade".

³ Página 150, REL4: "A agricultura podia ser ali um excelente manancial de riqueza e prosperidade, se os seus habitantes soubessem aproveitar os terrenos apropriados às diversas culturas, os quais responderiam com a fecundidade aos seus esforços bem dirigidos".

enquanto por cá tais utilidades ou eram desconhecidas ou as plantas eram sub-aproveitadas. Nada como isto para constituir um veemente apelo para que se prestasse mais atenção aquela região. Conhecidas as necessidades e os recursos da região, o que seria de esperar de quem tinha esse dever era uma reacção positiva no sentido de resposta ao apelo.

No nosso corpus nao faltam referências, implícitas ou explícitas, ao facto de a terra ser exuberante. Esta é uma retórica que remonta dos primeiros cronistas dos descobrimentos, que falavam num pretenso "paraíso terrestre". De acordo com Ferronha na obra **O CONFRONTO DO OLHAR** (1991), até ao séc. XV a maioria dos mapas geográficos situa o paraíso terrestre no Oriente (esta formulação tem origem no Génesis) mas outros, de origem pagã, situam-no no Ocidente. Os mitos africanos sobre a época paradisiaca são resumidos assim por Bauman: "nesse tempo, os homens não conheciam a morte; compreendiam a linguagem dos animais e viviam em paz com eles; não trabalhavam e encontravam ao alcance das suas mãos uma alimentação abundante". (Ferronha 1991:143-144).

O tópico da exuberância da terra é a florado tanto no REL3 que se debruça sobre as terras de Gungunhana como no REL4. No REL3, por exemplo, a abundância de gado é referida em termos que não deixam margem para dúvidas quanto a esse facto.⁴

E sobre a terra e a flora, as referências também são esclarecedoras. O exemplo mais adequado pode ser encontrado no REL4, página 148.⁵

⁴ EX: Página 85, REL3 "Os povos do litoral, com especialidade os que ficavam entre o Save e o Buze, possuíam grande quantidade de gado bovino, lanigero e cabrum (...). A abundância de gado era tal, que vendiam uma vacca por uma peça de fazenda de 4 braças e um boi por duas braças".

⁵ EX: "Mais a montante, a arborização apresenta-se mais vistosa e variada, intermeiada de palmeiras de diversas espécies, de mangueiras e outras árvores de fructo".

Nos nossos textos, também é visível a construção da imagem típica da abundância, característica do paraíso. A página 150 do REL4 é disso elucidativa.⁶ No exemplo desta página, está patente, mais uma vez, o tópico da fertilidade da terra que propiciaria um grande desenvolvimento, que só não estava tendo lugar devido ao facto dos seus ocupantes (os Africanos) não saberem aproveitá-la adequadamente. Para além disso, esta questão é de algum modo co-relacionada com a preguiça do preto. Veja-se o exemplo de um trecho do REL3:

Ex: página 85:

"O preto natural d'este paiz, é indolente e preguiçoso. Só trabalha obrigando-o".

Partindo do principio de que ninguém pode viver sem se alimentar, então se o preto cultivava a ociosidade, a indolência e a preguiça é porque tinha ao seu alcance comida abundante, que não precisava de cultivar. Assim se solidificou ao longo dos anos esta concepção da preguiça do preto, que é também um dos marcos negativos da representação do Outro, em particular do NEGRO.

3.2. AS PERSONAGENS

A descrição das personagens concretiza-se particularmente através de lexemas adjectivais. Assim, podemos agrupar os termos com que são caracterizadas as personagens do seguinte modo:

⁶ EX: "A agricultura podia ser ali um excellente manacial de riqueza e prosperidade, se os seus habitantes soubessem aproveitar os terrenos apropriados às diversas culturas, os quaes responderiam com a fecundidade aos seus esforços bem dirigidos".

Personagens	Termos de descrição	Texto
Africanos-Negros	rebeldes, inimigos, desertores, cafreais, facinoras, ladrões, salteadores, perigosos, ociosos criminosos, infames, insensatos nómadas, sanguinários, pretos, assassinos, indolentes, terroristas, traiçoeiros, preguiçosos, inteligentes, educáveis, guerreiros.	REL1
		REL2
		REL3
Europeus	valentes, leais, honrados, corajosos, briosos, gloriosos, valorosos, enérgicos, bravos, prodigiosos, civilizadores.	REL1
		REL2
		REL3

As personagens dos nossos textos, particularmente o REL1 e o REL2, que são mais profícuos na referência que fazem às personagens, estão divididos em dois campos diametralmente opostos. Por um lado estão os portugueses (oficiais, sargentos e praças, mas em número diminuto), os capitães-mores e os cypaes. Do outro lado estão os chefes africanos que ainda não tinham sido submetidos à coroa portuguesa. Por vezes se faz uma pequena referência aos civis mas somente para os apresentar como vítimas da sanha sanguinária dos chefes africanos. Isso é visível tanto no REL1 como no REL2.

É por meio destes termos que os europeus descreviam os Africanos. Mas será que essa descrição correspondia mesmo à realidade? Para tentarmos encontrar uma saída para esta problemática, será importante analisar o modo como o autor/narrador captava a realidade que depois descrevia no texto. Não nos parece que a base dessa percepção fosse apenas o mundo físico. De acordo com Kosik (1977:29), "o mundo físico como modo tematizado de conhecer a realidade física, é apenas uma das possíveis imagens do mundo que exprimem determinadas

propriedades essenciais e aspectos da realidade objectiva. E a apreensão da realidade, do objecto, faz-se sempre no horizonte de um determinado todo. Assim, cada objecto percebido, observado ou elaborado pelo homem é parte de um todo".

Esta reflexão pode, em certo sentido, explicar o facto de, mesmo nos finais do séc. XIX, segundo a leitura dos textos deixa perceber, conceber-se o tal todo em termos da globalidade das sociedades não europeias, e que as variações que se verificassem, por exemplo, entre as sociedades autóctones da América e da África se devessem simplesmente a factores que não diluam o seu estatuto comum de sociedades "selvagens", possuidoras de usos e costumes mais ou menos semelhantes. Assim, a concepção da realidade africana pode ter sido também determinada pelo conhecimento, como reprodução intelectual da realidade, de outros quadros vivenciais congêneres a este. E aqui é mais do que evidente a dimensão psicológica do tal conhecimento da realidade como trampolim para a percepção e captação do "Outro" e da sua psique pelo ego.

Partindo do princípio, portanto, de que as viagens de descobrimentos já haviam iniciado antes do momento de produção dos textos que constituem o nosso corpus, parece-nos natural que desde então se tenha acumulado algum saber sobre o comportamento e o modo de ser dos povos que os descobridores designavam de "primitivos", e não espanta que tal saber tenha sido utilizado para tentar "visualizar" o indígena africano, extrapolando em determinadas ocasiões constatações de um meio para o outro.

A descrição das personagens do nosso corpus cumpre um papel óbvio de estigmatização do Africano-Negro, enquanto por outro lado procura apresentar os que estavam do lado da coroa (particularmente os europeus) envoltos numa aura naturalmente

oposta àquela dos Africanos, adicionado a um esforço para legitimar as suas acções em defesa da coroa portuguesa.

3.3. O TEMPO

Há a assinalar, em primeiro lugar, que os textos do nosso corpus têm como escopo o período que vai de Outubro de 1887 a Outubro de 1888. Assim, qualquer referência ao tempo abrange necessariamente este período.

Ex: "Esta força desembarcou nas praias de Mossuril em 27 de Agosto findo pelas 8 horas (a.m.) onde permaneceu, retirando nós todos depois para Natule por haver ali uma fortificação passageira que garantia à columna de operações a segurança necessária à demora que ainda devia existir". B.O. nº 44, de 3/11/1888, página 661.

As referências ao elemento **TEMPO** são mais do que precisas e indicam a rigidez com que este tipo de textos eram produzidos, de modo que nenhum pormenor escapasse ao olhar prescrutante do autor.

Este procedimento ganha a sua importância no facto de permitir uma conexão entre a escrita e a leitura, de tal forma que o destinatário, mercê do jogo de precisão que é característico da descrição do elemento **TEMPO** no nosso corpus, consegue fazer uma distinção muito clara entre o tempo real referido pelo texto e o tempo do discurso que é produzido pelo universo textual. A relação que se estabelece aqui entre a escrita e a leitura é de complementaridade, visto que sem leitura não há concretização da escrita. O destinatário, ao ler um texto dotado de todos os traços que permitem estabelecer conexões com a realidade (e aqui se inclui o tempo), senão mesmo tomar o universo textual como sinónimo da própria realidade, fica com uma imagem mais "realística" das referências existentes no universo textual.

3.4. A TEMÁTICA

Como foi referido anteriormente, a temática que os textos do nosso corpus apresenta versa principalmente o processo de "pacificação" e ocupação do país, e esse tema é mais facilmente aflorado com a leitura dos textos na sua globalidade.

Directamente relacionado com este tema, encontramos um verdadeiro manancial descritivo a partir do qual o leitor fica com uma ideia sobre o pensamento dos europeus, isto é, a sua visão sobre o modo de vida, o comportamento e os hábitos e costumes dos Africanos. Estes subtemas, assim os podemos considerar, juntamente com o tema principal, constroem um universo objectivo onde a terra e os homens são os principais protagonistas e ao mesmo tempo o objecto desse empreendimento que era a conquista colonial. Portanto, não se pode falar propriamente de um único motivo temático já que, intencional ou acidentalmente, mais por aquele do que por este motivo, os autores acabam se referindo a vários aspectos da vida dos Africanos e também das campanhas militares que visavam "pacificá-los" e submetê-los à fé cristã. A intencionalidade aqui referida tem muito a ver com a necessidade que então existia de descrever o mais minuciosamente possível todos os aspectos que de alguma forma contribuissem para um conhecimento cada vez mais aprofundado da terra e dos homens que os europeus iam subjugar e colonizar.

3.5. OS ELEMENTOS DESCRITIVOS

Os elementos descritivos são mais evidentes em REL3 e REL4, textos que se debruçam não propriamente sobre as campanhas

militares mas sobre a vida na corte de Gungunhana e as impressões de uma viagem de exploração do autor do REL4, assunto que voltaremos a tratar.

As descrições e narrações contidas nos textos constroem uma polaridade entre o narrador e o mundo objectivo, apesar de em certas passagens o narrador fazer as suas próprias reflexões e juízos de valor sobre os factos que está a narrar. É nesses momentos que fica patente a natureza ideológica do seu discurso, virado para a estigmatização de determinadas personagens (particularmente os negros), que são, afinal, as personagens-chave de todo o conjunto de situações que são narradas nos textos.

Mostra-se pertinente fazer referência ao facto de os textos do nosso corpus fazerem parte da designada "parte oficial" do B.O.. Essa particularidade demonstra que, ao serem publicados sob a chancela oficial, vem, mais uma vez, levar-nos à percepção do seu papel de relatores das vicissitudes do próprio processo de ocupação colonial bem como da sua contribuição "oficial" para a cristalização das ideias que os primeiros cronistas dos "descobrimentos" fizeram circular sobre os povos negros e a sua terra.

Esta maneira de ver o texto, tomado no contexto da situação histórica específica em que foi produzido, põe de lado o postulado de que a língua (com que o texto é produzido) deve ser pensada em termos da sua neutralidade ideológica porque esta desaparece pois, ao obrigar a um aprofundamento da História, a Linguística "inaugura o campo novo da semântica histórica como busca do sentido através da linguagem" (Dupront, A. cit. de Régine Robin 1973:78). Todo o texto, portanto, é portador de uma

ordem no mundo que lhe é específica, de uma ordem a ser decifrada.

É preciso não perder de vista também que o corpus do nosso trabalho emana de autores engajados em meios sociais precisos, têm um contexto, no duplo sentido do termo: contexto intra-textual, em primeiro lugar sintagmático, pelo qual a palavra faz sentido, e contexto extra-textual, em seguida, que funda o funcionamento social do sentido (Robin, 1973:78).

CAPÍTULO IV

4. EM TORNO DO CORPUS TEXTUAL

Para tentarmos compreender a análise que será feita em torno do corpus, importa que nos debrucemos primeiro sobre as primeiras imagens que os primeiros contactos entre europeus e Africanos proporcionaram aos autores dos vários textos existentes sobre esta matéria.

O EU E O OUTRO

Que imagem tinham os europeus, nomeadamente os portugueses, sobre o Africano antes dos contactos? José da Silva Horta, na obra *O Confronto do Olhar*, escreve que "a imagem anterior permite avaliar o peso dos referentes culturais dos viajantes, nos seus primeiros olhares sobre o Africano, os quais constituem-se como um código de que fazem parte classificações várias, estereótipos, lugares-comuns e valores (...). Portanto, os

povos extra-europeus se valorizam ou desvalorizam com base neste código referencial, na imagem que deles se constrói, se aproximam ou se afastam do padrão que o Ocidente cristão para si mesmo definiu e de que não abdica. O Negro, e o Africano em geral, não obstante as características próprias da sua imagem, é assim um dos alvos dessa atitude profundamente etnocêntrica" (Horta, 1991: 43-44). No entanto, extrapolando estas reflexões para o caso dos textos do nosso corpus, tal como também Horta verificou nos textos que estudou, notamos que "o peso do código referencial faz-se sentir na representação do Outro, mas vai sofrendo, progressivamente, as modificações e adequações resultantes do confronto com o real".

Como se pode depreender, houve uma espécie de categorização do Outro anterior aos contactos. Ferronha (1997:134) cita G. Cocchiara como tendo escrito que "antes de ser descoberto, o "selvagem" foi primeiro inventado".⁷ Essas categorias são actualizadas, isto é, são confirmadas ou não, com o início dos contactos e para os finais do séc. XIX, que é o período coberto pelos textos do nosso corpus, tal conhecimento é reutilizado, explícita ou implicitamente, para representar os povos que à luz de determinados códigos - a alimentação, o vestuário, a habitação, os meios de defesa, a organização social, etc - se considera estarem no limiar Homem/Animal, entre a racionalidade e a bestialidade. É assim que podemos considerar os autores dos nossos textos sob o prisma de um conhecimento antecipado, mesmo que não correspondente à realidade, sobre os povos com que foram entrando em contacto. Afinal, outros lhes tinham precedido e, digamos, haviam desbravado o caminho para os que lhes foram sucedendo.

⁷ Citado por Mircea Eliade, **MITOS, SONHOS E MISTÉRIOS**, p. 29.

Portanto, um certo conhecimento sobre o Outro já existia e podemos desde já afirmar que os textos do nosso corpus e seus autores falam de um espaço e de gentes que não lhes eram de todo desconhecidos. O reencontro que ocorre permite-lhes confirmar certos dados, deixar de lado outros . mas, mais importante ainda, tomar consciência da existência, de facto, do Outro pelo contacto directo com ele.

A mensagem textual que os textos do nosso corpus veiculam pode ser analisada e interpretada sob uma perspectiva literária, sabido que é que a sua concretização se fará por meio de leitura e a leitura, sendo um processo de descodificação do texto escrito, vai proporcionar um enriquecimento semântico ao texto que é concretizado.

Hernani Cidade, na sua obra intitulada *A Literatura Portuguesa E A Expansão Ultramarina*, de 1943, refere o facto de muitos escritores dos descobrimentos terem tentado justificar e defender a expansão portuguesa com a invocação de Deus, que neste caso aprovaria os descobrimentos e as conquistas. As violências resultantes desse processo estariam assim desculpadas pelos objectivos religiosos que transcendiam os egoísmos desencadeados. Cidade aponta Zurara como um bom exemplo desse tipo de escritores, pois afirma que este fez modificações e embelezamentos à realidade histórica para que mais eficiente fosse a lição moral a tirar dos seus escritos. Idêntica intenção pode ser verificada nos autores dos relatórios do nosso corpus. De acordo com Cidade, cumpria erguer um herói modelar, todo consagrado ao serviço de Deus (...), que buscasse sempre melhoria por que sua honra seja acrescentada entre os feitos dos nobres, assim na terra como fora dela". E acima deste

ideal, segundo ainda Cidade, alto mas ainda humano, põe Zurara a finalidade a que se ordena e o sagra - o serviço de Deus na terra, que incumbe a cristãos submeter-lhe toda".

Este tipo de arrazoado foi o que levou a uma espécie de justificação religiosa para a conquista, e à convicção da classe dirigente portuguesa, na esfera temporal como espiritual, da superioridade do seu direito de cristãos e da certeza de que Deus protegeria a força, que não lhes faltava, para efectuar o plano de conquista.

Um exemplo elucidativo é o que se pode encontrar no REL3, página 87, onde a dimensão espiritual/religiosa da conquista é colocada em relevo.⁸

A família africana é, neste âmbito, considerada um factor negativo na educação das crianças sob o ponto de vista do europeu, de tal sorte que o afastamento das crianças do convívio familiar é considerado condição essencial para fazê-las transitar da dimensão das crenças, hábitos, usos e costumes do seu meio para a dimensão considerada mais consentânea com o viver sensato que era a conversão aos costumes e religião cristãs.

É este o contexto geral sob o qual devem ser vistos os textos que compõem o nosso corpus, cuidando no sentido de não nos esquecermos do facto de nos estarmos a debruçar sobre um corpus textual produzido nos finais do séc. XIX.

⁸ EX: Página 87.REL3: "(...); É preciso preparar-lhes (os pretos) o espírito e despol-os a receberem a nossa religião, que elles só comprehenderão depois d'uma educação bem dirigida d'esde creanças, tirando-os do convívio das famílias. É assim que eu entendo a educação do preto, e d'outra forma nada se conseguir de proficuo".

4.1.A DIMENSAO ANALÍTICO/INTERPRETATIVA DOS TEXTOS

De acordo com Reis (1981:39), ao se analisar um texto "deve-se tomar uma posição racional e uma atitude objectivamente científica em que os elementos textuais devem predominar sobre a subjectividade do sujeito receptor" e, considerando o texto (literário) um todo de variável extensão, Reis preconiza "a análise como uma atitude descritiva que assume individualmente cada uma das partes do texto, tentando descortinar depois as relações que entre essas distintas partes se estabelecem".

A análise de um texto implica um prévio processo de leitura para conhecimento das linhas de orientação do próprio texto. Essa leitura permitiu-nos constatar os seguintes aspectos:

4.1.1. O DESTINATÁRIO

Um aspecto a destacar da leitura dos textos é a existência de um destinatário específico do texto. O destinatário aqui não é uma personagem de um universo ficcional criado pelo próprio texto mas uma pessoa real ocupando um cargo público, normalmente superior ao do autor. É, portanto, a este superior que o texto é dirigido. O sujeito a quem o texto é dirigido recebe um tratamento formal, consubstanciado pelo uso de termos de reverência como Illmo, Exmo e V. Excia.

Pela leitura dos textos, depreende-se que os relatórios eram geralmente dirigidos ao sr. Conselheiro Governador-Geral da Província de Moçambique ou, na ausência deste, ao Secretário do Governo-Geral.

Este aspecto reveste-se de uma importância particular na medida em que, ao construir o texto para um destinatário

específico, real, o autor fá-lo dentro de determinados parâmetros, seja para conquistar a simpatia do destinatário (e quem sabe a partir daí tirar vantagens) seja para atender aos objectivos a que a produção deste tipo de textos conduzia. Também não é de desprezar o facto de o autor seleccionar para a construção do texto material linguístico mais elaborado, para além de procurar retratar apenas o essencial mas com grande riqueza de pormenores, abstendo-se de tecer considerações pessoais. Assim o exige um texto como o relatório mas para o nosso caso temos várias passagens dos textos onde a opinião do autor/narrador está explícita. No entanto, esse facto não dilui os propósitos primários da construção textual que são de fazer um retrato o mais fiel possível à realidade. Ademais, quem escrevia sabia que a expectativa do leitor/destinatário requeria o cumprimento das convenções e normas que presidiam à produção dos relatórios, e provavelmente, para obter crédito junto dos seus superiores, podia ser tentado a escrever aquilo que eles queriam ler.

4.1.2. O NARRADOR

Para efeitos do nosso trabalho, vamos partir do princípio de que aquele que enuncia um relatório é um "Relator". Desta forma, a categoria de "Relator" pode ser equiparada, para o nosso caso, com a de Narrador, pois ambos desempenham as mesmas funções a nível do universo textual.

Em primeiro lugar, há que fazer distinção entre Narrador (Relator) e Autor. Segundo Reis & Lopes (1990:249), se o Autor corresponde a uma entidade real e empírica, o Narrador deve ser entendido fundamentalmente como o autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso como protagonista da comunicação narrativa. Entretanto, o

nosso corpus, sendo constituído por textos não propriamente ficcionais apesar de conterem alguns dos seus elementos (resultantes, possivelmente, da fantasia do autor textual ou da tentativa de colocar em relevo algum aspecto particular), tem a particularidade de os relatores/narradores serem os autores reais e empíricos dos textos. Neste plano, portanto, autor e narrador confundem-se. Assim, o narrador projecta as atitudes ideológicas, culturais etc do autor, mesmo que para isso use estratégias ajustadas à representação artística dessas atitudes.

Pela leitura dos textos do nosso corpus, foi possível constatar que os narradores têm um carácter **Homodiegético**. Segundo a terminologia proposta por Genette (1972:252 ss) citado por Reis, **Narrador Homodiegético** é a entidade que veicula informações advindas da sua própria experiência diegética, isto é, tendo vivido a história como personagem, o narrador retirou daí informações de que carece para construir o seu relato, assim se distinguindo do narrador heterodiegético. Tem também a particularidade, que o distingue do narrador heterodiegético, de ter participado na história não como protagonista mas como figura cujo destaque pode ir da posição de simples testemunha imparcial a personagem secundária estreitamente solidária com a central. Algumas passagens do Relatório do Major Joaquim Carlos Paiva d'Andrada (o REL1) corroboram esta constatação.⁹

O emprego que nessas passagens se faz da 1ª pessoa do singular, que é uma das principais características do narrador homodiegético, prova que o autor/narrador participa da história. Cremos que há uma explicação plausível para este facto. Merecem mais confiança relatos feitos na 1ª pessoa pelo próprio sujeito que participou da história, do que relatos em 2ª mão.

⁹ Ex: página 9:

"Em primeiro lugar [...], (eu) direi como em torno d'elle estavam dispostas as nossas forças, depois dos trabalhos preparatórios que tiveram lugar no mês de maio (...)"

O REL3, versando sobre as Terras de Gaza, tem um carácter algo diferente se comparado com o REL1. Este tem mais características descritivas e também elementos de caracterização que nos remetem para a questão da construção da imagem do Africano e do moçambicano autóctone em particular (o negro, diga-se de passagem). Não centrando em si o protagonismo da acção, o narrador homodiegético limita-se a descrever as suas constatações a respeito daquilo que viu nas suas viagens e na sua convivência com a corte de Gungunhana.

O REL4 também segue uma linha idêntica à do REL3, caracterizando-se, porém, por uma descrição sucinta da terra vistoriada por parte do autor, e fazendo inclusive algumas recomendações sobre os locais mais estratégicos para implantação de colonatos e feitorias militares. O trecho da página 146 é disso esclarecedor.¹⁰

A este exemplo vem se juntar o seguinte, que nos mostra como um plano de ocupação e estabelecimento podia começar com uma simples visita de prospecção.¹¹

Os exemplos aqui apresentados mostram que o propósito de ocupação do território era o que guiava quaisquer projectos iniciais que visassem algum investimento no território, fosse em infra-estruturas fosse em meios humanos.

¹⁰ Ex: "Sob o ponto de vista estratégico, também não se recommenda aquele local (Palma, N.A.) por ser dominado pelas terras vizinhas mais altas que devem ser consideradas como pontos perigosos, conforme a designação usada em fortificações, dos quaes não será fácil desafiar".

¹¹ Ex: REL4, Página 146: "Se de há muito indiscutível a necessidade de um pharol no Cabo Delgado, (...) é claro que depois da conquista realizada pelas armas (...) a imediata collocação do pharol impõe-se como uma necessidade inadiável, pois sem dúvida é a nossa affirmação de poder, e para a navegação e commercio uma das primeiras vantagens da nossa benéfica occupação".

Por fim, é preciso anotar que o REL2 destaca-se pela forma como narra os acontecimentos que tiveram lugar aquando das campanhas militares portuguesas contra os Namarraes, descrevendo minuciosamente as dificuldades que os militares portugueses e seus auxiliares africanos enfrentaram para levar de vencida a resistência dos grupos rebeldes que ainda resistiam à presença colonial.

A análise atenta do nosso corpus, principalmente daqueles textos que têm o seu enfoque sobre as campanhas militares, permite reconhecer neles "unidades narrativas organizadas em ciclos que são reconhecíveis dado o seu carácter de blocos semanticamente coesos e unidos por uma relação de solidariedade" (Reis 1990: 357). Estamos a falar de **SEQUÊNCIAS**. Assim, parece lícito e corresponder ao quadro desenhado pelas narrativas do nosso corpus tomar o conceito de **SEQUÊNCIA**, de Claude Bremond, que preconiza a existência de três fases do desenrolar de qualquer processo: virtualidade, actualização e acabamento, que correspondem, nomeadamente a, por exemplo, missão a cumprir, realização da missão e missão cumprida (ou, alternativamente, missão não cumprida). A seguir vamos ver como estes conceitos se aplicam para o nosso corpus:

Autor do Texto	Virtualidade	Actualização	Acabamento
Joaquim Carlos Paiva d'Andrada (REL1)	Tomar de assalto a aringa de Bonga e acabar com o seu reinado	Reunidas as necessarias forças, foram atacadas primeiro as aringas dependentes ou aliadas a Bonga e por fim a aringa principal.	Bonga foi derrotado e a autoridade portuguesa foi restabelecida (missão cumprida)
Joaquim Barbosa Lopes Lobo (REL2)	Atacar e derrotar os salteadores Namarraes	Imensas dificuldades para reunir forças para esta operação	A operação não foi realizada, tendo sido adiada para momento oportuno (missão não cumprida)

O nosso corpus é constituído por 4 textos, um dos quais se debruça sobre a terra (o REL4) e o outro sobre os Homens (o REL3). Os outros dois textos, apesar de focarem mais as campanhas militares, não deixam de fazer referência à imagem, reproduzida pelo narrador, que os colonos tinham sobre os Africanos. É considerando estes aspectos todos que nos vamos inteirar agora sobre a maneira como a sensibilidade do ocupante europeu apreendia a maneira de ser e de estar dos Africanos. A linguagem funcionou como veículo de exposição dessa imagem dos Africanos.

4.1.3. O HOMEM

Como ficou anteriormente demonstrado, quando os europeus aportaram a África já com o intuito de proceder à colonização,

traziam já alguma ideia sobre como era a terra e as gentes que iam encontrar no continente, fruto dos contactos feitos pelos primeiros europeus que chegaram a Africa é que deixaram as suas memórias registadas em crónicas. Foi também, em certa medida, com base nesses conhecimentos que se formaram juízos de valor com os quais eram avaliados os modos de ser, de estar e o próprio comportamento do chamado "selvagem". Este tipo de avaliação pode ser integrado naquilo a que Reis designa de **Registos de Discurso**, sendo o seu valor aqui mais de carácter **avaliativo**. Portanto, estamos aqui perante um discurso avaliativo, instrumento privilegiado da subjectividade.

O **ADJECTIVO** é a forma mais explícita de manifestação do discurso avaliativo, embora, segundo ainda Reis & Lopes (1990:342), certos substantivos, verbos e advérbios possam igualmente veicular uma ideia de apreciação ou um juízo de valor do locutor. É na esteira destas reflexões que podemos falar da **REPRESENTAÇÃO**, que não é mais do que "a relação de interdependência entre o representante e o representado, de tal modo que o primeiro constitui uma entidade mediadora capaz de concretizar uma solução discursiva que, no plano da expressão artística, se afirme como substituto do segundo que, entretanto, continua ausente" (idem:346). Assim, a principal forma de representação do Africano nos nossos textos está pejada de elementos qualificativos, concretizada através do uso intenso da adjectivação.

Vejamos, em primeiro lugar, como o sistema de representação foi usado por Joaquim Carlos Paiva d'Andrada no REL1:

Sobre os autóctones:

Invariavelmente, **PRETO** era o adjectivo mais usado quando se queria fazer referência ao natural do país (autóctone). Neste texto, a aplicação de tal expressão ocorre, dentre outros

trechos, na página 12,¹² e pode ser encontrada também na página 14.¹³

Sobre os autóctones, José Casaleiro d'Alegria Rodrigues, autor do REL3, também não foge muito do esquema de classificação de Paiva d'Andrada. Isso é visível tanto na página 86¹⁴ como na página 87¹⁵ do REL3.

Este tipo de caracterização tem origem mesmo na época dos primeiros contactos dos portugueses com os Africanos-Negros. A cor negra contribuiu sobremaneira para a construção de uma imagem negativa dos Africanos. De acordo com o que Horta verificou na obra *O Confronto do Olhar*, várias são as associações que os primeiros cronistas fizeram com a cor negra. Assim, o enegrecimento da pele simbolizava:

- morte
- aproximação da morte
- tristeza e sofrimento ligados à morte
- desgraça
- maldade
- pecado
- diabo.

Estes e outros valores negativos associados à cor negra feitos pelos primeiros cronistas dos chamados "descobrimientos" ajudaram a construir a primeira imagem, que em algumas formas persiste até hoje, do Africano. O termo **NEGRO**, usado para qualificar o

¹² EX: "Houve porém algum atraso na reunião d'esta força, porque é muito difícil fazer compreender a milhares de pretos a importância de uma data precisamente fixada com muitos dias de antecedência, (...)".

¹³ "(...) É preceito entre os pretos a absoluta abstenção de comunicação com mulheres durante toda a campanha (...)".

¹⁴ "Não sei em que se tem fundado alguns escriptores para afirmarem que o preto não é susceptível de educação e que não é intelligente".

¹⁵ Ex: "A educação do preto não consiste só em ensinal-o a ler e a escrever, e as raparigas a costurar (...)".

Africano, sofreu uma evolução ao longo do tempo e nos textos do nosso corpus encontramos já uma referência ao Africano como **PRETO**, sinónimo de negro mas com um valor pejorativo mais acentuado.

A caracterização do Africano como **PRETO** remete para aquele conjunto de imagens negativas a que a cor está associada e, por inerência, o próprio indivíduo.

Para a análise dos nossos dados, importa que nos debrucemos sobre a noção de redes de relações em que se estrutura o campo lexical a que está ligado o **PRETO** como indivíduo. Régine Robin cita o estudo sobre esta área de J. Dubois, o qual afiança que duas palavras, que tem as mesmas ligações nocionais ou temáticas (associações e oposições) constituem "equivalentes aproximados", substituíveis entre si no texto ou no corpus considerado (Robin 1973:156). O tipo de ligação que interessa para o nosso caso são as relações de associação. Vejamos pois as ligações que **PRETO** estabelece no corpus:

PRETO	associação	Incapacidade de compreender
-------	------------	-----------------------------

¹⁶

Este tipo de raciocínio é sustentado por aquilo que podemos designar de lugar-comum típico da imagem do Homem-Bestial (= selvagem): a desordem social, que resulta da ausência de regras, de um poder, de uma jurisdição. Este tipo de afirmação de alguma

¹⁶ O exemplo mais notável ocorre na página 12 do REL1:
"Houve porém algum atraso na reunião d'esta força, porque é muito difícil fazer compreender a milhares de pretos a importância de uma data precisamente fixada com muitos dias de antecedência".

forma vem cristalizar a ideia de contraste deste tipo de sociedade, a sociedade dita "selvagem" extra-europeia, com a ordem, a vida 'racional', humana e assente em leis e uma hierarquização do poder, que era o apanágio das sociedades "civilizadas" europeias.

PRETO

associação

Cafreal

¹⁷

O termo "cafres", do qual deriva "cafreal", é usado aqui no sentido de pessoa perversa, bárbara, ignorante e selvagem. Esta é uma das várias formas de caracterização dos autóctones que serviam para demarcar nitidamente a fronteira entre estes e os europeus.

Para além deste termo, o preto era muitas vezes associado a manifestações que os portugueses, na ausência de alguma forma de explicação que coubesse no seu horizonte de conhecimentos, interpretavam como sendo crenças mágico-religiosas:

PRETO

associação

Crenças Mágico-Religiosas

¹⁸

A explicação para este facto pode ser encontrada no sistema de valores com que qualquer sociedade é regida. Mesmo nas sociedades consideradas muito atrasadas, existe um sistema de valores que tem como função manter a coesão do grupo social, sob

¹⁷

Na mesma página 12 do REL1 encontramos o exemplo:

"Se este capitão-mór tivesse sido encarregado de, por si só, com os recursos cafreas de que dispunha, acabar com a butaca dos Bongas, poderia perfeitamente tel-o feito, preparando convenientemente as cousas para este fim pelo modo que ele entendesse, (...)".

¹⁸

REL1, página 14:

"(...) É preceito entre os pretos a absoluta abstenção de comunicação com mulheres durante toda a campanha (...)".

o risco de a sua inobservância poder originar divisões, desordem social e conflitos. Assim, se os pretos evitavam o contacto com as mulheres durante as campanhas militares, isso podia ter a ver com a necessidade de manter a coesão do grupo e manter afastado dele um elemento potencialmente destabilizador. Os guerreiros distrair-se-iam das suas principais tarefas e não estariam em condições de dar uma réplica eficaz ao inimigo em caso de combate. Portanto, o grupo social encontrou neste preceito uma forma de manter a ordem e a disciplina entre os guerreiros.

PRETO

associação

Supersticioso

19

Não raras vezes os usos e costumes dos Africanos eram considerados supersticiosos. Assim, o PRETO Africano era associado à superstição.

Este exemplo também mostra que os Africanos acreditavam nos seus próprios valores e princípios, apesar de estes serem diferentes dos dos europeus. O olhar do europeu consegue enxergar aqui um traço da organização social que existia até no seu próprio meio civilizado: as crenças. Entretanto, o termo "superstição" parece-nos ter sido usado aqui com o intuito de desvalorizar as crenças dos Africanos, pois cremos que não seria visto com bons olhos quem colocasse em paralelo as crenças dos europeus com as dos Africanos. Assim, o que era crença para os europeus era superstição para os Africanos. Aqui está patente, mais uma vez, um discurso de tendência marcadamente negativa relativamente aos Africanos.

¹⁹ O exemplo mais esclarecedor pode ser encontrado no REL2, página 663: "(...) Era mais um contratempo, mas é bem sabido que esta gente tem os seus hábitos particulares, os seus costumes arreigados, as suas superstições pelas quaes ordinariamente são dirigidos, e tornavam-se naturaes estes adiantos".

PRETO

associação

Temeroso/Medroso

20

O autor do REL2 até preconizava o uso da artilharia Hotchkiss em futuras operações militares em vista do medo que ela infundira aos Africanos, como um poderoso meio de persuasão, de efeito psicológico garantido.

PRETO

associação

Não Educável

PRETO

associação

Não Inteligente

21

A associação de PRETO com o facto de não ser educável e de não ser inteligente parece encontrar alguma contestação no REL3 pois o autor, que conviveu de perto com os tais PRETOS, pôde constatar que estes eram inteligentes...²²

desmentindo dessa forma a opinião veiculada por certos escritores.²³

Esta constatação remete-nos para um facto interessante: que o discurso pré-existente não é capaz de retratar toda a

²⁰ Ex: REL2, página 13:

"A artilharia Hotchkiss produziu taes estragos (...) e infundiu tal terror espalhado logo pelos sertões (...)"

²¹ Ex: REL3, página 86:

"Não sei em que se tem fundado alguns escriptores para afirmarem que o PRETO não é susceptível de educação e que não é intelligente".

²² Ex: "Os rapazes também teem aproveitado bastante mostrando alguns serem intelligentes".

²³ Ex: "(...) mas o que ninguém me pode contestar são os conhecimentos práticos que tenho adquirido no convívio d'estes povos, podendo afiançar que são intelligentes e susceptíveis de educação, dependendo apenas dos meios que se adoptem o conseguirmos os fins que desejamos obter".

realidade contactada. Com efeito, parte da realidade não é fielmente retratada no discurso a que o autor teve conhecimento prévio antes de contactar directamente com a realidade física e humana do Outro. Essa realidade veio, em certos aspectos, contrariar o que dela se tinha conhecimento, levando-nos a verificar que nem sempre o discurso pré-existente correspondia à realidade contactada.

O relatório das Terras de Gaza, escrito pelo Residente-Chefe José Casaleiro d'Alegria Rodrigues, também fornece outros elementos de descrição do PRETO.

PRETO	associação	Indolente
PRETO	associação	Preguiçoso ²⁴

Esta forma de visão do Outro remete-nos para o postulado de que o trabalho é um dos sinais que mostram o grau de civilização de uma sociedade ou de um povo. Portanto, se um povo se mostra averso ao trabalho, significa que ainda não tem desenvolvidas formas de sustento da sua vida que permitam o seu assentamento por longo tempo no mesmo local. O deslocamento teria que ser forçosamente realizado assim que esgotassem as reservas alimentares que a natureza propiciasse. Estaríamos, desta forma, perante um povo nómada. Aos olhos dos europeus, o nomadismo seria mais um sinal do atraso e do primitivismo de um povo.

O PRETO também é associado a práticas constantes de guerras:

²⁴ Ex: REL3, página 85:
"O PRETO natural d'este paiz é indolente e preguiçoso. Só trabalha obrigando-o".

VATUA=PRETO

associação

Guerra²⁵

Este tipo de caracterização reveste de um interesse particular porquanto contribuiu para a solidificação de ideias sobre um pretenso povo não-civilizado porque a guerra seria vista aos olhos dos europeus como sinónimo de desordem, de falta de um poder que disciplinasse as relações inter e intra-tribais e que a matança resultante dessa guerra acentuaria ainda mais o carácter "bárbaro" desses povos. Mais uma vez está aqui aflorado o tópico do Africano como um ser preguiçoso, que vive às custas da generosidade da natureza, e também como um ser violento, que vive se guerreando. Estaremos aqui perante um discurso que pretende justificar ainda mais a necessidade da "pacificação" destes povos para que não se matem uns aos outros e enveredem pelo caminho do bem, convertendo-se ao cristianismo.

Estes são, pois, alguns dos mais importantes elementos de caracterização que permitem fazer uma representação do PRETO sob o ponto de vista dos europeus. Procedemos em algumas ocasiões à condensação de uma unidade sintagmática longa num lexema com o mesmo sentido, o qual ficou associado ao termo PRETO.

Outros tópicos interessantes constatados da leitura do nosso corpus textual tem a ver com um esboço, ainda que embrionário, de como se deviam processar as relações entre as autoridades e os autóctones. Preconizava-se, por exemplo, que a mudança da maneira de viver "pouco sensata" desses povos passava

²⁵ Ex: Idem:

"O Vátua, o chamado de puro sangue Zulu, não se pode contar com elle para coisa alguma que não seja a guerra; não sabem trabalhar e nem se sujeitam ao trabalho manual".

por "...estudar-se o modo de substituir por um systema mais racional, as necessidades que eles hoje tem; mas de maneira que a familia reinante e as nobres

obtenham um certo bem estar para que, em lugar de se opporem ao nosso trabalho de civilização, nos auxiliem: deixando de empregar estes povos em constantes guerras e para que o resto do tempo o não gastem n'uma ociosidade condemnável"²⁶. Portanto, o factor ideológico aqui presente demonstra que os colonos tinham consciência de que para lograrem os seus fins teriam que contar com o apoio das chefaturas africanas, e para tal bastava promover o seu bem-estar... É esse tipo de pensamento que deve ter desembocado naquela forma de governação aplicada por certas potências europeias nas suas colónias, a chamada Governação Indirecta.

Obras de interesse público como o sector da Educação também eram planeadas e executadas no interesse do próprio processo de colonização:

"Estabeleçam-se n'estas terras escolas de officios onde as creanças dos dois sexos sejam tiradas do convívio dos pais, e se obter uma geração futura que nos servir de grande auxílio na grande obra de civilização d'estes povos (Idem).

CAPITULO V

5. SÍNTESE DAS CONCLUSÕES

O trabalho de leitura e análise dos textos possibilitou-nos chegar a algumas conclusões que vem a seguir mencionadas:

1 - A construção da imagem do Outro iniciou-se com os primeiros

²⁶ REL3, Página 86.

relatos feitos pelos cronistas dos "descobrimientos", os quais modelaram, de alguma forma, tal imagem, a qual se viria a definir mais tarde com o próprio processo de ocupação efectiva de África pelos europeus.

2 - Todo o esforço de colonização de Moçambique por Portugal estava assente em bases doutrinárias arreigadas, que eram aliás a bandeira ideológica desse processo. Na verdade, a análise por nós feita levou-nos a confirmar as nossas hipóteses sobre o facto de o processo de ocupação colonial ter tido uma forte componente ideológica, nomeadamente as ideias que já existiam sobre a terra e os homens não-europeus.

3 - Os europeus viam-se a si próprios como Deuses, ou como pessoas com autoridade moral para encetarem todo o tipo de acções em nome de Deus, a quem supostamente representavam.

4 - O "Boletim Oficial", como órgão do poder colonial, prestou um contributo inestimável para o processo de ocupação colonial do nosso país. Com efeito, só com relatos da imprensa é que a terra e os homens que viviam em Moçambique passaram a ser conhecidos e classificados (e aqui pode-se incluir a questão da preguiça e outros itens classificatórios), o fascínio da fauna, flora e riquezas naturais desta terra, muitas vezes relatados com exageros, e a perspectiva de enriquecimento levantaram a cobiça de colonos e exploradores a princípio e, mais tarde, do próprio Estado. O "Boletim Oficial", portanto, gozando de uma natural credibilidade visto ser um órgão do Estado, contribuiu com os seus relatos para um maior conhecimento da realidade das possessões ultramarinas de Portugal.

5 - Os relatos publicados no "Boletim Oficial" contribuíram para a solidificação da imagem de um país e de um povo que impulsionaram, certamente, o processo de conquista, ocupação e colonização, e lançaram as bases para uma posterior formulação de políticas discriminatórias em relação ao nosso povo. Para tal, só a linguagem podia desempenhar bem esse papel, linguagem essa usada de forma hábil para inculcar nos círculos dirigentes a ideia de justiça das suas acções e na opinião pública granjear o apoio necessário para tamanha empresa: colonizar Moçambique, transformá-la em província de Portugal e trazer os seus povos à "civilização".

6 - Os relatos publicados nos textos do "Boletim Oficial" que nos serviram de corpus estavam estigmatizados, encerrando dentro de si toda a problemática de concepção de uma terra (Moçambique) e da sua gente à luz do etnocentrismo europeu.

BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia Activa

O "Corpus"

- D'ANDRADA, Joaquim Carlos Paiva (1888), **RELATÓRIO**, Boletim Oficial de Moçambique, N° 1, 7 de Janeiro, Lourenço Marques, pp 9-16.

- LOBO, Joaquim Barbosa Lopes, (1888), Capitania-Mór das Terras Firmes, **RELATÓRIO**, Boletim Oficial de Moçambique, N° 44, 3 de Novembro, Lourenço Marques, pp. 661-664.

- RODRIGUES, José Casaleiro d'Alegria (1888), Terras de



Gaza, **RELATÓRIO** do Residente-Chefe, Boletim Oficial de Moçambique, N° 6, Lourenço Marques, pp. 85-89.

- SOUZA E FARO, Claudino Augusto de, **RELATÓRIO** (Inspecção das Obras Públicas em África), Boletim Oficial de Moçambique, N° 9, Lourenço Marques, pp. 145-151.

2. Bibliografia Passiva

2.1 Sobre Linguística, Literatura e Teoria Literária

- AGUIAR E SILVA, V.M. de, **Teoria da Literatura**, 8ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1988.

- BROWN, Gillian & YULE, George, **Discourse Analysis**, Cambridge University Press, 1983.

- FONSECA, Joaquim, **Linguística e Texto/Discurso, Descrição, Aplicação**, Lisboa, ICALP, 1992.

- KOSIK, Karel, **Dialéctica do Concreto**, 2ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

- LARANJEIRA, Pires, **A Negritude Africana de Língua Portuguesa**, Porto, Edições Afrontamento, 1995.

- MATEUS et al, **Gramática da Língua Portuguesa**, 2ª edição revista e aumentada, Lisboa, Editorial Caminho, SA, 1989.

- MATUSSE, Gilberto, **A Construção da Imagem de Moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa**, Tese de Mestrado, Lisboa, 1993. [Também disponível em livro].

- METZELTIN, Michael, **Introdução à Leitura do Romance da Raposa. Ciência do Texto e sua Aplicação**, Coimbra, Livraria Almedina, 1981.

- REIS, Carlos & LOPES, A.C.M., *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina, 1987.
- REIS, Carlos, *Técnicas de Análise Textual*, 3ª edição revista, Coimbra, Livraria Almedina, 1981.
- VAN DIJK, Teun A., *Text and Context. Explorations in The Semantics and Pragmatics of Discourse*, Longman Group Ltd, 1977.

2.2 Sobre História de Moçambique

- PÉLISSIER, René, *História de Moçambique-Formação e Oposição (1854-1918)*, Lisboa, Imprensa Universitária, Editorial Estampa, 1987.

2.3 Sobre História e Linguística/Literatura

- AAVV, *O Confronto do Olhar*, Editorial Caminho, Lisboa, 1991.
- CIDADE, Hernani, *A Expansão Ultramarina e a Literatura Portuguesa*, Volume I, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1943.
- ROBIN, Régine, *História e Linguística*, São Paulo, Editorial Cultrix, 1973.

A N E X O S

N.º 37

Achando-se em atraso o lançamento de decimas no districto de Manica e ponderando o secretario da Ex.^{ma} Junta da Fazenda, baseado na informação do respectivo governador, que ha conveniencia em que tal serviço se faça em Sena visto ser ali que mora a maioria dos contribuintes do districto;

Conformando-me com a proposta apresentada pelo tribunal da mesma Ex.^{ma} Junta em officio n.º 18 d'esta data, que o respectivo secretario dirigiu a secretaria geral d'este governo;

Hei por conveniente determinar que a junta do lançamento do districto de Manica se reúna na villa de Sena, e que seja composta do respectivo commandante militar, presidente, do sub-delegado de fazenda, secretario, e dos vogues: Zacharias Henriques Ferrão, Antonio Joaquim Remondes e José Maria da Fonseca a qual funcionará durante o anno de 1888, afim de proceder aos lançamentos dos annos de 1886-1887.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram. — Palacio do governo geral da provincia de Moçambique, 7 de janeiro de 1888.

O Governador Geral,
Augusto de Castilho.

N.º 38

Tendo subido ao meu conhecimento um officio do governador do districto de Sofalla em que relata circunstanciadamente as faltas de respeito, desconsideração e menos apreço pelo serviço publico praticadas pelo escrivão verificador da alfandega, encarregado da direcção da mesma Jacintho Hermogenes de Sousa, acompanhado de varios documentos que exuberantemente demonstram a veracidade das asserções contidas no dito officio;

Tendo examinado convenientemente o conteúdo não só da queixa mas ainda dos documentos que a acompanham e de um memorial apresentado pelo accusado, do que tudo se vê que Jacintho Hermogenes de Sousa não só falta ao cumprimento dos seus deveres, despressa o serviço a seu cargo, abusa das funções que lhe estão commettidas, mas ainda quando amigavelmente advertido, pratica faltas de respeito, quer por palavras quer por escripto contra os seus superiores legitimamente constituídos;

Considerando por isso que um tal procedimento importa menos preso da auctoridade, falta de conhecimento das suas obrigações e mais ainda relutancia no cumprimento dos seus deveres aliás reprehensivel em empregados de categoria inferior, tanto mais quanto isso demonstra a falta de vontade de corresponder á confiança que por este governo geral n'elle foi depositada;

Considerando mais que algum dos factos praticados pelo escrivão verificador constituem um verdadeiro crime punido o previsto pelas leis penaes;

Considerando que o memorial apresentado pelo accusado se achem concebido em termos taes que bem manifestam a sua culpabilidade e mais ainda o desejo manifesto de inverter a veracidade dos factos, para o que se serve de linguagem impropria de documentos officiaes;

Considerando finalmente que as repartições a cargo do accusado foram encontradas em grande estado de atraso do qual necessariamente deveria advir um grave prejuizo á fazenda publica bem como aos interesses commerciaes e particulares;

Hei por conveniente confirmar a suspensão imposta ao escrivão verificador Jacintho Hermogenes de Sousa pelo governador do districto de Sofalla, e mais ainda suspender o referido Hermogenes de todas as funções dos seus cargos pelo prazo de 6 mezes, mandando que pela primeira oportunidade recolha a esta capital afim de cumprir as ordens que lhe forem dadas.

Esta suspensão com as causas que a motivaram vai ser levada ao conhecimento do Governo do Sua Magestade para os devidos effectos.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram. — Palacio do governo geral da provincia de Moçambique, 7 de janeiro de 1887.

O Governador Geral,
Augusto de Castilho.

N.º 30

Tendo o governador do districto de Sofalla, em seu officio n.º 131, de 27 de dezembro ultimo, communicado a este governo geral, a suspensão de exercicio, por elle imposta ao escrivão verificador da alfandega do mesmo districto que servia de director da mesma, Jacintho Hermogenes de Sousa, por varias faltas graves, commettidas no exercicio das suas funções, suspensão esta que por portaria d'esta data é confirmada; e

Tendo sido no mesmo dia 19 de dezembro mandado pelo referido governador tomar provisoriamente conta da referida alfandega e outras repartições a ella annexas, o secretario do governo d'aquelle districto o alferes de encadadores n.º 1 Manoel da Costa Rebello;

Hei por conveniente confirmando o procedimento do governador encarregar da direcção d'aquella casa, fiscal e das outras repartições a ella annexas, o sobredito alferes secretario Manoel da Costa Rebello.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram. — Palacio do governo geral da provincia de Moçambique, 7 de janeiro de 1888.

O Governador Geral,
Augusto de Castilho.

CONSULADO DE PORTUGAL NA INDIA BRITANICA

N.º 11. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tenho a honra de communicar a V. Ex.^a que o estado sanitario em relação ao cholera não só n'esta cidade como na presidencia se apresenta favoravel podendo mesmo declarar-se bom, considerando que aquella molestia é endemica n'esta região.

Na semana que findou hontem houve na cidade apenas 2 casos fataes o que coincide exactamente com a media em igual semana dos ultimos cinco annos.

Os relatorios dos districtos quasi não fallam em cholera. Em alguns d'elles houve, certamente, mortes resultantes d'esta doenca mas em numero insignificante comparativamente com a população e com os casos que ainda não ha muito tempo as estatisticas accusavam.

Deus guarde a V. Ex.^a — Bombaim 1 de dezembro de 1887. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Augusto de Castilho, Governador Geral da provincia de Moçambique. — F. Meyrilles do Cantô, consule.

JUNTA DA FAZENDA

Por deliberação da Ex.^{ma} Junta da Fazenda em sessão do 22 do dezembro ultimo, se recommenda a todos os commandantes dos corpos e estabelecimentos militares da guarnição da provincia, que, em virtude do que se deprehende da doutrina expressa no artigo 31 do regimento approved por carta de lei de 23 de julho de 1865, deve ser remettido para juizo, não só o espolio e credito de fardamento das praças fallecidas mas tambem todos os abonos do pret, pão, estape, gratificação, etc., vencidos e não recebidos até no dia anterior ao fallecimento, depois de deduzida qualquer divida á Fazenda, a fim de que os herdeiros depois de legalmente habilitados, possam receber tudo quanto lhes competir o aq ue tiverem direito.

Secretaria da Junta da Fazenda em Moçambique, 4 de janeiro de 1888. — O secretario, Joaquim Hippolyto de Noronha Gouvea.

RELATORIO 

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Em officios que para informação do Suo Ex.^a o Ministro da Marinha, tenho escripto desde o mez de maio ultimo, sobre a campanha contra a butaca dos Bongas, tenho ido minuciosamente relatando quanto sei sobre o assumpto, podendo a collecção d'estas communicações servir, se alguma vez se trata de fazer a historia d'esta campanha, mas o officio que por ordem de V. Ex.^a me fez a honra de dirigir, com data de 24 de julho ultimo, o chefe da repartição militar da secretaria do governo geral da provincia, o a desgraça que privou o paiz dos serviços do honrado e valente official que V. Ex.^a tinha encarregado do commando geral da campanha, criam-me o dever de dar a V. Ex.^a por este meio algumas informações que permitam ligar e tornar mais facilmente comprehensíveis as communicações parciales e detalhadas, das operações, que V. Ex.^a recebeu e receberá dos governadores dos districtos de Manica e de Tete.

Em primeiro logar, recordando qual era o paiz que estava ha pouco effectivamente occupado por gente que obedecia ao successor do rebelde Bonga, direi como em torno d'elle esta van diastotas as as nossas forças, depois dos trabalhos preparatorios que tiveram logar desde o mez de maio, para reunir os elementos que o governo podia simultaneamente fazer actuar contra o inimigo, referindo-me tambem summariamente ao plano geral da campanha.

Ao Sul do Zambeze e ao Poente do Luchua o paiz comprehendido por uma grande extensão entre estes dois rios e o Mazoe, estava occupado por gente do Bonga, que n'elle tinha construido a aringa do pondoro Caterusa, com grande atrovimento, mesmo na visinhança da villa de Tete e mais as aringas de Inhamamono e do Luia, commandadas pelo sanguinario Niponde, a aringa de Inhamacrosso do capitão Chirungo, o junto á confluencia do Ma-

zoe, a de Demera, do capitão Ganga, filho do fallecido Macombe, ultimo regulo do Barue.

E principalmente ao capitão-mór de Chichoa, Ignacio de Jesus Xavier, pela construcção das tres aringas de Inhauripure Macichiro e Maramba e pela occupação da Chidima com cypacs armados a sua custa, que se deya e não ter alastrado mais para Oeste a occupação do paiz pelos rebeldes, e o nunca poderem estes ter executado o seu desejado plano, de circundarem completamente a capital do districto até ao Zambeze, a montante da villa, fechando assim o caminho de Tete para Zumbo, como desde ha dezenas de annos podiam a seu livre arbitrio fechar a todo o momento o de Sena para Tete.

Ao Oeste do Luenha mas ao Sul do Mazoe, uma parte do paiz era tambem occupada por gente do Bonga, havendo n'elle as aringas do capitão Megogo do capitão Chumpano Saxecunda de Pindirire e do Inhacuava Dedeuere.

Depois da tomada do Rupire em 1886 e da sujeição dos paizes visinhos, a guarnição das aringas nas terras do Maremba e do Bamba, que vão do Luenha ao Mazoe, por cypacs do capitão-mór de Manica, Manoel Antonio de Sousa, e ainda a construcção da aringa da Clara ou da Carara, como os pretos geralmente dizem, na margem esquerda do Mazoe, em territorio que desde ha muito obedecia ao rebelde de Massangano, circundavam por este lado o inimigo desde o Luenha até ao Mazoe, envolvendo de perto duas das aringas que elle tinha ao Sul d'este rio.

Foi esta aringa da Clara no mez de maio ultimo theatro de um feito de armas que cobriria de gloria qualquer official que o tivesse praticado, e que é quasi ignorado por ter sido executado por alguns pretos debaixo do commando de um homem da sua cor. Tanto a aringa da Clara na margem esquerda do Mazoe como a aringa Chimonera, na margem direita na terra de Bamba, um pouco a montante da primeira, por serem importantes postos de fronteira, foram entregues pelo capitão-mór de Manica ao commando de um valentissimo rapaz de toda a confiança, chamado muzungo Cambuamba.

A pequena aringa da Clara corajosamente levantada em terras que o Bonga chamava suas, e a curta distancia de algumas das aringas d'elle, apesar de construída ha pouco, já tinha por tres vezes sido atacada, sempre com desfavoravel resultado para o inimigo. Ultimamente o regulo Mutoco procurando angariar alliados para bater as forças do governo ou os cypacs de Manoel Antonio de Sousa que tèm occupado e defendido o Rupire Massaua o terras visinhas desde que d'ellas tomámos posse, mandou uma embaixada de dez emissarios ao ultimo Bonga ou Chatara pedindo-lhe o seu auxilio contra o inimigo commum. O conselho dos grandes em Massangano acolheu bem os embaixadores e resolveu não proceder desde logo a um levantamento geral, mas mandar destruir a antipathica aringa da Clara e avançar a gente da expedição victoriosa a reunir-se com as forças de Mutoco. Esta expedição foi entregue ao commando do celebre Pindirire, capitão que apesar de ter a sua grande e forte aringa na margem direita do Luenha era considerado como chefe das aringas ao Poente d'este rio, situadas ao Norte e ao Sul do Mazoe.

No dia 13 de maio uma força de uns mil homens commandada superiormente por Pindirire, e tendo tambem como chefes varios parentes e grandes capitães do Bonga, comprehendendo entre elles todos os capitães das aringas ao Poente do Luenha excepto o pondoro Caterusa acompanhada pela embaixada do Mutoco, apresentou-se em frente da aringa Pindirire, que tinha prometido com confiança que a cabeça de Cambuamba seria levada a Massangano, o que tinha uma excepcional reputação de valentia, gritava para a aringa que tremessem todos que era o proprio Pindirire que alli tinha vindo, os dez emissarios do Mutoco vociferavam *Nhamauú tpe nhama*, isto é, que o celebre pondoro, ou não feiticeiro do Mutoco chamado *Nhamauú* queria a carne dos sitiados, e com grande grita geral começou um ataque violento por estes mil homens atrevidos e entusiasmados contra a pequena fortificação. Cambuamba não estava na aringa da Clara mas na do Chimossoro, avisado do ataque e ouvindo o fogo correr com um punhado de homens sobre os mil sitiados tão valente e intelligentemente procedeu que o pouco antes tão orgulhoso inimigo, mettido entre dous fogos, estava em breve em completa debandada deixando 8 mortos junto á aringa e talvez afogados no Mazoe alguns dos que, espavoridos, procurando mais rapido abrigo na margem direita, se lançaram no rio em lugar onde não dava vão.

Demorei-me a esta informação não só por me ser grato fazer conhecido o nome do muzungo Cambuamba, e um dos muitos servicos que ha dezenas de annos tèm sido feitos por cypacs do capitão-mór de Manica, sem que até hoje pessoa alguma os tenha sabido ou querido apreciar no seu justo valor, mas tambem por ter sido a noticia recebida no Rupire em 1 de maio pelo governador Simões, pelo capitão-mór de Manica e por mim de proximas

hostilidades da parte do Bonga, que o ataque referido veio poucos dias depois confirmar, o que levou a dar-se n'esta opportuna occasião cumprimento ás instrucções que official ou particularmente nós todos tres, verbalmente ou por escripto, tínhamos recebido de Sua Ex.ª o Ministro da Marinha e de V. Ex.ª com o fim de ser posto um termo tão breve quanto possivel á antiga rebellião na Zambezia; e ainda mais porque se a aringa da Clara tivesse sido tomada pelo inimigo, as condições da campanha que já se preparava desde alguns dias antes, teriam que ser muito desfavoravelmente modificadas.

Continuando a mencionar as terras que estão sujeitas nos rebeldes, direi que ao Nascente do Luenha a sua arca era constituída pela do triangulo formado por este rio desde a confluencia do Muore até á foz em Massangano, pelo rio Zambeze desde Massangano ao longo da Lupata e da parte invadida do grande prazo Tanbara até á aringa de Cataudica já no districto da Chiramba em frente do Guengue, e finalmente por uma terceira linha cortando pelo interior desde a aringa de Cataudica no Zambeze até á de Camuara no Luenha.

Esta ultima linha tinha desde alguns annos sido envolvida por uma serie de numerosas aringas guarnecidas por cypacs do capitão-mór de Manica, e estando em muitos pontos as nossas aringas tão proximas das dos rebeldes que se ouviam n'umas ou batuscas tocados nas outras. A nossa aringa do extremo da linha do lado do Zambeze era a da Chiramba ou do capitão Chacupadesa. Na propria margem do Luenha tem o capitão-mór de Manica algumas aringas suas muito a montante, e tão distantes da de Camuara que se não podem considerar pertencendo ao systema de que me occupo, taes como a aringa de Massanga, na confluencia do Caorese, que é uma fortificação em ponto muito judiciosamente escolhido no caminho do Rupire. A aringa mais proxima da de Camuara, a que devia ser considerada extremo das do cerco ao Bonga n'esta região, é a vasta aringa de Zecca, situada na margem esquerda do dessecado rio Muero, a duas horas do caminho do Luenha.

N'esta região ao Sul do Zambeze e Nascente do Luenha as aringas dos rebeldes estavam dispostas em dous grupos bem separados: o das aringas do Luenha que terminava junto ao Zambeze na celebre aringa Massangano, e as do rio Muira que começavam do lado do interior pela de Fuquisa, irmão do Bonga, na confluencia do Inhamacombe, a poucas horas de distancia do nosso acampamento d'este nome, e iam até ao Zambeze. N'este grupo alem da já citada havia uma segunda aringa do Fuquisa, a de Tera, cinco aringas de Chiacupete, outro irmão; na margem do Zambeze duas de Gonde, sendo a principal junto á confluencia do Muira; e tres do Muchouga sendo duas no Muira e outra no Zambeze. Este Muchouga é o irmão do Bonga que com o nome que então tinha de Murririma esteve depois da morte d'aquelle por algum tempo na Butaca, até que d'ella viesse tomar posse o Inhamisinga, que o Bonga tinha exilado para o Barue como matricida. Ainda como pertencendo a este grupo do Muira havia no Zambeze a jumenté da de Gande a aringa do Inhaunga e a do capitão Cataudica já mencionada. A ultima d'este grupo a montante no Zambeze, era uma das do Muchouga a pequena aringa á entrada da Lupata, ou do Bandar, bem conhecida dos que viajavam pelo rio. Desde a aringa do Bandar até á de Massangano, junto ao Zambeze, não havia mais aringa alguma. No interior porém, approximadamente a igual distancia do Zambeze, do Muira e do Luenha, havia um grupo de aringas não propriamente pertencendo ao Bonga, nem guarnecidas com cypacs d'elle; aringas do Bitongas, ou chefes de pequenas terras antigamente independentes e que desde ha annos só pelo receio obedeciam a Massangano. As principaes d'estas aringas erã as de Demaulundo Inhamigire e Inhacuro. Todas tinham um capitão nomeado por Massangano que as commandava; mas n'ellas de ordinario só viviam os chefes das terras com a sua gente. Estas aringas estavam muito proximas da importante aringa de Inhangombe do capitão-mór de Manica; e desde já direi que os diferentes chefes das terras, angariados por emissarios de Manoel Antonio de Sousa, antes do rompimento das hostilidades, visitaram o nosso acampamento de Inhamacombe e prometteram abrir-nos as aringas logo que d'ellas quizessemos tomar posse, ou apresentar-se ostensivamente como submissos ás autoridades portuguezas, logo que o podessem fazer sem perigo do aetorem com todos os seus assassinaes por ordem de Chatara. Estas apresentações effectivamente realisaram-se logo depois da occupação de Massangano, recebendo os chefes ordem de voltar em paz para as suas terras que ficavam para todos os effeitos como terras da corã portugueza, e demolir as aringas logo que a ellas chegassem.

Ao norte do Zambeze a occupação pela gente do Bonga estendia-se por toda a margem do rio desde o prazo Guengue ou do rio Majova até á Chigosa em frente de Tete, e pelas terras para o interior limitadas pelo referido prazo Guengue, pelo paiz que chamam dos makololos, unicamente porque Livingstone levou para ali

alguns homens d'esta raça e pelo inexplicavel abandono em que até hoje temos deixado estas terras de Chibisa que de tempos immemoriaes obedeciam a Tete, pela Macanga e por algumas povoações sujeitas no districto de Tete em frente da villa, que os rebeldes ainda não tinham invadido.

Quando no dia 1 de maio foi resolvida a immediata campanha contra a butaca dos Bongas tratou-se logo de fazer convergir em torno da região occupada pelos rebeldes todos os elementos vizinhos de que o governo podia dispor para este fim; servindo as hostilidades do regulo Mutoco, que recentemente tinham tido lugar contra os nossos regulos da região do Rupiro e contra os cypaes do capitão-mór de Manica que o estavam defendendo estas terras, de pretexto para a reunião das forças, as quaes deveriam quanto possível ter como fim ostensivo os preparativos de uma guerra contra este regulo.

O governador Simões partiu para a Gorongosa, para ahi dar as suas ordens acerca dos movimentos da força branca e de todo o material, e depois para Sena assim de que o commandante militar remisse as forças que havia nas terras do seu commando. Manoel Antonio de Sousa expediu para diferentes lidos emissarios para a reunião dos cypaes, e em parti para o districto de Tete a conferenciar com o capitão-mór Ignacio de Jesus Xavier que só foi encontrar em Chicoca e depois para a villa a conferenciar com o governador.

Depois d'estes trabalhos preparatorios em que surgiram algumas causas não previstas de demora, achava-se tudo preparado para que as forças convenientemente agrupadas marchassem no dia 3 do setembro, e em a noite de 3 para 4, por modo que n'este ultimo dia o contacto com o inimigo fosse geral e simultaneo por toda a parte por onde elle podesse ter lugar immediatamente.

As forças regulares da guarnição e as dos moradores de Tete, debaixo do commando do governador do districto, principalmente destinadas á defeza da villa, onde não deixava de ser provavel que viesse a precipitar-se toda a gente fugida de Massangano, tinham tambem a seu cargo o atacar no dia 4 de setembro a vizinha aringa do Caterusa, e ainda, em parte, atravessando o Zambeze para a margem esquerda, o descerem quanto possível por essa margem para obstar a passagem para ella dos fugitivos de Massangano. O relatorio do governador de Tete dará minuciosa informação do que ali se passou.

As forças de Ignacio de Jesus Xavier, comprehendendo as guarnições das aringas de Bamba ou Chimossoro e da Clara engrossadas até completar uns quinhentos cypaes, que debaixo do commando do capitão muzungu Cambuimba foram pelo capitão-mór de Manica postos ás ordens do capitão-mór de Chicoca, deviam estar todas reunidas no pequeno rio Inhampupui, afluente do Mufa, em lugar proximo da nossa aringa da Macicôro e da aringa do Inhamaçono do inimigo, no dia 3 de setembro; e na madrugada do dia 4 começar a bater as aringas dos rebeldes comprehendidas entre o Mazoe, o Luenha e o Zambeze, á excepção da do pondoro Caterusa ha pouco citada como um dos objectivos das forças reunidas na villa de Tete; e feito este serviço descer pela margem esquerda do Luenha, rio que então dava facil passagem a vao até á foz, atravessando-o para a margem direita em occasião opportuna a juntar-se ao corpo principal para o ataque de Massangano.

O serviço que especialmente cabia a esta força foi effezadamente cumprido. Na madrugada do dia 4 foi atacada e tomada a aringa de Inhamaçono, cujo capitão Mponde e mais 25 cypaes foram mortos; sendo em seguida a aringa incendiada. N'esse mesmo dia foi atacada a aringa de Gongga, filho de Macombe, na Demera, sendo tomada com morte de 6 pessoas do inimigo, e depois incendiada. No dia 5 foi atacada a aringa do Luia, cujo capitão tambem tinha sido Mponde. Ahi e na aringa de Inhamaçorro do capitão Chissunga já não foi encontrada resistencia alguma.

O primeiro serviço que cabia a esta força estava por tanto terminado no dia 5; mas apesar das explicações recebidas, ainda não comprehendendo como esta força que desde então devia acchar-se na margem esquerda do Luenha e descer por ella ao mesmo tempo que o corpo principal descesse pela direita, avistando se uma á outra, só d'esse signal de si apresentando-se em Massangano na tarde do dia 14.

A esquerda da nossa força ao sul do Zambeze era portanto, como fica exposto, apoiada em Tete e constituída pelas forças regulares d'esse districto, pelos cypaes dos moradores da villa, e pelos cypaes do capitão-mór de Chicoca que seriam em numero de secentos a oitocentos, reforçados com quinhentos cypaes de Manoel Antonio de Sousa.

A direita era formada pelas forças de Sena debaixo do commando do respectivo commandante militar. Foi resolvido que estas forças em numero de 2000 homens se reunissem no acampamento de Inhamaçombe, junto á importante aringa de Pangara,

que como já disse ficava a poucas horas da primeira aringa do Muira, e onde tambem se devia reunir parte do corpo principal e a força branca da guarnição do districto de Manica, e onde estava o governador do districto major Simões, commandante superior das operações, com o capitão-mór Manoel Antonio de Sousa e commigo.

O objectivo das forças de Sena era o immobilisar os cypaes dos rebeldes que guarneciam as aringas do grupo do Muira, impedindo-os, ou de que reunidos viessem atacar o corpo principal quando se estivesse sitiando Massangano, mettendo-o entre dois fogos, ou que se espalhassem pelas aringas desguarnecidas e povoações abertas e indefesas, quasi só com mulheres, velhos e creanças dos cypaes que estavam em campanha, no Barue, na Gorongosa e em todos os mais prazos do districto de Manica. Sendo possível, as numerosas forças de Sena tomariam todas as aringas do Muira; não o podendo fazer bastava, como lhe foi cuidadosamente indicado, que se fortificassem em uma boa posição escolhida entre as aringas de Chincupete ou Chimulamba (que é outro nome por que é conhecido) e as de Muchenga, contentando-se em fazer algumas correrias pelo paiz, com que satisfiriam completamente no fim a que eram especialmente destinadas, pois que as forças d'esta região não pensariam em correr em auxilio de Massangano ou em ir devastar o paiz da nossa occupação, abandonando as familias nas aringas, sabendo que proximo d'estas havia uma força intacta de 2:000 homens.

Por outro lado 2:000 cypaes bem municionados, convenientemente fortificados, tendo facilidade de introduzir na sua fortaleza mais que a necessaria quantidade de viveres, nada podiam temer nem mesmo de toda a força dos Bongas reunidas.

As forças de Sena marcharam do ponto de reunião na madrugada do dia 4 de setembro; n'esse dia atacaram corajosamente e tomaram a aringa de Fuquisa junto á confluencia do Inhamaçombe no Muira. Pelo relatorio do então commandante militar de Sena, hoje governador interino do districto de Manica, ter V. Ex.ª conhecimento detalhado do ataque d'esta aringa e dos acontecimentos que posteriormente tiveram lugar.

Com relação á direita das nossas forças, devo porem dizer ainda que o capitão-mór de Manica tinha por prudencia deixado como reserva nas aringas do Pompe desde a aringa de Musseca até ao Zambeze uns seis centos cypaes debaixo do commando de José Maria Fernandes, ou muzungu Camugremo, commandante da grande aringa de Musseca, tendo por immediato o capitão Chacupadesa cujo nome já tive occasião de citar a proposito da aringa da Chiramba, no praso Tambara, do seu commando.

Do corpo principal, movendo-se no centro, entre as forças do capitão-mór de Chicoca á esquerda e as de Sena á direita, fallarei em ultimo lugar.

Para que o cerco fosse completo em torno dos rebeldes de Massangano, seria necessario que ao Norte do Zambeze se organisasse tambem uma linha continua de acção, que envolvendo todas as aringas e terras do Bonga ao norte do rio, tivesse um flanco na Chingosa em frente de Tete e outro apoiado no Guengue. As forças de que se podia dispor para este fim eram as do Guengue, as da Macanga e as reunidas na villa de Tete. Como porém D. Laiza da Cruz estava em Quilimane e não era possível ir verbalmente conferenciar com ella, e como os cypaes do Guengue não sympathisam com parte importante das forças que deviam reunir-se em Sena, foi contrariamente a um plano primitivo, resolvido na conferencia que ahi teve o commandante geral das operações com o respectivo commandante militar, que, pelos motivos que a isso obrigavam, nada se communicaria á gente, ou grandes do Guengue sobre a guerra projectada. Para compensar a eliminção d'este elemento, as forças de Sena, no caso de encontrarem facilidade como suppunham, em bater as aringas do Grupo do Muira, deveriam logo passar para a margem esquerda do Zambeze, — para o que, com outro pretexto foram com a necessaria antecedencia dados ordens para reunir o maior numero possível de embarações junto á aringa do capitão Posereré na foz do rio Pompe, — e diligenciar subir por essa margem até em frente de Massangano; plano que não houve possibilidade de realisar. Em vista de communicações officiaes recebidas pelo governador do districto de Manica do commandante militar da Macanga, esperou se que uma força de uns mil ou quinhentos homens d'essas terras se apresentariam em occasião opportuna em frente de Massangano, mas pela data muito recente da submissão da Macanga e pela motivada falta que ainda ha de uma conveniente organisação dos cypaes ahi, a projectada reunião não se pode effectuar em tempo util, e o facto é que nem cypaes do Guengue nem os de Macanga, embora por diferentes motivos, concorreram em cousa alguma para o resultado da campanha. Como V. Ex.ª já sabe não houve felizmente occasião para lamentar a falta d'estes dois valiosos elementos de acção, com que o governo póde contar em qualquer outra

eventualidade isoladamente ou em combinação com os cypaes do capitão-mór de Manica.

O corpo principal debaixo do commando directo do governador de Manica, que tinha junto a si o capitão-mór Manuel Antonio de Sousa chefe da grande maioria das forças que iam entrar n'esta guerra, devia ser constituido pelo centro, ala direita e ala esquerda.

Esta ala debaixo do commando do valente e já conhecido capitão Macaningomba devia ser formada por gente vinda na maior parte da sua aringa do Tumbura e do sul do Barue, reunindo-se logo directamente em um ponto da margem direita do Luenha algumas milhas a montante da confluencia do Muere, para em a noite de 3 para 4 de setembro atravessar o rio, e n'este dia bater o territorio e aringas do inimigo situadas ao poente do Luenha e ao sul do Mazoe. Houve porem algum atraso na reunião d'esta força, porque é muito difficil fazer comprehender a milhares de pretos a importancia de uma data precisamente fixada com muitos dias de antecedencia, e veio toda ella juntar-se ao centro do corpo principal, quando já estava em marcha; não tendo depois chegado a haver necessidade de mandar uma força de cypaes regularmente commandados para destruir as aringas da margem esquerda do Luenha ao sul do Mazoe, porque em vista do que ia succedendo na margem direita do primeiro e ao norte d'este rio, as proprias guarnições d'aquellas aringas as incendiaram fugindo em debandada.

A ala direita foi formada pelas guarnições das aringas de Migangoe, Chiro, Inhacatumba, Inhangombe, Chipangara, Chinda, Inhamassonje, Caburumundo e Casscio, que com os seus capitães, debaixo do commando do chefe de todos os saxeundos, isto é, chefe de todos os cypaes do capitão-mór de Manica, o capitão Camba, rapaz valentissimo, commandante da aringa de Chire, tinham a reunir na aringa de Casscio, ponto occupado mais proximo da aringa do Pindirire, o grande baluarte da butaca dos Bongas, que no plano em que ultimamente se assentou devia ser atacado em primeiro lugar.

N'um primitivo plano, as forças do corpo principal grupadas no acampamento de Inhamombe, deviam marchar a reunir com as das aringas ha pouco citadas na de Inhangombe que era a mais proxima de Massangano e d'ella cair rapidamente sobre o principal objectivo que quasi de surpresa devia achar-se cercado e atacado; mas um reconhecimento que fiz a todas estas aringas ao norte do acampamento, partindo pela de Migangoe até á de Inhangombe e voltando por Casscio, Zecca e Inhacassango, deu-nos a conhecer que não havia agua ou pouca senão só nos logares onde havia aringas, o que a marcha de uns quatro mil homens, e principalmente a da força branca pelo caminho projectado, não poderia ser feita sem grande soffrimento e consideraveis perdas.

Foi esta a principal causa da modificação do plano primitivo, e de resolver-se que do acampamento de Inhamombe se marchasse logo rapidamente sobre o ponto mais proximo do Luenha e se descesse sempre ao longo d'este rio até Massangano. D'isto resultou a necessidade de atacar logo no principio da campanha a aringa do Pindirire e em vista da enorme importancia moral d'esta aringa, que ao principio não era sufficientemente apreciada, mostrou ser o novo plano em tudo preferivel ao primitivo, reduzindo quasi que a marcha ou pelo menos a encontros triumphaes as operações da campanha depois do dia 5.

Proximo do Luenha a montante da aringa de Pindirire, havia ainda uma outra aringa mas cuja existencia não era por nós conhecida; pois a gente do Manoel Antonio de Sousa nunca percorria as terras do Bonga, nem a do Bonga as nossas terras d'este lado, e suppunha-se que a povoação do Camuara, um filho do Inhacuaa Dedeuere, cujas terras tinham sido invadidas por Pindirire, não era fortificada.

Assim, era a aringa de Pindirire o primeiro objectivo previsto para o corpo principal, e a ala direita d'este corpo reunindo como disse na aringa de Casscio devia debaixo do commando do capitão Camba marchar por entre o matto, pois caminhos de ha muito não havia por ali, durante a noite de tres para quatro, e ficar escondida prompta a atacar a aringa de Pindirire quando ouvisse o fogo das forças de Macaningomba ao poente do Luenha, ou tivesse conhecimento do que estavam proximas as que constituíam o centro do corpo principal.

Estas deviam todas estar ao anoitecer do dia tres dentro e em torno da grande aringa de Zecca, e na madrugada do dia 4, e em parte durante a noite, marchar d'ahi sobre o Luenha e a aringa do Pindirire.

Para conforto da força branca da guarnição do districto de Manica começou esta no dia 1 de setembro a marcha de Inhamombe em direcção á aringa de Zecca, devendo porem só na tarde do dia 3 partir da aringa de Inhacassango, ponto common do caminho do Rupire ou do Mutoco e do do Pindirire, para só no ultimo momento tomar a direcção do verdadeiro objectivo.

Esta força era composta do alferes Sarria, commandante, do 1.º sargento Nortadas, do 2.º sargento Madeira e de 9 cabos e soldados.

Com ella iam tres das quatro bocas de fogo Hotchkiss que possuio o districto de Manica. A quarta boca de fogo, com um soldado da força da guarnição que foi de artilheria n.º 1, tinha sido requisitada pelo commandante militar de Sena para acompanhar as forças de cypaes de seu commando.

Com a força branca partiram uns quatrocentos carregadores com viveres e munições tanto para a artilheria como para as espingardas Winchester expresso com que estavamos armados os officiaes e toda a força europeia, e com a reserva de munições para os cypaes. Estes e os carregadores tinham todos viveres para alguns dias, trazidos das suas respectivas povoações ou recebidos do grande deposito de Manoel Antonio de Sousa na aringa de Pongora. Quando mesmo não tivesse sido encontrado depois no territorio do inimigo a enorme quantidade de mantimento que ali havia, estavam tomadas todas as medidas para o rapido e abundante fornecimento das forças, dos depositos que o capitão-mór de Manica tinha em diferentes aringas, principalmente nas que mais proximas ficavam do inimigo como as de Zecca, Casscio e Inhangombe.

Tendo sido postas a caminho as forças brancas e toda a impedimenta restava a partir do acampamento na madrugada do dia 3, o governador do districto, o capitão-mór de Manica e eu, com os cypaes que até ao ultimo momento iam chegando de todos os pontos, para rapidamente fazermos n'esse dia a grande marcha até á aringa de Zecca, onde devíamos chegar aproximadamente ao mesmo tempo que os que para ali tinham partido dois dias antes.

Infelizmente porem o governador Simões que na sua viagem a Sena tinha ali estado muito doente e que de lá regressára com a saude um pouco alterada, depois de uns doze dias em que parecia achar-se completamente restabelecido, muito alegre e animado com o desenvolvimento dos preparativos para a campanha, começou novamente a sentir-se indisposto no dia 1 de setembro, e, tendo passado muito mal em a noite de 2 para 3, estava na madrugada d'esse dia com uma violenta febre que tinha as indicações de ser uma biliosa.

Tudo o que anteriormente fica exposto mostra como, a não ariscar uma catastrophe nacional e o sacrificio de muitas vidas em algum dos grupos que simultaneamente devia começar as operações, se tornava imperioso e não adliar por qualquer consideração pessoal a marcha das forças que estavam no acampamento. Dos tres officiaes que ali nos achavamos era incontestavelmente o capitão-mór de Manica aquelle cuja presença se tornava mais essencial no theatro das operações e cuja falta podia originar uma debandada geral; mas não era elle nas circumstancias que se davam sufficiente. Se este capitão-mór tivesse sido encarregado de, por si só, com os recursos catraes de que dispunha, acabar com a butaca dos Bongas, poderia perfectamente tel-o feito, preparando convenientemente as cousas para este fim pelo modo que elle entendesse, (o mesmo como na campanha do Rupire e de Massana, ficando longe dos campos de combate, podia entregar a execução dos diferentes trabalhos da guerra á intelligente direcção de capitães de sua confiança), mas tendo v. ex.ª resolvido que a antiga historia dos desastres de Massangano exigia que se procedesse por modo mais solenne, e estando preparada a acção combinada dos elementos disponiveis das forças regulares e irregulares nós dois districtos directamente interessados, a presença do commandante geral das operações ou a minha no corpo principal não deixava de ser agora bastante necessaria, e o serviço publico de certo soffriria mais se ambos, governador e eu, ficassemos n'este dia no acampamento de Inhamombe.

Em vista d'estas circumstancias e do estado verdadeiramente grave de saude do governador Simões na madrugada do dia tres, fizemos todas as possiveis instancias para que deixando-nos partir ficasse elle no acampamento até que estivesse em condições de poder pôr-se a caminho sem eminente risco da sua vida; mas o espirito corajoso e ardente d'este tão brioso official não lhe consentiu que ficasse inerte n'uma palhotá no dia festivo em que ha tanto tempo fallavamos, quando todos mais marchavam para a frente, e a não lhe resistir abertamente como enfermeiro a doente, o que poderia aggravar logo mais a doença, foi forçoso satisfazer á sua inabalavel vontade e fornecer-lhe os machileiros para o conduzirem. V. Ex.ª apreciará bem a afflictiva situação dos que n'este apressado e critico momento tinham a tomar uma resolução.

A demora de dois dias na chegada das forças de Sena ao ponto de reunião, depois de satisfeitas largamente todas as prorogações de data que foram pedidas, causou grande excesso de trabalho na occasião da partida, tendo o capitão-mór de Manica forçosamente que ficar mais algumas horas no acampamento, partindo de madrugada só o governador acompanhado por mim e por uma grande força de cypaes.

Ao anoitecer chegámos á aringa de Zecca, onde pouco antes tinham chegado em excellentes condições o alferes Sarria com a força do seu commando e os carregadores. Manoel Antonio de Sousa só

chegou e jantou pela 1 hora da madrugada do dia 4. Nesta violenta viagem o governador Simões soffreu menos do que era para temer, e passou a noite em Zecca, embora sempre com forte febre, deitado com socego. Os mais officiaes, as praças brancas e os capitães indigenas toda a noite tiveram muito que fazer, principalmente com a distribuição dos signaes da guerra. Antes de amanhecer todos nos puzemos a caminho depois de termos debalde carinhosamente implorado o governador Simões para que ficasse n'esta aringa de Zecca, onde as mulheres já um pouco civilizadas do capitão Ureire o podiam tratar de sua febre, que, não se tendo aggravado já não podia ser de grande duração, sendo provavel que pudesse juntar-se a nós antes de chegarmos a Massangano, pois era ali que todos então suppunhamos que os mais interessantes combates viessem a ter lugar.

As distancias eram maiores e o caminho mais difficil do que pensavamos, e só depois das duas horas da tarde chegámos ao lugar da povoação de Camuara, onde encontramos inesperadamente uma excellente e forte aringa, de onde nos foram feitos alguns tiros, mas que estava quasi deserta e que foi logo tomada sem a menor difficuldade. Esta circumstancia fez com que fosse abandonada a idéa de n'esse mesmo dia 4 continuarmos até a aringa de Pindirire, e resolveu-se que todos ficaríamos a noite dentro e em torno da aringa que acabava de ser tomada. Na viagem de Zecca a Camuara por mais caminhos o governador Simões soffreu muito; na occasião do curto tiro de descida da machila, e fazia lastima vêr, além dos soffrimentos phísicos que padecia, a agonia moral em que este bravo official estava por se ver impossibilitado de dar um passo, quando suppunha que se tratava de um combate a valer.

Na manhã do dia 5 toda a força para bem se preparar para o ataque da aringa de Pindirire, almoçou no acampamento da vespera. N'essa manhã o governador Simões achava-se por tal modo abatido que consentiu em ficar descaçado na aringa onde dormimos.

Com o governador ficaram uma força de cypaes mais que sufficiente para defender a aringa no caso d'ella ser atacada, o capitão Bastião, homem não proprio para cousas de guerra mas que por fallar portuguez, por ser excellente para arranjar gente para serviço e para outros trabalhos, desde a criação do districto de Manica tem estado á ordem dos governadores, dois saxecondas dos cypaes do governo, Chaveca e Chapauanga, que no acampamento de Inhancombe o governador por sympathisar com elle, quando nomeou os outros cypaes do governo para o serviço do alferes Sarria, tinha escolhido para, como creados ou ordenanças, acompanharem sempre a sua pessoa, creados, e um dos nove soldados brancos escolhido para este fim pelo proprio governador. Ficaram mais na aringa todos os motores incluindo os viveres e tudo quanto pertencia a cozinha, não partindo para a frente senão a força com a artilheria e as mais necessarias munções para ella, os cypaes, o capitão-mór de Manica e eu.

A aringa de Pindirire estava tambem mais distante da de Camuara do que pensavamos, e o caminho para ella seria absolutamente impraticavel, tanto pela sua irregularidade como pelo matto que a cobria, para uma artilheria que não fosse tão extraordinariamente portatil como a nossa, e ainda com ella o seria se não fossem as diligencias e os esforços feitos pelo alferes Sarria e por todas as praças, cuja energia, boa vontade e satisfação com que cumpriam os trabalhos mais fatigantes estão acima de todo o elogio.

Só ao meio dia chegámos em frente da aringa de Pindirire, sendo recebidos com violento fogo.

É impossivel n'este rapido trabalho, que o meu estado de saude e a violencia do mar durante a viagem desde Moçambique até aqui, só agora me permittiu começar e que hoje deve ficar terminado, entrar nos pormenores d'este interessante dia de combate. O alferes Sarria foi logo no principio da acção ferido na illarga esquerda por uma bala que conservava no corpo até ás ultimas noticias que d'elle teulo, mas que causou um ferimento que parece não terá graves consequencias. Pouco depois de romper o fogo vimos apparecer vindo do lado de Casseia a força do commando do capitão Camba, que, não nos vendo chegar no dia 4, como esperava, passou todo esse dia e a manhã do dia 5, prompta a avançar ao primeiro signal, mas soffrendo muito com a falta de agua. Os cypaes do capitão-mór de Manica tem uma grande pratica de guerra das aringas e começaram logo a construcção de uns abrigos chamados por elles *sansoros* e pelo gente do capitão-mór de Chicoa, egualmente costumada a este serviço, *chitatas*, com que circumdam a aringa investida approximando-se d'ella por deslocamentos parciaes e successivos com tanta efficacia e de certo com muito mais rapidez do que haveria a esperar de trabalhos de sitio dirigidos por engenheiros europeus estranhos a este curiosissimo processo. A artilheria Hotchkiss produziu taes estragos no interior da aringa que por este unico dia de acção adquiriu uma tão grande fama e influuiu tal terror espalhado logo pelos sertões, que nos creou um precioso elemento de prestigio de que muito

precisavam os brancos por suas terras o poder do futuro ser utilmente empregado tanto para levantar o espirito dos nossos, como para amedrontar o dos inimigos. Mais tarde uma mulher das muitas que encontramos no caminho fugitivas de diferentes aringas, dizia: «É uma peste inesperada que vem pelo Luenha abaixo e a que ninguém pode resistir.»

A grande coragem e energia de que deu provas a guarnição da aringa de Pindirire, e o exame dos trabalhos de defeza internos que com a luneta astronomica que possui o districto de Manica podiam ser observados ainda pelas cinco horas da tarde de uma altura proxima que enfiava uma parte da aringa, faziam-nos prever a continuacão da resistencia e que a aringa só poderia ser tomada dentro de uns dois dias; mas o pavoroso effeito da artilheria e o avançar constante dos *sansoros* mostraram aos sitiados a sorte que forçosamente os esperava, levando-os quando anoiteceu, e só então, a tomarem subitamente a resolução de fugir. Para isso, no meio da face que olhava para o Luenha, fizeram junto ao chão uma pequena abertura e de rojo foram saindo para o rio que silenciosamente atravessaram para a margem esquerda no pequeno intervallo entre o escurecer da noite e o levantar da lua, mascarando entretanto até ao ultimo momento, com violento fogo, a sua fuga. As balas de uma meia duzia de tiros, ultimos que ouvimos, ainda em despedida assobiaram junto ao capitão-mór de Manica que com poucas pessoas estava n'um *sansoro* que ousadamente se ia construindo mais proximo da aringa do que todos os outros.

Pelas 9 1/2 h. tendo a lua levantado, e apezar dos nossos vultos andarem a descoberto proximo da aringa, não partindo mais fogo d'ali, occorreu a idéa de que teria sido abandonada. Momentos depois estavam algumas pessoas dentro d'ella. Os acontecimentos d'este dia tinham-se encadeado seguidamente por tal forma que, de peça para peça, de *sansoro* para *sansoro*, chegou a noite sem pensarmos em mandar vir alguma cousa de comer.

Apenas entrado na aringa, rasgando uma folha do meu livro de notas immediatamente communiquei ao governador os acontecimentos e o feliz resultado do dia, pedindo-lhe que se pudesse, viesse na manhã seguinte para a aringa que tinha sido do Pindirire, onde deveriam logo reunir-se todo o material e mais cargas que tinham ficado na primeira aringa.

Na manhã do dia 6 vimos chegar muita gente do lado da aringa de Camuara e como na frente reconhecemos o saxecondo Chapauanga, um dos que estava junto á pessoa do governador, pensavamos que este chegava e fomos alegremente ao encontro d'elle, para ouvirmos da boca do saxecondo em resposta á minha pergunta a palavra *mfia*, morreu, que nos causou primeiro a dôr de pensarmos que elle tinha succumbido a um accessimo da doenca, para depois comprehendermos com a narraçãõ do sanguinolento drama que uma unta mais horrorosa desgraça tinha succedido.

Na vespera ao anoitecer o governador Simões, depois de ter tomado n'um copo uma porção de marmelada, vinho do Porto e um ôvo, e declarado que se sentia mais aliviado da oppressão do peito que ha dias sentia deitou-se apparentemente com melhor saude do que tinha tido desde que partiu do acampamento, mas, segundo indicava mostrando a altura da lua, approximadamente á mesma hora em que eu na aringa de Pindirire lhe escrevia o resultado do dia, levantou-se em sobresalto da cama, de certo victima de algum pesadello a que era sujeito quando tinha febres, e dando gritos de guerra fez fogo com uma carabina Winchester que trazia na mão, primeiro sobre o capitão Bastião, que fugiu a tempo com o corpo, indo a bala matar um cypae, depois sobre um outro cypae que logo morreu, depois sobre o saxecondo Chaveca que corria para elle e se abaixou mas não tanto que não recebesse no hombro a bala que lhe atravessou o corpo de alto a baixo sahindo-lhe pela cintura nas costas, e, reconhecendo talvez então, ao ver cair este bem conhecido preto, o que estava fazendo, empregou em si proprio um quarto tiro!

Tinha assim nas mais horrorosas condições terminado a existencia o official que um amigo commum apresentára como *honrado, valente e leal* e que como poucos de facto reunia em si em tão elevada escala as grandes qualidades designadas pelos tres epithetos; tinha assim o districto de Manica perdido um governador que mal informado durante a viagem a respeito d'elle, logo que chegou á Gorongosa e sobretudo depois que no Rupire fizera conhecimento do capitão-mór Manoel Antonio de Sousa, se tinha vivamente affeiçãoõ ao seu governo e já durante os preparativos para a presente campanha planejara com o capitão-mór para o proximo anno, a execuçãõ de um outro serviço de não menos alcance para o paiz. Já estavamos em atrazo em a nossa marcha que este acontecimento mais ia retardar; suppunhamos Massangano em grande força e estavamos ansiosos recendo que algum desastre succedesse á força da Macanga que para ali devia marchar contanto commosco; o alferes Sarria esteve inutilizado com uma bala no corpo e grandes soffrimentos. N'estas condições resolveu-se que eu

atravessasse o Luenha e marchasse no encontro do capitão-mór de Chicoca a dar-lhe parte dos motivos da nossa demora, e que o capitão-mór de Manica com a praça mais graduada que, no impedimento do alferes Sarria, commandava a força da guarnição do districto, o sargento Nortadas, e com um conveniente numero de cypaes fosse a aringa de Camuara para prestar os ultimos deveres e as possiveis honras militares ao que fora governador de Manica, e para sellarem as malas e papeis que lhe pertenciam.

Partiu primeiro o capitão-mór Manoel Antonio com o sargento Nortadas, e com quanto estivesse tudo preparado para a minha immediata partida, não consegui dos chefes de guerra de Manoel Antonio, que de ha muito me conhecem e respeitam, geralmente tão obedientes e subordinados, que cumprissem as ordens recebidas do proprio capitão e que eu lhes repetia. Manoel Antonio, talvez prevendo isto, tinha querido ficar até ao ver a caminho, e fui eu que instei que sem demora mais de alguns minutos partisse de pressa para o seu destino.

O dia 6 de setembro seguindo-se ao de uma tão importante victoria, foi para mim um dia de dor e de contrariedades, que nunca mais poderei esquecer. Debalde atravessei na agua acompanhado apenas por poucos muleques, o Luenha para a margem esquerda, e passando pelas ruinas fumegantes da aringa de Deduere, fronteira á de Pindirire, que na vespera mesmo durante o dia tinha á nossa vista sido posta em fogo pela guarnição fugitiva, mandando diferentes ordens sem resultado fiquei n'esta margem toda a noute quasi só. Debalde chamei ainda na manhã do dia 7 ao ponto onde estava todos os grandes chefes de guerra para que me fornecessem gente que seguisse conmigo; nada conseguí. Como n'esse mesmo dia 7 pelo meia dia devia o capitão-mór Manoel Antonio estar de volta vi que o melhor que tinha a fazer era voltar eu mesmo para a margem direita e esperar por elle.

Pensei castigar severamente uma ensaca de uns cincoenta cypaes que ha tempos estava no meu serviço e que desapareceu, e principalmente com a maxima severidade um dos seus saxcundas; mas achei não o dever fazer quando reconheci o verdadeiro motivo de tudo o que se passava, motivo que me tinha sido escondido com varios pretextos futeis.

Eramos tres os officiaes que partimos do acampamento com o capitão-mór de Manica e os seus cypaes; o alferes Sarria estava ferido e não se sabia se em perigo de vida; o governador Simões tinha sido victima da desgraça que referi, e todos os chefes de Manoel Antonio, que lhe são affeccionados de coração, receando que eu pondo-me a caminho, n'uma excursão de certo perigo em que me podia encontrar com uma emboscada de forças muito superior e de que fosse victima, temeram expôr o capitão-mór á pesada responsabilidade moral ou desgosto de se apresentar sem um só dos tres companheiros com que tinha enectado a campanha o por isso resolveram contrariar a minha, marcha de que elles, que não sabem comprehender o que é o compromisso de palavra para um determinado encontro, além d'isso, não reconheciam a necessidade.

A chegada de Manoel Antonio e a possibilidade de seguirmos todos na madrugada seguinte a marcha pelo Luenha fizeram-me abandonar a idea de voltar para a margem esquerda no encontro do capitão-mór de Chicoca que esperavamos ver em breve junto ao rio.

A calamitosa perda do official que V. Ex.^a tinha nomeado commandante geral das operações levou-me no primeiro momento a pensar que, attendendo ás circumstancias que em mim se davam para com Sua Ex.^a o ministro de quem acabava de receber algumas instrucções, para com V. Ex.^a e para com as auctoridades de Tete e mesmo de Manica, me cabia o dever de tomar a mim o commando, mas reflectindo melhor reconheci que tal não era necessario.

Os elementos em acção tanto pertencentes ao districto de Manica como ao de Tete, desprendidos de considerações pessoais, trabalhavam com a maior harmonia tendo unicamente em vista o fim patriótico de acabar de todo por esta vez com a aviltante e nefasta butaca dos Bongas. Pelo fallecimento do governador o governo cabia por lei ao official de primeira linha mais graduado do districto que era justamente o commandante militar de Sena, que já estava em campanha com um importante commando, e a quem agora tinha que obedecer o capitão-mór de Manica com todas as grandes forças que estavam á sua disposição.

Assim o governador interino de Manica n'este districto e o governador de Tete no seu eram agora os commandantes naturaes das operações nos respectivos territorios, e quando houvesse necessidade no seguimento immediato das operações, ou que o capitão-mór de Chicoca atravessando para a margem direita do Luenha passasse para o districto de Manica, ou que para os movimentos da campanha Massangano já estava considerado como pertencendo a este districto, ou que o capitão-mór de Manica atravessando para o norte do Zambeze passasse para o districto de Tete, o referido

bom accordo em vista do fim commum permitiria que essas transgressões tivessem logar sem o menor inconveniente.

Foi portanto n'este sentido que da aringa de Pindirire officiei no dia 7 de setembro ao capitão Jayme José Ferreira, governador interino *ipso facto e ipsa lege* do districto de Manica.

Como a aringa de Pindirire estava cheia de palhotas e churros contendo uma enorme quantidade de mantimento que não diminuiu sensivelmente com o gasto que á farta fizeram mais de tres mil cypaes para cozer e para levar consigo, resolveu-se que não seria toda ella mas só o seu recinto incendiado. Na tarde do dia 7, quando ia escurecer, momentos depois de dada a ordem, estavam no chão a certa distancia para o lado exterior, lançados por milhares de cypaes que trabalhavam com grandes gritos e canticos triumphaes toda a madeira que constituiria o extenso e forte recinto d'esta vasta aringa, que em breve estava em fogo deixando dentro d'este cerco de chummas intactas as construcções de uma grande povoação aberta.

Foi principio adoptado não queimar povoações e sobretudo não destruir mantimento. Os cypaes do capitão-mór de Manica tiraram em toda a campanha quanto quizeram para seu consumo, mas o que restava em logar de ser incendiado e perdido para todos foi sempre cuidadosamente conservado para a volta da guerra, para presa das nossas povoações mais visinhas ou para a sustentação dos proprios fugitivos quando dias depois regressassem livremente e em paz ás suas povoações.

No dia 8 a força continuou a marcha sobre Massangano encontrando no caminho signaes de fugitivos e as ruinas fumegantes da aringa de Inhambancense. As 4 horas da tarde já em estava em descanso mas a cauda da columna só chegou ao acampamento depois de anoitecer.

Continuando a marcha no dia 9 passámos pelas ruinas da aringa de Chapananga, filho do Bonga, onde contavamos encontrar resistencia. Por caminho muito difficil cheguei pelas 10 horas da manhã á altura da foz do Mazoo, mas as praças brancas com a artilheria só ali chegaram ás 3 horas da tarde depois de violentos esforços ajudando a passagem das bocas de fogo, que ainda n'este dia em parte do caminho vieram de rodado. Estavam todos de perfeita saúde e na melhor disposição de espirito mas não em condições de, sem imperiosa necessidade e com grande sacrificio, continuar a marcha n'este dia. Como havia muitos cavallos marinhos no Luenha, Manoel Antonio e eu logo que chegámos e enquanto esperavamos as forças começámos a atirar a elles não só para ter abundante carne para toda a gente, como para vêr se com nossos tiros viamos apparecer cypaes das forças do capitão-mór de Chicoca na margem esquerda. Com este ultimo fim por vezes fizimos ás tardes nos acampamentos alguns tiros de artilheria com polvora secca.

No dia 10 continuámos a marcha e ficámos na povoação aberta e abandonada do grande pendor Inhaude, do certo que um dos instigadores de tanta atrocidade praticada em Massangano. E d'esto acampamento que escrevi para Tete dando noticia dos acontecimentos e pedindo-as acerca das forças do capitão-mór de Chicoca do que nada ainda sabemos senão muito vagamente por fugitivos da aringa por elle batida, que atravessando o Luenha para a margem direita vinham cair sobre a nossa columna em marcha.

Por varias vezes ouvimos n'este e no dia antecedente alguns tiros em o nosso flanco direito mas eram dados por cypaes nossos que se alargavam pelo paiz a apanhar gallinhas, cabras e porcos e viam a distancia não espias do inimigo mas alguns pobres fugitivos; e começámos a convencer-nos de que já não teriamos encontro com forças do inimigo antes de chegarmos a Massangano. Em 11 tivemos um dia de descanso moralmente imposto pelos nossos cypaes que vendo-se onde havia abundancia de mantimento e contando ter em breve uma serie de combates em Massangano nos pediram para que os deixassemos n'esso dia preparar alguma farinha, operação em que foram ajudados por muitas mulheres que consigo já traziam. E notavel como todas estas mulheres rapidamente reconheciam alegremente como seu senhor e marido os cypaes que as tinham aprisionado. E preceito entre os pretos a absoluta abstenção de communicação com mulheres durante toda a campanha, por modo que se não deu um só caso de violencia e brutalidade como não deixaria de ter logar se em vez de serem selvagens, as nossas tropas fossem de um exercito civilisado, sendo os aprisionamentos das fugitivas espalhadas pelo matto feitos pelos primeiros que se lhes approximavam, é claro que as nossas poucas praças brancas acompanhando a sua impedimenta não entravam em concorrência para estes presos.

No dia 12 continuou a marcha de toda a força sem coitudo podermos chegar ainda a Massangano. Por mulheres que á noite foram feitas prisioneiras nos foi dada vagamente a primeira noticia do destroço moral em Massangano, do abandono do chefe, pelos seus capitães e da fuga de Chatara, só e quasi corrido, para a margem esquerda.

No dia 13 continuou a marcha de madrugada e ás 8 h. 30 m. da manhã do alto do pequeno monte que a commanda, vi apparecer em baixo junto ao Zambeze a célebre aringa parecendo abandonada, como effectivamente o estava. Vista por este lado reconhecem-se dolorosamente que não é facil explicar a historia do que n'ella e junto a ella em differentes epochas teve logar. Na praia vimos logo dous homens, e depois foram encontrados mais nove com as cabeças cortadas e com as mutilações a que em Massangano costumavam proceder.

Na tarde d'esse mesmo dia parti para Tete onde cheguei na manhã do dia 14, encontrando-me com patrulhas avançadas da guarda da villa que me receberam com enthusiasmo, me levaram para Tete, e ali, com grande alarido de centenares de mulheres que logo se reuniram em torno da machila, até a residencia do governador. A villa apresentava um aspecto de animação excepcional pelos cypaes que n'ella estavam e pelo grande numero de familias de uma e outra margem que nos ultimos dias ali se tinham refugiado; achando-se ainda a margem esquerda coberta de gente que esperava vez para embarcar.

N'uma reunião do governador com os principaes moradores da villa que tinham fornecido gente para a guerra, concordou-se em um ataque combinado com forças de Tete e com outras partindo de Massangano ás aringas ao norte de Zambeze.

Na madrugada do dia 15 regresssei pelo rio a Massangano vindo com o governador de Tete e as autoridades e os moradores mencionados no auto de entrega da aringa, de que V. Ex.ª tem conhecimento. Ao chegar á aringa pelas 12 h. e 30 m. encontrei o capitão-mór de Chicoa com as forças do seu commando, incluindo as do muzungo Cambuamba que todas ali estavam desde a vespera á tarde.

Para cumprimento do que tinha sido combinado em Tete foi este capitão mór o encarregado de, com uma grande parte da sua propria gente, atravessar o Zambeze em reconhecimento offensivo para destruir as aringas ao norte do rio se o podesse fazer, ou requisitar as forças que o reconhecimento mostrasse que eram necessarias; partiu no dia 16.

N'esse mesmo dia vimos na margem esquerda gente que fazia signaes com uma bandeira branca. Atravessámos o rio n'um escalar, Manoel Antonio de Sousa e eu, e reconhecemos que o chefe d'esta gente era um delegado dos grandes e saxeendias do rebelde de uma e outra margem, que estavam todos reunidos no Sungo, logar da margem esquerda logo acima da Lupata, e que por este delegado declaravam desejar apresentar-se immediatamente ás autoridades que estavam em Massangano se tivessem a nossa promessa de bem os recebermos e, não a tendo, ir apresentar-se em Tete ao governador.

Dizemos que viessem em paz e o emissario respondeu que partia em seguida para o Sungo e que o mais breve possível, isto é, na tarde do dia 18 estaria de volta com todos os seus constituintes.

Na madrugada do dia 17 regressou a Tete o governador com o alferes Sarría que entregue aos cuidados do dr. Fermiano de Sousa ia tratar-se na villa e com as pessoas que d'ali vieram, levando muitas embarcações carregadas com os generos roubados que tinham vindo buscar á aringa, prometendo o seu dono que immediatamente tornaria a mandar para baixo uma grande lancha em que poderia embarcar toda a força da guarnição de Manica com a artilheria.

Pouco depois da partida do governador de Tete chegou um officio dirigido ao governador de Manica pelo commandante militar de Sena, que ao escrevel-o não tinha ainda recebido o que lhe dirigiu da aringa de Pindirire, com a communicação de importantes informações sobre factos de que V. Ex.ª já tem directo conhecimento, informações que nos fizeram decidir a que partiríamos todos em direcção ao agrupamento das aringas do Muira com a maior brevidade possível, isto é, logo que recebemos algumas noticias do capitão-mór de Chicoa e que chegassem a lancha prommettida de Tete e os homens do Sungo que se deviam apresentar na tarde do dia 18.

Por causa da falta de noticias em que tinhamos estado das operações no Muira, já nos dias 15 e 16 tinham sido mandadas algumas forças em reconhecimento n'essa direcção; as informações communicadas pelo referido officio levaram-nos a immediatamente fazer engrossar estas primeiras expedições.

Durante este dia e dias seguintes continuaram a chegar novos grupos importantes de cypaes de Manoel Antonio que já não davam a volta pelo Luenha, mas que passando pela aringa de Inhagombe e a través das terras dos chefes Bitongas que todos vieram apresentar-se nos a Massangano, engrossavam já desnecessariamente as nossas forças.

No dia 18 recebi carta do capitão mór de Chicoa com data de 17 communicando a tomada e destruição da aringa de Calambo, do muzungo Oliveira, tio e irmão uterino de Chatara, depois de

algun fogo que de lá fizeram, e com noticias favoraveis do estado do paiz, sendo entre outras a de que Motontora, outro irmão do Bonga, queria elle mesmo ir a Tete e tinha prendido o fugitivo e por todos abandonado Chatara, e para o levar assim preso ao governador, participava mais que seguia para Zenje, a antiga aringa de Chatara, que esperava destruir na manhã do dia 18, contando voltar n'esse mesmo dia para o Sul. Pelo mesmo correio communiquei a Ignacio as noticias chegadas do Muira e o projecto dos nossos movimentos para que logo que atravessasse o Zambeze viesse juntar-se a nós.

Do tarde apresentaram-se os esperados grandes vindos do Sungo e com elles uma embaixada que nos surpreendeu. Eram enviados do muzungo Chiuta, irmão do Bonga, e capitão de uma aringa na margem esquerda do Zambeze a jusante da Lupata. Esta embaixada trazia uma guia assignada Chiuta que dizia: «Os portadores levam um officio e uma ponta de marfim grosso para ir á presença do senhor governador do districto de Tete, prestarem em meu nome preito de vassalagem. Os amigos do Rei e da nação não lhes ponham impedimento».

Esta guia e o officio de que tomei conhecimento eram escriptos pelo ex-alferes Aguiar, que, fugido de Massangano qua dias antes elle suppunha bahuarte inexpugnável de rebeldia, mostrava estar então na aringa de Chiuta. Do conteúdo do curioso officio terá V. Ex.ª conhecimento por communicação do governador de Tete, seu destinatario. Disse aos emissarios que da parte dos chefes da guerra que estavam em Massangano nem Chiuta nem Motontora tinham já a temer, e que quanto á embaixada seguisse ella para Tete ao seu destino com a correspondencia que fechei n'uma carta minha ao governador.

Parece-me inutil n'esta exposição indicar os nomes de todos os saxeendias e manambos da butaca que então se apresentaram e fizeram a sua submissão com a declaração de que entregariam em Tete todas as suas armas e que de futuro viveriam em absoluta obediencia á lei.

No dia 19 recebeu Manoel Antonio de Sousa a desagradavel noticia de que na sua grande aringa e deposito de Pangara tinha pegado fogo e que com a explosão de 3:000 libras de polvora do governo e 7:000 libras d'elle se perdeu grande quantidade de marfim, cera e tudo mais que elle ali tinha. Eu tambem perdi alguns objectos da expedição de Sofalla, e outros de propriedade minha que ali tinha deixado depositados. Com esta noticia chegaram mais uns seiscientos cypaes que contavam do terror que os effectos da artilheria na aringa de Pindirire, produzia em todo o paiz, e tambem do poder sobrenatural que attribuem á juncta astronomica pertencente ao districto de Manica quanto montada no seu tripé.

Vem outros influenciaes das terras prestar submissão declarando todos estarem desejosos de acompanharem as forças ao Mutoco.

Durante o dia deitou-se abaixo o grande recinto de madeira da odiosa aringa de Massangano, demoliu-se o muro de pedra setecirado do recinto interior, e encheram-se as casas de habitação com pau da aringa para tornar mais brilhante e visivel de Tete o fogo que se ia acceger. Mudámos da aringa para um acampamento junto ao rio alguns centos de metros mais abaixo, e ao anoitecer mandámos deitar fogo a tudo.

Na madrugada do dia 20 poz-se em movimento pela margem direita do Zambeze o grosso das nossas forças. A grande lancha chegou de Tete ás 7 h. e 15 m. e tendo embarcado n'ella a artilheria e as praças, parte das quaes para mais commodidade passaram depois para coxas, Manoel Antonio e eu partimos por terra de machila e depois de termos subido a ingreme encosta de Inhacorongo acampámos na Lupata debaixo de um formoso mutondo proximo da confluencia do rio Fizi.

Como encontramos na Lupata alguns escalares dos que tinham ultimamente sido roubados em Massangano, quando passavam para Tete, pelas 11 horas da manhã do dia 21, hora a que só podíamos partir, embarcámos Manoel Antonio e eu n'um d'elles e evitando o pessimo caminho marginal por todo o resto da Lupata seguimos pelo rio vendo sempre descendo pela margem direita a columna não interrompida dos nossos cypaes. As 3 horas da tarde chegando ao extremo da Lupata vimos na margem direita a bandeira nacional do acampamento do capitão Macaningomba, primeiro que ali tinha chegado e em frente n'um areal da margem esquerda outra bandeira nossa que a pedido de Chiuta entregámos a um dos seus enviados que voltou para Mahembe a dar parte do modo como por nós tinha sido recebida em Massangano a embaixada. Desembarcámos na margem direita junto á aringa do Bandar, de Muririma ou Muchengui que encontramos cheia de mantimento e com signaes de ter sido recente e precipitadamente abandonada. Logo a mandámos demolir, servindo a lenha para as fogueiras do acampamento d'esta noite.

Mandámos tambem dizer a Chiuta que viesse ter connosco, mas em logar de logo obedecer mandou-me de presente uma

ponta muito grossa de marfim e dizer que elle mesmo não se atrevia a vir, porque tinha muito medo. Respondi que guardasse o marfim e que seria uma insolencia duvidar da nossa palavra, com a qual lhe tínhamos garantido que nenhum mal lhe seria feito. Só appareceu pouco antes da madrugada do dia 22 declarando no principio tremulo em portuguez que tinha muito medo. Como não havia que se lhe cortar a cabeça e era um musungu que recebíamos em boa paz, momentos depois acompanhando-nos em o nosso chá da manhã, fallava das cousas da butaca do Bonga, rindo e conversando em cafreal, como se fosse um dos officiaes da expedição. Quasi ao mesmo tempo que elle, tinha chegado o capitão-mór de Chicoa com a sua força, que tendo passado a noite muito perto, entrava em o nosso acampamento antes de ser dia claro.

Participou este capitão-mór ter destruido a aringa de Zenje e deu noticia de o ter sido a de Mitete pela expedição dos moradores de Tete, á qual já me referi como projectada, e do que V. Ex.ª receberá mais informações pelo relatório do respectivo governador.

Ainda n'este momento suppunham todos que os irmãos do Bonga, Muchenga, Gaude e Chincupete opporiam resistencia.

Eu sou padrinho de uma filha do Muchenga e se nada tinha ainda feito a bem da minha afilhada que deve agora ter cerca de 15 annos era porque corria em Tete, e d'ahi tinha recebido noticia antes de começar a campanha, que o spae ou Muchenga, a quem em tempo proprio tencionava mandar um recado meu, acabava de morrer, e eu não sabia como n'este caso podia proceder. No caminho de Massungano para o Bandar soube que o boato era falso, que Muchenga vivia e estava na sua grande aringa de Malunga na margem esquerda do Muira. Aproveitei a occasião para dizer a Chiuta que immediatamente mandasse ali alguem para dizer da minha parte a Muchenga que querendo apresentar-se e submeter-se seria bem recebido, que preferindo resistir o bateriamos até dar cabo d'elle, mas que salvasse a filha das balas d'artilheira que não conhecem nem sexo nem pessoas, mandando-n'a entregar que eu faria por todos respeitar como minha afilhada que ella era. Os enviados já não encontraram Muchenga na aringa, porque o subito derrocamento do prestigio dos mzuungos rebeldes já tinha levado a gente d'elle como a do Chitara e a de outros irmãos, com excepção da do Chiuta e do Motontora que se submeteram a tempo, a revoltar-se contra o seu temido senhor da vespera, e tanto compadre como afilhada, fugindo da aringa ás violencias dos seus andavam já escondidos n'um denso bosque que ha nas visinhanças. Ao passar agora por Quelimane recebi do governador interino do districto de Manica informação de que Muchenga já se lhe tinha apresentado.

Da aringa do Bandar o grosso das forças levantou comosco com o plano de seguir pela margem do Zambeze até á foz do Muira, atacar ali a grande aringa de Gaude, mandar uma força ás aringas menos importantes construídas ainda mais abaixo no Zambeze, as de Inhaunga e Cataudica, depois subindo o Muira atacar a aringa do Muchenga, e continuando a subir o rio acabar a operações contra a butaca dos Bongas pela destruição do grupo de aringas de Chincupete.

Pouco depois de estarmos em marcha encontrámos uma pequena aringa de Gaude abandonada que demolimos, e continuando até ao Muira atravessando o leito arenoso, completamente secco d'este rio, chegamos á grande aringa de Gaude que também encontrámos abandonada. Este homem que parece ter sido o mais ladrão e mais facinora dos irmãos do Bonga é que não deve deixar de ser procurado e, se não morrer no encontro, ser mandado para fóra da provincia.

O Biribiri que encontrámos na aringa estava coberto de sangue ainda fresco.

Foi d'este lugar que expedi correspondencia para o governador interino do districto, já anteriormente escripta, porque a mais directa e rapida via de communicação era aquella que nós mesmos tínhamos viudo abrindo no paiz do inimigo; contava-lhe os acontecimentos e lembrava-lhe a conveniencia de vir com urgencia juntar-se ao capitão-mór de Manica cujas forças elle, como governador do districto, commandaria até terminar as operações de guerra.

Como por parte alguma encontravamos já resistencia e se ia aproximando o tempo em que eu deveria partir para Quelimane para aproveitar o primeiro paquete para o norte, e como era provavel que fosse inutil obrigar a maiores trabalhos a força branca da guarnição do districto, resolveu-se mandar marchar rapidamente, na madrugada do dia 23 o grosso das forças de Manoel Antonio pelo Muira acima até á altura das aringas de Chincupete. Se n'essas aringas encontrassem ainda resistencia deveriam os commandantes das forças mandar com urgencia com esta noticia emissarios que chegariam ao nosso acampamento ainda de noite ou na madrugada do dia 24; Manoel Antonio de Sousa, o capitão-mór de Chicoa e eu com a força branca da guarnição de Manica partiriamos

em direcção a essas aringas. No caso porém de ahi também estarem as guarnições das aringas já em fuga e encontrarem estas abandonadas avisar-nos-hia embora com menos urgencia, e a guerra do Bonga estando acabada eu desceria para Quelimane, a força branca continuaria até Sena com todo o material de artilheria, para de ahi regressar com vagar e conforto ao seu quartel em Gouvêa, e os dois capitães-móres subindo o Muira iriam mandando destruir as aringas abandonadas de Muchenga e do Chincupete, e regulariam a situação do Goba, regulo de unas pequenas terras encravadas nos prazos de Manica, proximo de Sena do Zambeze, e unico homem que se julgava independente das leis portuguezas na vastidão da provincia de Moçambique effectivamente hoje occupada desde a costa até quasi aos limites do paiz dos Matabeles. Depois iriam ambos ver o logar da incendiada aringa de Pangura e o nosso antigo acampamento de Inhamacombe e de lá directamente, já por terras absolutamente sujeitas, até Tete onde o capitão-mór de Manica tinha a cumprir um voto religioso, e onde também na presença do governador do districto, deveriam combinar com o sargento-mór de Mucungue no modo de facilmente e sem nova campanha se concluir a questão do Mutoco.

Pelo modo do dia 24 chegou noticia de que todas as aringas de Chincupete estavam abandonadas, a gente d'elle ou espalhada em fuga ou apresentando-se; e das forças que tinham seguido pelo Zambeze noticia de que a aringa de Inhaunga tinha por ellas sido occupada sem encontrar quem lhes resistisse, e de que o capitão Cataudica declarara que se sujeitava e que breve viria apresentar-se onde nós estivessemos.

Em vista d'estas noticias na manhã do dia 25 despedi-me dos dois capitães-móres e puz-me a caminho para Quelimane.

Desancei na aringa de Inhaunga para almoçar e poucos minutos depois entrava n'ella o governador interino do districto que vinha da aringa do Musseca trazendo ás suas ordens a gente de Manoel Antonio do commando do mzuungo Camugremo e do capitão Chacupadesa e a que já me referi. Por elle soube que da aringa de Cataudica tinham partido alguns tiros e a aringa tinha sido tomada. Depois do almoço continuei a minha viagem rio abaixo e o governador continuou por terra em direcção ao logar da aringa de Gaude, onde depois soube que no mesmo dia chegou quando ainda ahi estavam os dois capitães-móres.

De tudo mais que se passou até terminarem as operações da guerra e dos factos anteriores que não mencionei, succedidos tanto no districto de Tete como no de Manica terá V. Ex.ª detalhado conhecimento pelos relatórios dos respectivos governadores.

Deus guarde a V. Ex.ª — Lourenço Marques, 27 de outubro de 1887. — III.º e Ex.º Sr. Conselheiro Governador Geral da provincia de Moçambique. — Joaquim Carlos Paiva d'Andrada, major do estado maior d'artilheria.

ANNUNCIOS

Contadoria da Junta da Fazenda da Provincia do Moçambique

Em virtude da deliberação da Ex.ª Junta da Fazenda, de 6 do corrente, se annuncia que a arrematação que devia ter lugar no dia 17 d'este mez dos objectos constantes do annuncio publicado no *Boletim Official* n.º 53 de 31 de dezembro do anno findo, fica adiada para o dia 14 de fevereiro proximo futuro; devendo os concorrentes enviarem as propostas em cartas fechadas até o dia 13 do referido mez fevereiro.

Contadoria Geral da Junta da Fazenda da provincia de Moçambique, 7 de janeiro de 1888.—O secretario, Joaquim Hippolyte de Noronha Gouvêa.

Junto do Direito da Comarca de Moçambique

Por este juizo e cartório do 2.º officio correm editos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação d'este, citando todas as credores e mais interessados que se julgarem com direito ao espólio de Getú Boguinidas, residente que foi em Ampapa, para virem, querendo, deduzir os seus direitos dentro do prazo legal.

Moçambique, 30 de dezembro de 1887.—E eu Gustavo de Bicar Pinto Lopes, escriptão e escrevi.—Verifiquei.—O juiz de direito, N. Ferreira.

2.º annuncio.

O abaixo assignado tendo de seguir no proximo paquete para Lisboa, vem por este meio, despedir-se dos seus amigos e pessoas de suas relações, offerecendo o seu limitado prestimo n'aquella cidade, pedindo desculpa não poder ser pessoalmente por falta de tempo.

Moçambique, 7 de janeiro de 1888.—João Furnasini.

Nina Letitia Emma Hunt e George Harry Hunt, retirando-se para Lourenço Marques e Europa no proximo paquete *Courland* e não podendo despedir-se de todas as pessoas que n'esta cidade os obsequiarão com as suas relações, pois o seu estado de saude não permite, o fazem por este meio offerecendo o seu limitado prestimo.

Moçambique, 7 de janeiro de 1888.

George Harry Hunt, retirando-se para Lourenço Marques no paquete *Courland* declara que fica seu procurador n'esta cidade o Ex.º Sr. Alfredo Auerbach.

Moçambique, 7 de janeiro de 1888.

Preço do presente numero do *Boletim Official* 240 réis

MOÇAMBIQUE — IMPRENSA NACIONAL

CAPITANIA-MÓR DAS TERRAS FIRMES

RELATORIO (8)

I

Série do 1888. — III.º e Ex.º Sr. — Em virtude das correrias que continuamente se estavam dando nas terras da corôa d'este continente, pelos salteadores namarracs, correrias que, apesar dos muitos esforços já empregados, não deixaram de cessar, sendo ultimamente mais perigosas pelos horrozos crimes que se praticavam nas diferentes povoações, já roubando e escravizando mulheres e crianças, já assassinando os que alguma defeza apresentavam, tornando-se cada vez mais amplo e por toda a parte, o odioso trafico da escravatura, factos estes que deram em resultado o atraso da agricultura, principal riqueza d'estes povos, por se acharem aproximadamente ha dois annos, paralisadas as colheitas, pelo completo abandono de povoações inteiras, das quaes se apossou um terror panico indescritivel em consequencia de se não conseguir inflingir ao inimigo um correctivo bastante severo, por isso que o seu coito era ignorado, pois que, só traiçoeiramente, e de noite, os criminosos assaltavam as povoações, onde commettiam toda a serie d'atrocidades, e sem as mais das vezes, darem tempo á defeza, resultou, das muitas instantes representações, V. Ex.ª ordenar na ausencia de Sua Ex.ª o Sr. Conselheiro Governador Geral, que toda a força do batalhão de caçadores n.º 1, no numero aproximado de 200 homens, incluindo n'este numero os officiaes e officiaes inferiores, viesse operar n'este continente.

Esta força desembarcou nas praias de Mossiril em 27 de agosto findo pelas 8 horas (a. m.) onde permaneceu, retirando nos todos depois para Natule por haver ali uma fortificação passageira que garantia a columna de operações a segurança necessaria á demora que ainda devia existir.

Desde 27 a 31 deliqui-me unicamente a reunir gente das terras que se encontrava refugiada, e angariar carregadores para transporte de mantimentos, bem como a força irregular de cypacs, que subiu até ao numero aproximado de 450 homens.

No dia 1 do corrente pelas 8 horas (a. m.) depois de distribuidos os respectivos signaes de guerra, ordenou o commandante da columna, o sr. major Manoel Antonio da Fonseca, que se levantasse o acampamento e seguissemos o caminho da povoação da Naguema, a intitulada rainha do Namarral, marcha que se realisona na melhor ordem, gastando-se no transito 5 horas, demora causada pela conducção das duas bocas de fogo que nos acompanhavam, e da obstrucção das estradas, as quaes foi preciso ir abrindo á força de machado, e onde o trabalho braçal se tornou uma campanha.

O caminho a percorrer, sendo quasi impraticavel ás nossas forças, mais o era ainda para a artilheria, que eu conheci imprópria para estas operações. Venceram-se contudo todas as difficuldades á custa d'uma vontade tenacissima e de trabalhos quasi sobre-humanos.

Apenas chegados proximo da povoação da rainha, o inimigo intrincheirado no espessissimo matto, começou por nos fazer um fogo vivissimo, que logo foi respondido pelas forças regulares e irregulares, sem que todavia possessemos reconhecer os terrenos que pisavam ou sequer os movimentos e posições que tomavam. Avançamos, no entanto, para melhor tomarmos a defensiva, o que se effectou logo que tomámos a citada povoação.

Recebemos aqui então descargas ininterruptas, por todos os lados, e sempre com desvantagem para as nossas forças.

A zona onde nos encontramos era um circulo completamente circundado de matto, no qual parecia estarmos resguardados e onde calculavamos ficar, tratando-se immediatamente de levantar pequenos pontos de defeza. Infelizmente foi-nos tal intento impossivel porque, tentando por varias vezes proceder a escavações, vimos-nos na necessidade de nos acobertarmos com a linha de atiradores, visto que o fogo inimigo nos dava só logar á defeza immediata. Os namarracs conheceram os nossos projectados planos, escondidos como estavam por espesso matagal, e porque nós estávamos a descoberto, viam todos os nossos movimentos, e por isso tiveram unicamente em mira, primeiro que tudo, impedir-nos a construcção dos abrigos.

Como o sr. commandante da columna visse que a tarefa se tornava ardua, se não impossivel, e o tempo se não podia perder, ordenou um cordão de atiradores collocando o primeiro pelotão a O., o segundo ao S., o terceiro a N. e o quarto a L., e os grandes intervallos reforçados pelos cypacs, sendo todavia todos estes movimentos feitos debaixo de continuo fogo, pois que o inimigo nem sequer respeitava a artilheria que constantemente despejava lanternetas, respondendo a ellas com enormes vozerias, acompanhadas sempre de cerradas descargas.

Emfim, Ex.º Sr. a lida durava havia já 5 1/2 horas e os nossos soldados tinham já consumido approximadamente 16:000 cartuchos. Começaram por enfraquecer, e como consequencia, a dar menos ardor áquella tremenda luta.

Vendo o commandante a impossibilidade de transportar os feridos que reclamavam socorros mais rapidos, á falta de agua que se sentia, pois que havia unicamente um unico poço que nos ficava a um kilometro de distancia, se que para a sua conducção seria necessario empregar um pelotão e o maior numero de cypacs, o que se chegou ainda a praticar, mas que se não podia repetir mais vezes pelo escuro da noite que em breve viria, e mais ainda porque o poço existia dentro d'um matagal impossivel de debastar, ainda que para tal fim se empregaram todos os esforços, visto que o inimigo, reconhecendo a necessidade que por força deviamos sentir, nunca o abandonou; vendo mais que apenas existiam no acampamento tres cunhetes contendo cada um 750 cartuchos, com o que nos poderiamos apenas sustentar mais tres horas, gásto que se explica pelos soldados não observarem as vezes ou toques de cessar fogo, por muitos esforços que para isso empregassem os bravos officiaes, commandantes de pelotões, que se viam desatendidos, pelo ardo com que os soldados mantinham o fogo, parecendo terem só em mira o consumir munições; vendo, finalmente, que, aproximada a noite, dever-se-hia dar necessariamente a confusão, e que os cypacs nos abandonariam, expostos como estavam ás emboscadas nocturnas em que em breve se teriam de encontrar, reuniu então os commandantes dos pelotões e o das forças irregulares expondo-lhes a situação em que se encontravam. Depois de reunidos estes valentes officiaes, cujo denodo foi notavel pela desigualdade de posições entre nós e o inimigo, foram todos de opinião que se retirasse, para poder aproveitar-se uma hora que restava ainda do dia. Depois d'esta decisão, que julguei extremamente sensata, porque era a unica a tomar, o commandante levantou o acampamento, impondo-se aos carregadores a responsabilidade pela conducção e segurança das peças de fogo, assim como ao 1.º ajudante das terras, Abdurrahmane Abdalla e capitão-mór Amine Mamudo, os quaes de boamente a assumiram. Mandaram-se as maceas com os feridos na frente, bem como todo o material existente, não se deixando nada no acampamento. Quefiraram-se todas as povoações pertencentes á intitulada rainha n'esse momento, tendo sido já anteriormente feito o mesmo a muitas mais; apesar dos esforços que o inimigo sempre empregou para obstar ao nosso intento.

A retirada, Ex.º Sr., era um dever, e passo a afirmar que foi feita com todas as regras exigidas n'um campo de batalha. Se um combate honra os que lutam, uma retirada em ordem, e a tempo, dá gloria a quem a dirige. Se lutamos enquanto as forças combateram; muito maior foi a luta na retirada, sendo nossa intenção alcançarmos a primeira fortificação, onde possuíamos o material necessario para nos defendermos.

Realisaram-se as nossas previsões. Depois de 15 minutos de marcha, o inimigo engrossou, o que se conheceu pelo fogo que augmentava e as nossas forças atacadas por todos os lados, defenderam-se com valor e energia, pois que, a não ser assim, teria sido infallivelmente fuzilada a maior parte.

Ainda não tínhamos percorrido 3 kilometros, já a noite se começava a aproximar, quando soffremos uma decepção horrorosa: o encontro d'uma bocca de fogo abandonada! Vieram sobre todos uns assomos de desalento, substituido mais tarde pelo verdadeiro desespero. Cypacs e carregadores, tudo tinha fugido, largando des-humanamente até as maceas onde se transportavam os feridos; tudo eram tropeços á retirada tão brillantemente feita. Apoderei-me da bocca de fogo, fiz ver aos soldados qual era o nosso dever, empreguei todos os esforços que em mim cabiam para a conduzir e consegui arrastal-a ainda a bastante distancia. Tínhamos, porém, uma má estrella por nós, porque, quando julgo ter salvo a primeira, encontro no caminho tambem abandonada; a segunda! No entanto, o inimigo fustigava-nos poderosamente com as ballas arremessadas do espessissimo matagal que nos cercava. Os soldados perdem parte da sua coragem e não há já fazêrmo-nos obedecer. O bravo commandante emprega-se a contel os, tenta excital-os a transportarem os seus camaradas feridos, e elles recusam-se. Officiaes e officiaes inferiores, chegam a conduzir as maceas ás costas, mas o cansaço em breve vem e cerca-os a dura necessidade de os abandonarem.

Até este terrivel transe ainda eu, Ex.º Sr., me conservava ao lado da artilheria, mas, já sem esperanças de poder salvá-la, deparo com o commandante ao pé de mim. Peço-lhe, supplico-lhe, mas este bravo já nada me podia fazer, porque n'esta occasião ouvia-se o 4.º pelotão pedindo socorro. O commandante esquece todos os perigos que podia correr no passo que era preciso dar, e vai para a retaguarda animar com a sua presença as poucas praças que restavam e que se defendiam valorosamente. Optando-se

depois pelo encravamento de uma bocca de fogo, visto não haver quem as levasse, não se tendo feito o mesmo á segunda, porque o estado das cousas havia chegado ao cumulo da confusão, sem se ver já o caminho que pisavamos, sem guias, completamente desorientados pela escuridade da noite, que caíra sobre nós pesada como as trevas do desespero em que todos nos víamos, entre matto cerrado, vimos-nos obrigados a caminhar ao acaso, dispersos, e voltos na mudez, que cerea sempre os que se vêm a lutar com a covardia de forças irregulares que nada conhecem do valor e energia que é preciso aos grandes feitos.

Tendo nós levantado o acampamento ás 5 ¼ horas (p. m.) gastamos 6 horas até chegarmos a Ampapa, quando o maximo tempo não devia exceder a tres horas. E se tão cedo chegámos, é porque o inimigo deixou de perseguir-nos logo que nos vimos proximo das povoações já sob o nosso dominio.

Pela minha exposição comprehendereis bem V. Ex.^a qual a força de animo precisa para se supportarem tantos revezes, provenientes unica e exclusivamente da fuga dos cypaes e abandono de tudo que nos era dever conduzir. Se o desespero nos foi enorme, a consciencia a ninguem pôde accusar de não terem bem cumprido com os seus deveres. O combate em campo descoberto, com inimigo em frente, e onde a arte da guerra se pôde desenvolver, é bem facil, deve ser bem mais facil, do que a luta entre matagais fechadissimos, expostos ao fogo inimigo, e sem se saber a quem se ha de combater. Se a gloria dos vencedores é grande, é porque a luta foi assombrosa.

Não me compete a mim, Ex.^{mo} Sr., ir avante; pego, todavia, venia para dizer que, n'esta luta assombrosa para a pacificação das terras firmes, e para castigo dos revoltosos, obraram prodigios de valor os officiaes da columna. Um dia inteiro de marchas e do fogo intenso não lhes quebrou o animo.

Fizeram o que sempre devem fazer os officiaes do exercito portuguez ultramarino, para provar que, nem as fadigas os alquebram, nem sabem voltar o rosto aos perigos. O commandante pela sua conhecida coragem, e os officiaes pelo seu denodado valor fizeram que da fuga da cypaes e abandono de bocas de fogo, não mais perigosos resultados houvesse.

Cumpre-me mais ainda, Ex.^{mo} Sr., regosijar-me pelas medidas desde principio tomadas para a luta em que nos achamos empenhados. Se a escravidão cessa no interior do Namarral e se um castigo inflexivel a este bando infame, que a todo o momento assolava povoações indefezas, é bem certamente devido aos esforços feitos e ás medidas tão energica e sensatamente determinadas, as quaes, estou convencido, farão do continente umas terras cheias de commercio licito, e gratos os seus habitantes pelo socorro que de futuro lhes advira.

Dêns Guarda a V. Ex.^a. — Secretaria da capitania mór das Terras Firmes, 18 de setembro de 1888. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Secretario Geral do Governo Geral. — O capitão-mór, Joaquim Barbosa Lopes Lobo.

II

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Depois do meu primeiro relatório, e segundo o que n'elle expunha, forçado se tornava tomar providencias mais energicas. Poderosas eram as primeiras, mas os animos precisavam robustecer-se pelo exame frio e nu dos factos dados. Se não era totalmente nosso o prestigio dos successos, preciso era estudar seriamente a situação para um golpe decisivo. A não ser d'esta forma, seria o final da primeira campanha não só a perda da força moral e do poder que nos cumpre exercer em territorios que são nossos, como tambem o direito de posse ao muito que resta por dominar.

Foi acobertados por esta crenga que se deram os passos com a rapidez que os factos requeriam. O commandante da columna, procurou reunir, no dia 2 de setembro pelas 4 horas (a. m.), dentro da fortificação passageira de Ampapa, as forças regulares, notar as pragas em falta, saber as que foram victimas no ataque, e depois d'isto feito voltamos a Natule, onde esperaríamos novas ordens de V. Ex.^a Não foram ellas muito demoradas, como convinha, e porque o empenho que V. Ex.^a formava d'uma segunda campanha era tão assente, quanto é certo não lhe caber no animo que os revoltosos não fossem completamente exterminados. Voltava V. Ex.^a no dia 3 de Matibana, onde fora conferenciar com o Xoque d'aquelle ponto, um trabalhador incançavel e chefe exemplar, estava V. Ex.^a no dia 5 junto de nós todos, ajudando-nos com o seu prestimoso conselho, felicitando-nos; animando-nos e snavisando os tormentos soffridos n'esta lucta com as expressões agradaveis do homem infatigavel, que bem conhece quanto são duras as horas passadas em guerra com o gentio. Informando-se V. Ex.^a da saúde de todos os officiaes, officiaes inferiores e mais pragas da columna,

deu um honroso testemunho e uma prova evidentissima do quanto lhe interessavam estes heroes do matto, que sabem arrostar todos os perigos só na mira de bem cumprirem com um dever que a sua bandeira lhes impõe.

Antes de V. Ex.^a nos honrar com a sua visita tinha já determinado ao commandante que novamente voltasse para Ampapa onde a columna obteria mais rapidos socorros, no caso de necessitar, e para onde as communicações seriam mais rapidas e faccis.

Prometteu ser V. Ex.^a mais assiduo com a sua presença, e que empregaría todos os esforços para estar junto de nós quando os seus trabalhos do secretaria o deixassem livre. Despedindo-se, disse ir conferenciar com Molyde Volay e Maravo, e que o resultado d'esta conferencia nos seria comunicado.

Devo V. Ex.^a recordar-se, de certo, que me offereci para o acompanhar, sabendo que o fim de V. Ex.^a era empenhar aquelles dois individuos em nos auxiliarem na campanha contra os namarraes. Foi accete o meu pedido. Tinha eu em vista ver a forma porque seriamos recebidos, não por V. Ex.^a mas sim por mim.

Estes dois potentados mantêm, ou julgava eu que mantinham, odios inveterados contra mim, odios que não tinham razão de ser. E se V. Ex.^a me dá licença, eu explico-os: o capitão-mór das Terras Firmes, unica auctoridade portugueza que conhecem nas suas terras, vê-se por vezes obrigado a cumprir com os seus deveres e a fazer dar cumprimento á lei. Ao executar ordens superiores para castigar qualquer crime ou rebelião que correctivo merecem, tem de encontrar-se quasi sempre com gente d'esta potentados, e como é só o capitão-mór que se tem collocado á frente das forças diminutas para arcar com as muitas forças d'elles, entendem que eu sou o unico que causa o mal sem se lembrarem que é a sua indisciplinada gente que o promove. E d'ahi que nasce o odio que me tributam.

No dia 7 parti em companhia de V. Ex.^a para Quivolane. Não deixei de repetir-lhe o inconveniente do meu desembarque, pelos motivos acima expostos. Concordeu V. Ex.^a em que eu permanecesse a bordo do escaler a vapor, até que, caso o julgasse conveniente, eu pudesse desembarcar.

Dentro em pouco deslumbrou-me o ver aproximar-se da praia um grande numero de homens, rogando-me que desembarcasse, levando-me em seguida como que em procissão. Vi no rosto dos grandes, que todos elles o eram, o contentamento que experimentavam por se conhecerem mais de perto, contentamento que chegavam a expressar por felicitações pela minha ida ali.

O trajecto foi uma demonstração continua de regosijo ao até local em que V. Ex.^a deveria realizar a conferencia. Foi então que vi bem a entranhada sympathia votada a V. Ex.^a, unico encarregado de ver se conseguia que os dois potentados se pozessem em movimento o que se conseguiu depois de ouvirem os motivos que ali nos levavam. Combinou-se o tempo, meios, modo e as circumstancias em que se haviam de realizar as forças irregulares, annuindo a tudo que por V. Ex.^a era dito, empenhando d'isso a sua palavra.

Mostrou V. Ex.^a ficar satisfeito com o final resultado d'esta conferencia, retirando-nos nós depois, pelas 4 horas p. m. com direcção a Moçambique, onde chegámos ás 10 horas.

Retirei em 8 para Ampapa, e ali permaneci esperando os acontecimentos. No dia 18 levantou o acampamento o batalhão com direcção a Namaneava, por se ter combinado que em 20 fuisse o primeiro e geral ataque. Ao chegar-se áquelle lugar, soube-se por uma carta de Molyde Volay que nada se effectuaria no dia indicado por necessitar este chefe de guerra reunir mais alguma gente sua. Para se acampar em Namaneava ordenou-se a marcha a uma guarda avançada composta do 2.º pelotão.

Namaneava era um ponto guarnecido de matto espessissimo, impossivel mesmo para o acampamento. Não sei bem descrever a V. Ex.^a o meu enthusiasmo pela transformação operada, como bem mal poderia dizer quem n'esta transformação mais se distinguia com bem combinados e esforçados servicos.

E n'estes trabalhos que tambem se fazem notar a vontade e o zelo dos que mandam. O dever do soldado é bem differente do servico que se fez; e todavia, o conselho bem dado, a amizade que sentiam pelos seus superiores, e o estimulo dado por verem que os officiaes praticavam o exemplo, levou-os de bom grado a fazerem um servico que difficilmente se pôde exigir a homens que são obrigados a servico bem differente. Na minha opinião esto facto merece bem o reparo de V. Ex.^a, que não desconhece certamente quanta difficuldade existe em fazer que o soldado preto se transforme n'um momento dado em trabalhador de campo.

Visto que a carta de Molyde Volay dizia não poder ser o ataque no dia 20, entendeu V. Ex.^a que o batalhão não devia ser obrigado com o servico continuo de vigilancia que ali se tornava exigivel e mandou-o retirar, o que logo se effectuou.

Recebi uma carta do xequê de Matibana offerecendo-se para auxiliar o governo no ataque contra os namarras. Nesta carta pedia elle munições de bocca e de guerra, protestando o seu devotado amor pela causa do governo, e que sempre desejava encontrar-se junto de nós, pois que reconhecia ser subdito do Rei do Portugal e que por isso se julgava obrigado a prestar toda a força de que podesse dispor para demonstrar quanto era leal e amigo.

Não me julguei autorizado a conceder-lhe o que pedia, e submetti esta carta á esclarecida decisão de V. Ex.^a Foi ella que se dessem todos os elementos precisos ao xequê para nos ajudar e por isso marchei no dia 19 para Matibana conduzindo generos, armamento e polvora, munições que só entreguei quando por uma minuciosa inquirição averigui que os seus offerecimentos eram sinceros e que mantinham tenazes desejos de integralmente cumprirem com o que diziam.

No dia 26 determinou V. Ex.^a que eu o acompanhasse a Mutiquite a conferenciar com Molyde Volay. Acompanhava-nos tambem o commandante da columna d'operações e o facultativo Custodio Joaquim Barreto Xavier. Desejava V. Ex.^a ver a gente que Molyde Volay tinha junto, combinar as operações futuras, animar-os a um resultado brilhante, incitar-os com palavras, encorajal-os, mostrar-lhes enfim, a conveniencia suprema d'um feito decisivo. Chegados que fomos a Mutiquite, subimos por um preto achar-se Molyde Volay em Mutomonho, a legua e meia de caminho.

Dirigimo-nos para este ponto a pé, sob um sol ardentissimo que caía sobre nós. Verdades estreitissimas sobre areias soltas fatigavam extremamente. Só a coragem sabida de V. Ex.^a, só a nossa sympathia e a nossa gostosa adhesão a tantos sacrificios, só o cumprimento d'um dever que está no coração de todos, é que poderia dar animo para uma viagem tão fatigante.

Molyde Volay não tinha reunida a gente necessaria, que devia chegar de muito longe, gente machuca que devia formar o grosso das suas forças. Prometteu que no dia 30, caso tivesse junto de si todos os que esperava, se realisaria então o ataque geral.

Volámos a Muxilia, onde pernoitámos e em 27 seguimos para Moga Dique.

Nes e mesmo dia marchei para Mossuril, pois que tinha a distribuir os meus serviços por mais alguns pontos onde julgava a minha presença necessaria.

Em 28 fui á Matibana, por ter recebido uma outra carta de Molyde Volay avisando-me de que o ataque seria em 1 d'outubro. Eu já dissera ao xequê ser o ataque em 30 de setembro, e preciso se tornava avisal-o para que a unidade d'operações se tornasse um principio assente e firme. Acompanhava-me n'esta missão o tenente João Augusto Pinto, incansavel tambem em ver, animar e ajudar, prompto sempre a prestar os seus serviços onde fossem reclamados. Chegados que fomos á Matibana, soube que o xequê se dirigia para Naenxa. Mandeí avisal-o de que desejava falar-lhe e dentro em pouco pude saber que as suas forças se acham reunidas em Naenxa. Convidou-me a ir ver pessoalmente o que avançava, mas tornando-se necessaria a minha presença, no dia seguinte em Namara, peensei-me a este pedulo, limitando-me a entregar-lhe os signaes de guerra, a dar-lhe instrucções, avisos, conselhos, a animar-o, enfim, a transmitir-lhe este ardor de que todos andamos possuidos, e a mostrar-lhe a vontade e o desejo com que V. Ex.^a trabalha n'uma causa que a elle tambem interessava, como a todos os que succiam pela paz e successo nas terras do governo de Sua Magestade. Retirei-me pouco depois, chegando a Mossuril ás 11 horas (p. m.).

Em 30 de setembro acompanhei V. Ex.^a a Namara, indo com-nosco o commandante da columna, o facultativo Barreto Xavier e o cidadão Augusto Antonio Duarte Borges. Era o dia marcando para a combinação dos signaes de guerra e saber-se o meio de ataque, isto é quaes os caminhos a percorrer e por consequencia, descreverem se os itinerarios, hora a que se devia chegar e ver-se o numero de homens que o capitão-mór Molyde Volay, tinha reunido a si, o que facil foi, calculando-se no numero aproximado de 900.

Foi-nos dito por Amade Bahar, commandante d'esta força, que esta gente era apenas a d'elle, pois que a do capitão-mór estava acampada em Muxilia, nada se podendo por conseguinte fazer, por haver ainda duvidas a resolver, e que só depois de desimbaraçadas se destinaria o dia de combate. Era mais um contratempo, mas é bem sabido que esta gente tem os seus habitos particulares, os seus costumes arreigados, as suas superstições pelas quaes ordinariamente são dirigidos, e tornavam-se naturaes estes adiamentos. Pesadas estas razões pelo são criterio que distingue V. Ex.^a resolveu retirar-se com todos os que o acompanhavam.

Chegados a Ampapa em caminho direito, combinou-se com o cidadão Borges que se prestava a auxiliar o governo, para que com as suas forças atacasse a Naguema no dia 1 do corrente, tendo principalmente em vista saber-se e conhecer-se o acampamento do inimigo.

As 6 horas (a. m.) do dia 1 marcharam as forças em direcção a Naguema, mas reunidas em Namara de Molyde Volay, decidiram então marchar juntas, mas não prematizar o ponto combinado mas sim as fronteiras de Namara e Parturam, pois, para a lingua do Poluó, tendo-se dividido as forças por caminhos diversos sendo as do cidadão Borges no numero de 600 homens e as de Molyde Volay em numero não inferior. As forças começaram por bater o matto, destruindo todas as povoações com que depararam. Foi sobre elles disparado um tiro saído do matto, que logo foi respondido por tres, conseguindo matar-se um capia, segundo se creê, que andava examinando as povoações operadas pelas nossas forças, em movimento. As forças tiveram de retirar em consequencia do adiantado da hora, e ficar o acampamento d'uma das forças bastante distante.

Tornando-se preciso operar rapidamente e d'uma forma decisiva recommendou V. Ex.^a ao commandante da columna para que tomasse sobre si a iniciativa de determinar um ataque com todas as forças reunidas.

Foi designado o dia 5 para este feito. Deviam reunir-se ali o batalhão, as forças do cidadão Borges e as do Molyde Volay. Havendo poucos officiaes para o commando, tomei conta da ala esquerda do batalhão, e fil-o com tanta satisfação, quanto é certo que mantenho firme desejo de ver apaziguado o nosso continente e cooperar com todas as minhas forças para que um correctivo serio recobam os namarras, os perturbadores do socego que tanto desejam os subditos portuguezes, que um benefico e civilizador intuito collocou sobre a nossa protecção.

Marchei no dia 4 para Natule a tomar conta das forças que me eram confiadas. D'ali devia eu sair, como sai, no dia 5, em direcção a Namancava, onde permaneciam as forças do cidadão Borges, as quaes deviam marchar juntas com as nossas. Cheguei meia hora antes que a ala direita. Era a nossa intenção sairem d'ali as forças regulares e irregulares, sendo estas precedidas por aquellas, em direcção a Naguema, onde nos deviamos encontrar com as forças de Molyde Volay, combinações estas que foram ordenadas opportunamente.

Chegado a Namancava inquiri do cidadão Borges sobre as suas forças. Responden-me que o pouco tempo dado para a reunião, o impossibilitava de operar como desejava. A gente não se juntara, porque se uns habitam perto, outros estão a distancia tal que difficil se torna o avisal-os com tempo. N'estas explicações e lamentos se levou meia hora, chegando então a ala direita do batalhão, commandada pelo sr. major Fonseca.

Foi contada a gente existente do cidadão Borges, e viram-se 194 homens.

Com esta diminutissima somma, era impossivel qualquer empreendimento; todavia, propuz ao commandante Fonseca para que fossemos a Lutete examinar as forças de Molyde Volay, que ali se deviam encontrar, como se tinha ordenado, e que, com ellas e as poucas do cidadão Borges, se fizessem umas investidas, ainda que arriscadissimas e perigosas. Não se chegaram a realisar, nem mesmo d'ali saímos, porque n'este començo chegou o alferes Guilherme d'Oliveira, que se conservava junto dos acampamentos de Molyde Volay, a participar-nos que a gente d'este não tinha marchado pelos mesmos motivos que apresentou o cidadão Borges.

Foi um contra-tempo que me desgostou sobre módo, tanto pelo interesse immenso que tenho em ver devastado o Namarral, como tambem por ver finalizada uma campanha para a qual V. Ex.^a tantos esforços tem empenhado.

Recolhemos para Ampapa e no dia 9 soube eu que as forças de Molyde Volay tinham procedido a umas escaramuças nas terras do inimigo, onde fizeram algumas baixas, soffrendo sómente a perda de dois dos seus homens.

Conferenciei com V. Ex.^a sobre estes factos e recebi instrucções que só de V. Ex.^a podiam sair, empenhado mais que ninguém para o bom exito d'uma tão arriscada campanha. Aconselhou-me que corresse a um ponto e a outro a animar com a minha presença, a aconselhar com a minha auctoridade e a observar com a minha experiencia. Que fosse ao Sul ver e conversar com Molyde Volay; que passasse em seguida á Matibana a notar o que por lá se fazia; enfim, que estivesse em toda a parte ao mesmo tempo, approvando o que fosse bom, reprovando o que fosse mau, aconselhando uns, vigiando outros.

Que percorresse as aringas de Molyde Volay que conversasse com uns e com outros; que lhes desse enthusiasmo e energia; que os ouvisse com paciencia; que lhes resolvesse as difficuldades. E estas instrucções dadas por V. Ex.^a, e estes conselhos tão bem ministrados são uma prova evidentissima do ardor com que V. Ex.^a trabalha e dos esforços que pratica a favor d'uma causa que todos anciamos ver a bom caminho.

No dia 10 fui conferenciar com Molyde Volay. Este chefe de guerra affirmou-me que tinha empenhada a sua palavra e que havia

de cumprir-a. Explicou-me bem que os Namarracs tem aqui o mesmo poder que os *vatuas* e *landins* na Zambesia e Sofala. Ao ouvir-se fallar dos Namarracs todos fogem, como fogem n'aquelles pontos só ao simples aviso de que *vatuas* ou *landins* estão proximos. Por isso a gente que o cerea não quer nem deseja marchar sem ter um o a si as forças *macuas* que a todo o momento espera. O passo que deu comprometteu-o já bastante para que possa deixar de ir avante. Se annahi desistisse da empreza, o Namarral esmagava-o, e elle não deseja vêr-se n'essa situação. O interesse hoje é tambem seu. Não trabalha só pelo governo, trabalha tambem por si, que a todo o momento se vê em difficuldades com os assaltos d'aquelles bandidos. Disse-me que o governo o deixasse operar descaçadamente, que não desesperasse, porque a demora que podesse haver era unicamente em proveito de todos.

Recolhi d'ali no dia 11 bastante satisfeito com as promessas feitas e com as razões apresentadas, que julguei bem naturaes e racionaes, marchando logo em seguida para a Matibana, passando por Moçambique, com o fim de examinar o estado das forças do

xeque. Examinei e prescretei bem a disposição dos animos e con-segui saber que o xeque se acha prompto para o ataque, mas que nada pode fazer sem ser na mesma occasião em que saiam a campo as forças de Molydo Volay. Elle por si compromette-se a atacar pelo Norte, mas é necessario que os namarracs sejam atacados ao mesmo tempo pelo Sul, para que não caiam em massa sobre a Matibana, indo elle só a campo. Vi que estavam todos bem animados para a empreza e julgo que as forças combinadas como elle diz, e a boa razão approva, operando em ordem e decididas, poderão dar bons resultados.

Recolhi a Moçambique no dia 12, onde cheguei ás 10 horas (p. m.) e conhecendo que o tempo decorrido desde o meu ultimo relatório era já bastante longo, julguei razoavel apresentar de novo a V. Ex.ª todos os factos dados para bem poder examinar o que se tem feito e o mais que haverá a fazer.

Deus Guarde a V. Ex.ª — Acampamento em Ampapa, 14 de outubro de 1888.

ESCOLA DE ARTES E OFFICIOS

Balancete da receita e despesa dos fundos d'esta escola referido a 30 de setembro de 1888

RECEITA		DESPEZA	
Saldo do mez antecedente	1:311:3051	Despendido com a alimentação (reg. 23)	274:5033
Subsidio dado pela Ex.ª Junta da Fazenda aos alumnos pensionistas (doc. n.º 141)	416:5666	Idem com reparação, illuminação, limpeza, concertos e outras despesas (reg. 24)	41:5065
Idem do alumno porcionista n.º 115 Gerigry referido ao mez de outubro (doc. 142)	3:3720	Folha de pagamento dos empregados e artistas (reg. 14)	238:8050
Productos da subscrição mensal (doc. 143)	34:3060	Despendido com vestuario e calçado (reg. 25)	52:3910
Salarios vencidos pelos alumnos no arsenal (doc. 144 e 145)	23:3100	Subsidio vencido pelos alumnos, que foram tratados no hospital, ao qual tem direito em virtude do § 1.º do art. 23.º do regulamento interno, e que entra no coite dos fundos destinados para melhoramento do rancho (reg. 23)	2:3366
Idem na Imprensa Nacional (doc. 146)	7:5000	Um terço dos proventos da banda de musica, que entra no cofre dos fundos de dotação (reg. 22)	6:3000
Idem nas obras publicas (doc. 147, a 151)	4:6650	Idem dos salarios vencidos pelos alumnos nas diversas officinas, idem (reg. 22)	61:5576
Idem na typographia do Africa Oriental (doc. 152)	3:3000	<i>Somma</i>	641:3130
Proventos da banda de musica (docs. 153 e 154)	18:3000	Saldo que passa para o mez de outubro	1:113:5797
Productos da officina de sapateiros (doc. 155)	105:8080	<i>Somma</i>	2:088:3227
Idem da de alfaiates (doc. 156)	50:3100		
Idem da venda de 30 toneladas d'agua, sendo 18 a 3:000 réis e 12 a 2:000 réis (docs. 157 e 158)	78:3000		
<i>Somma</i>	2:088:3227		

Secretaria da escola d'artes e officios em Moçambique, 11 de outubro de 1888 — O director, (as.) Francisco Corrêa Leite. — O sub-director, (as.) Antonio Moreira de Sousa. Está conforme. — Contadoria Geral da Junta da Fazenda em Moçambique, 13 de outubro de 1888. — O contador geral, Antonio Alberto Pereira.

Em virtude do solicitado no officio n.º 81 da serie de 1885 do director da referida escola, publica-se a seguinte relação dos subscriptores no mez de setembro de 1888

Ill.ª e Ex.ª Srs.:	Ill.ª e Ex.ª Srs.:	Transporte	17:5600
Augusto de Castilho	5:5000	Francisco Corrêa Leite	2:5000
Henry O' Neill	2:5000	José Antonio dos Santos	2:5000
Francisco José Rangel Nery	3:0000	Carlos Magno Albino	1:3000
Thomas Cassidy	2:5000	Manoel Francisco Dias	3:5000
Joaquim Hippolyto de Noronha Gouveia	2:5000	João Antonio Abranches de Sousa	3:6000
João Baptista Rangel Nery	1:5000	Manoel de Sousa Malhado	3:8000
João da Silva Carrão	3:5000	José Ferreira Rosa	1:5000
José Joaquim d'Almeida	2:5000	João Manoel Siqueira de Sousa	1:5000
Anacleto Felles de Menezes Cabral	1:5000	José Godinho de Campos	1:5000
Augusto Brun	1:5000	Manoel Vazente	5:5000
<i>Somma</i>	17:5600	<i>Somma</i>	31:5600

Secretaria da escola d'artes e officios, 2 de outubro de 1888. — O director, (as.) Francisco Corrêa Leite. — O sub-director, (as.) Antonio Moreira de Sousa. Está conforme. — Contadoria Geral da Junta da Fazenda em Moçambique, 13 de outubro de 1888. — O contador geral, Antonio Alberto Pereira.

COMISSÃO MUNICIPAL DO DISTRICTO DE ANGOICHE

Balancete da receita e despesa d'esta commissão municipal referido ao mez de setembro de 1888

DESENVOLVIMENTO DA RECEITA		DESENVOLVIMENTO DA DESPEZA	
Saldo do mez anterior	1:781:5797	Gratias com o concerto d'um edificio da commissão	10:5000
Taxa de licenças	2:5000	Idem com a illuminação da villa	9:5120
Multas	2:5000	Idem com a limpeza da villa	7:5050
Aforamentos	32:5000	Idem com a limpeza da secretaria da commissão	1:7000
Medição dos terrenos	1:2200	Idem com a limpeza da commissão municipal	10:5000
<i>Somma</i>	1:781:5797	Idem com a limpeza para as escolas de ambos sexos	3:5000
		Idem com o tratamento medico da infantaria regimental e civil d'esta villa	15:5762
		Saldo que passa para o mez de outubro	1:726:6650
		<i>Somma</i>	1:781:5797

Secretaria da Commissão Municipal do districto d'Angoiche, 2 de outubro de 1888. — Damasceno Isaac de Sá, presidente. — Antonio Augusto de Moraes Matias, vogal. — Domingos Antonio Martins, escrivão.

TERRAS DE GAZA

RELATORIO (3)

Residente chefe relativo ao tempo decorrido desde 20 de maio de 1886 a 31 de dezembro de 1887

Tomei posse do lugar em 20 de maio de 1886, que me foi dada pelo ex.^{mo} sr. José Joaquim d'Almeida, secretario geral, depois de preenchidas as formalidades de leitura ao regulo Gungunhana do tractado negociado por mim, e por elle auctorizado a effectuar-se em Lisboa perante o governo de Sua Magestade.

Não vem a proposito tratar aqui das difficuldades que successivamente se tem dado, para que o serviço n'esta importante região, corresse como devia, porque d'ellas já tem conhecimento as estações superiores; e só me limitarei a tratar dos quisitos que pela portaria provincial n.º 114 de 10 de julho de 1875 são exigidos como esclarecimentos, aos governadores dos districtos da provincia, em harmonia com as instrucções que me foram dadas pelo Ministerio da Marinha e Ultramar.

Não tem o archivo d'esta repartição a dita portaria, por isso, guiar-me-hei pela ordem que alguns relatorios publicados teem seguido.

I

Movimento da população

Apesar das citadas instrucções me ordenarem a feitura d'uma estatistica, não tem sido possível fazel-a da população de Gaza, e nem vejo meio facil d'ella se obter, a não ser com um numero pessoal, com o qual teria de se gastar muito dinheiro e levaria alguns annos a concluir-se, ficando sempre um serviço imperfecto pelo constante movimento dos habitantes d'este paiz.

Para so provarem os inconvenientes d'um bom exito n'esto serviço, bastaria dizer-se que as povoações estão n'uma constante mudança, fugindo dos caminhos; e os vatuas a mudarem constantemente d'estes procurando as povoações.

Quanto a registro civil, estou convencido que nem d'um pequeno regulo tributario ao Gungunhana, se poderá obter; e a não ser, que junto a cada um d'estes regulos haja uma pessoa especialmente encarregada d'este serviço, e regulos haverá em que o pessoal teria de ser muito augmentado para que o serviço corresse regular.

II

A agricultura n'este paiz só é feita exclusivamente para consumo dos seus habitantes, exceptuando as margens do Pungue até ao Tica, do Buso até ao Gerome, do Save até ao Muquiro e uns pequenos regulos na costa no districto de Sofala, que abastecem os mercados d'esta villa e de Chiloane, com arroz e milho fino.

A produção em todo o territorio é:

Milho fino, dito grosso, meixocira, feijão, jugo, batata doce, mandioca, abobora e algum arroz.

No litoral é que se cultiva mais arroz, sendo a cultura do milho fino e grosso a que mais se entregam as diferentes raças que povoam este paiz.

Os maiores cultivadores de feijão e jugo são de uma raça que tende a estinguir-se, a que aqui chamão *Butengas* e que parece pertencer á familia dos Mindongues ou Chopes que habitam o sul do districto de Inhambane. Esta raça acha-se espalhada por todo este paiz.

Até 1872 houve um crescimento constante na produção do gergelim no districto de Sofala, cessando n'este anno com a retirada dos vatuas e suas familias das terras proximas do litoral, quando o Muzilla mudou da Degonda para o Chama-Chama; fazendo com que todos fossem povoar os territorios entre estes dois pontos.

Se o territorio junto ao litoral estivesse bem povoado pelos vatuas, seria de grande vantagem para o commercio, e elles do boa vontade para lá iam.

Com a estada ali d'esta gente progredia a agricultura; e elles deixariam de emprender muitas questões, que hoje promovem, mais filhas das necessidades de obterem fazendas, do que convictos da razão que tenham para assim proceder.

E dos matos d'este territorio que sae a borracha que se exporta d'esde Lourenço Marques até Sofala.

Hoje pouco marfim apparece, esse pouco é só do Gungunhana por elle só dar licença aos seus caçadores para caçarem o elefante.

A ponta de abada, tambem já vae faltando, bem como as pelles de animaes bravios.

O unico recurso e a prosperidade futura dos povos d'este ter-

ritorio, será a agricultura; mas para ella, ter o seu verdadeiro desenvolvimento, é necessario que o litoral e as margens dos rios navegaveis sejam povoados para com facilidade correrem aos mercados do Sofala, Chiloane e Lourenço Marques, quando as condições da barra do Limpopo sejam melhoradas.

Escolas agricolas é que precisamos para se acabar a rotineira enxada; melhorando o trabalho com os conhecimentos que estes povos não possuem e substituindo os braços pelo gado com a charua, arado e grade.

Os terrenos que mais se prestam, tanto para a produção de tudo o que se dá na Europa como para a colonização, são os comprehendidos entre os rios Save e Pungue, de seis dias de caminho do litoral para o interior; mas encontra-se uma grande difficuldade que não sei o modo de a vencer, que é a distancia dos nossos mercados; embora se façam estradas carreteras, ha grande obstaculo da falta de agua em toda a zona entre o Save e Buse e não menor o da mosca que mata o gado.

Os terrenos junto á costa produzem trigo, e dizem os habitantes do Sofala, que já em tempo ali houve esta cultura, sendo o trigo de muito boa qualidade.

A cultura era feita nos mesmos terrenos onde cultivavam arroz, semcando aquelle quando cortavam este.

Os campos que ha em todo o litoral, com especialidade entre o Save e o Pungue, são para que uma empresa com bastantes capitães as possa cultivar com vantagem, por poder applicar machinas aperfeçoadas, como as ha hoje.

Abunda este territorio em gado bovino, mas com poucas excepções, só é possuido pelo regulo, seus parentes e alguns grandes.

A raça Matonga não possui hoje gado algum d'esta especie, e não serão meia dúzia de regulos que habitam as terras proximas dos Matabeles e que pagam tributo ao Gungunhana, com algumas cabeças annualmente.

O Gungunhana tem gado em diferentes pontos, sendo os principaes curraes: no Bilene, Save proximo a Chiloane, e dividido por grande porção de povoações em volta da povoação principal.

Os povos do litoral, com especialidade os que ficavam entre o Save e Buse, possuiam grande quantidade do gado bovino, lanigero e cabrum; mas pela invasão do Manicusse ficaram com uma só cabeça.

A abundancia de gado era tal, que vendiam uma vacca por uma peça de fazenda do 4 braças e um boi por duas braças.

Ainda hoje dão o nome de *Mombs* a uma peça de fazenda que significa vacca, e as duas braças chamão *Momberame* que significa boi.

Da classe lanigeros só ha poucos carneiros a que dão o nome de cinco quartos, e do cabrum ha em abundancia, mas muito sujeito a rabugem.

O preto natural d'este paiz, é indolente e preguiçoso. Só trabalha obrigando-o.

Difficilmente se obtêm carregadores constantes, e apenas se consegue contratar alguns para pequenas viagens; ainda assim, só os negociantes conseguem isto por as suas viagens não serem feitas de marchas constantes.

É de absoluta conveniencia educar estes povos e crear-lhes necessidades, porque do contrario empreza alguma aqui pode prosperar.

O vatua, o chamado de puro sangue Zulu, não se pode contar com elle para coisa alguma que não seja a guerra; não sabem trabalhar e nem se sujeitam ao trabalho manual.

Ha aqui cinco raças que são distintamente designadas, embora entre si ellas se possam ainda subdividir, que são: Jámene, familia real e seus parentes pelo lado varonil. Esta familia descende do Manicusse ainda que elles a querem levar até Sigote, que era pao do Manicusse.

A segunda é a Mungunc-gunc, vatua verdadeiro, que são os grandes da corte, e são estes os descendentes dos guerreiros Zulus que acompanharam o Manicusse quando veio formar o paiz de Gaza.

A terceira é a raça Landina ou *Bungua*.

A quarta é a de todos os Matongas que se teem alistado na horda depois das conquistas; esta é hoje a mais numerosa, por que se compõe de todos os habitantes naturaes do paiz de Gaza, excepto de alguns poucos regulos que habitam o litoral.

A quinta são estes mesmos regulos de pequena importancia que não passam d'uns vinte. Estes não estão ainda vaturalizados, embora sejam os mais esmagados com contribuições e serviços.

Estes regulos ficam entre o Pungue e o Save.

As quatro primoiras classes, são as que em Sena teem o nome generico de Landins; e em Sofala, vatuas ou Mabgites.

Com tantos guerreiros, as quatro primeiras classes, e só com a quinta, indolente, preguiçosa e sem a educar e crear-lhe necessidades, todos os nossos esforços serão baldados para favor d'estes povos alguma cousa.

A terceira, raça Landina, já occupava as terras que ficam ao sul do Save antes do Manicusse se estabelecer no Bilene. Ninguém me sabe dizer d'onde é quando esta raça veio para estas terras; mas o que é fora de duvida é elles não serem os primitivos habitantes d'este paiz e que o conquistaram a outras raças de que ainda ha vestigios.

III

Funcionam d'esde 13 de novembro de 1886 duas escolas d'instrução primaria, uma do sexo feminino e outra do masculino.

A media da frequencia tem sido: do sexo feminino 8 e do masculino 9.

Acham-se matriculadas na escola de sexo feminino 14 creanças e na do sexo masculino 25.

Diversas são as causas da frequencia ser irregular.

1.ª Porque na povoação do regulo, os grandes, apenas tem de uma a tres palhotas, substituido-se as mulheres d'estes de mez a mez e ás vezes ainda mais o miudo; resultando d'aqui, as filhas d'estas terem de as acompanhar por não terem quem lhes dê de comer.

2.ª A mania que esta gente tem de andar em constante passeio a visitar os parentes.

3.ª Os casamentos ou outras festas onde se reúnem, alem dos parentes, as amigas e conhecidas, além de aproveitarem a grande quantidade do pombe que n'essas occasiões fazem.

4.ª Finalmente, alem de muitas outras causas, a falta de habito em se sujeitarem á permanencia na escola e as familias não se julgarem com força para obrigarem os filhos á frequencia regular; antes as mães são as principaes a auxiliiar as vontades dos filhos a faltarem á escola; lamentando-os das queixas que elles plantasião para se eximirem á frequencia regular.

A frequencia mais regular, tem sido dos filhos do Gunguhana de ambos os sexos, bem como de duas irmaãs.

O aproveitamento das pequenas tem sido satisfatorio, quanto ao que diz respeito ao trabalho de agulha; não podendo dizer o mesmo com respeito á leitura, por não as ver com grande tendencia para receberem este ensino.

Facilmente comprehendem os serviços de costuras e bordados; trabalham com boa vontade, não gostando repetir o mesmo trabalho e desejando aprender sempre couzas novas.

Ellas dão muitas mais faltas do que os rapazes, mas o Gunguhana obriga-as o aos rapazes a virem para a escola quando tem conhecimento que faltam sem motivo.

Os rapazes tambem tem aproveitado bastante mostrando alguns serem intelligentes.

A grande dificuldade é fazer-lhes comprehender, o que vão sabendo na leitura a que corresponde na sua lingua; e muito mais difficil se torna por que grande numero de termos não tem equivalentes na lingua Cingua que elles fallam.

Em se podendo obter elles saberem traduzir bem, facilmente seguirá a instrução.

Não sei em que se tem fundado alguns escriptores para affirmarem que o preto não é susceptivel de educação e que não é intelligente.

Não posso entrar bem n'estas apreciações, por que me faltam os conhecimentos necessarios, mas o que ninguém me pode contestar são os conhecimentos praticos que tenho adquirido no convívio d'estes povos, podendo affiançar que são intelligentes e susceptiveis de educação, dependendo apenas dos meios que se adoptem o conseguirmos os fins que desejamos obter.

Estabeleçam-se n'estas terras escolas de officios onde as creanças dos dois sexos sejam tiradas do convívio dos pais, e se obterá uma geração futura que nos servirá de grande auxilio na grande obra de civilisação d'estes povos.

N'estas escolas, alem dos differentes officios, deverá haver uma secção de agricultura; onde theorica e praticamente se mostre a estes povos os seus rudes processos até hoje seguidos, instigando-os a mudarem do systema, em vista dos bons resultados obtidos pelas escolas.

Substitua-se a enxada pelo arado e com isso já daremos um grande passo no caminho do progresso, porque deixará de haver, quasi, a necessidade que esta gente hoje tem de possuir muitas mulheres para as empregar na agricultura.

Isto modificará muito os uzos e costumes d'esta gente.

Os povos que habitam este vasto territorio, são docéis, ainda os dominantes; e não será difficil, mesmo a estes, fazer-lhes mudar pouco a pouco a sua maneira pouco sensata de viver.

Para se conseguir este fim, será preciso estudar-se o modo de substituir por um systema mais racional, as necessidades que elles hoje tem; mas de maneira que a familia reinante e as nobres obtenham um certo bem-estar para que, em lugar de se opporem ao nosso trabalho de civilisação, nos auxiliem: deixando de empregar

estes povos em constantes guerras e para que o resto do tempo o não gastem n'uma ociosidade condemnavel.

Nas escolas só se pode conseguir instrução de manhã das 7 ás 10 horas, porque depois d'esta hora, as creanças não podem estar com attenção durante o tempo que durasso á aula.

Elles alimentam-se de carne e pombe, quase exclusivamente, e raro é o dia em que se não embriagam; n'este estado é impossivel qualquer tentativa para se obter a sua comparencia.

As ferias grandes, tambem tiveram de ser mudadas da epocha que é pratica darem-se na provincia, para evitar um mez perdido no tempo do batuque do Gunguhana, que coincide em fevereiro ou principios de março, na lua que elles chamão *Engose* ou do regulo.

O anno d'estes povos vatua é lunar e contam-no pelo modo constante do mappa A.

Ainda não pude conseguir fazer os edificios para as escolas, funcionando a do sexo feminino em parte da palhota que eu habito, e a do masculino em parte d'uma outra onde habita o professor.

IV

Durante o tempo a que se refere este relatorio, não houve prisão alguma, e nem mesmo se poderia effectuar caso houvesse occasião para isso, por não haver casa em condições necessarias.

O Gunguhana, mandou por vezes apresentar-me desertores de caçadores 4 apanhados no Bilene; sendo ao todo 15.

Só um consegui que chegasse a Chilone, evadindo-se d'aqui d'uma vez 11, d'outra 2 e no caminho para Chilone 1.

Estes desertores são pretos de Moçambique e do Ibo, que por terra se dirigiam para as terras da sua naturalidade; não sendo difficil encontrarem-se n'aquellas terras, tanto os que d'aqui fugiram como outros que tem desertado do dito batalhão.

É mania antiga dos macuas, que sentando-lhes praça e mandando-os para Lourenço Marques, se evadem indo para suas casas por terra; passando mesmo no litoral onde estão estabelecidas as nosas auctoridades, demorando-se algum tempo para se refazerem das fomes que passam no caminho, até que possam obter alguma fazenda por meio do trabalho, desaparecendo depois das casas onde se foram contractar proseguindo o seu caminho.

Creio haver uma disposição na lei militar, que manda gratificar á apprehensão dos desertores com 4:800 réis.

Auctorisando-me o governo, eu poderia obter que o Gunguhana desse ordens para o Bilene para que os desertores ali fossem presos e conduzidos a Lourenço Marques, entregando-se n'esse acto ao chefe que os conduziase, 4:800 réis por cada desertor que apresentassem.

Assim se evitavam as constantes deserções no batalhão de caçadores n.º 4.

Vejo só um meio de se poder conseguir a segurança de qualquer preso que aqui tenha de se conservar por algum tempo; mas o meio recorda epochas antigas e para fins tão immoraes, que me não atrevo a propo-lo: apesar de ainda ha poucos annos em Chilone o usarem para evitar a fuga dos criminosos, a *gonilha*.

V

A religião catholica é completamente desconhecida n'este paiz, e tambem a mahometana, apesar de muitos diserem ser a que mais se amolda aos usos e costumes dos pretos. Esta, nunca poderá progredir n'este paiz em quanto n'elle dominar o vatua; por ser contraria a um dos seus costumes que é um dos distintivos indispensaveis á raça vatua.

Para se conseguir que estes povos sigam qualquer das religiões conhecidas, será necessaria uma previa educação, de modo que as gerações futuras sejam preparadas para esse fim.

Só se conseguirá esse estado, estabelecendo casas de educação por todo este vasto territorio, mas que ella seja ministrada aos dois sexos ao mesmo tempo.

A escola de officios em Moçambique, é uma bella instituição, que muito honra os seus iniciadores e aquelles que a tem auxiliado; mas falta-lhe o complemento.

Os rapazes são ali preparados e educados para entrarem na sociedade depois de completarem a sua aprendizagem; mas para que centro vão estes rapazes viver quando saem da escola? Onde vão elles procurar a companheira da vida?

Á ponta da ilha de Moçambique! O maior foco de immoralidade de toda a provincia!!

Será com uma companheira tirada de tal escola que o rapaz pode ser util a si e á sociedade? Creio que não.

No momento que o rapaz educado se acho em tal centro, fica perdido o tempo e educação que se lhe deu; por isso entendo que é preciso educar a mulher e o homem, para que os nossos trabalhos de civilisação obtenham resultados salutaes.

A educação do preto não consiste só em ensiná-lo a ler e escrever, e as raparigas a costurar; é preciso preparar-lhes o espirito e despois-os a receberem a nossa religião, que elles só comprehendão depois d'uma educação bem dirigida d'esle creanças, tirando-os do convívio das famílias.

E assim que eu entendo a educação do preto, e d'outra forma nada se conseguira de proficuo.

VI

A salubridade n'este paiz varia muito; mas em todo elle ha febres.

O ponto onde se acha a povoação do Gunguhana e os estabelecimentos do governo, com quanto seja considerado saudavel, os europeus não gosam aqui saude, apesar de ser abundante de boas aguas.

As mudanças de temperatura são muito rapidas e sensiveis; passa se do frio como o de Portugal ao calor intenso, e d'este áquelle com grande rapidez.

Ha muita humidade e os corpos ressentem-se muito d'ella.

As constipações são constantes e impertinentes e creio serem devidas a ellas as febres.

Estes povos só se sujeitam aos nossos medicamentos, quando tenham esgotado todos os recursos dos seus curandeiros; ou n'aquellas doenças em que os medicamentos sejam applicados externamente.

Grassa aqui muito a sarua, e é para esta doença que elles mais medicamentos pedem.

O residente tambem tem aqui de ser medico, e agora mesmo estou tratando o primeiro secretario Modemana, de uma doença que me parece ser morfêa que ha mais de 6 mezes o impossibilita de ir á povoação do regulo; tendo elle previamente mandado fazer uma palhota junto aos estabelecimentos do governo.

D'esde o principio da doença me tem pedido remedios, que lhe não dei por não saber o que elle tinha; mas elle só depois de esgotadas todas as recursos dos seus curandeiros, se resolveu a vir para aqui.

VII

N'esta repartição não ha receita e as despesas são pagas pelo cofre geral da provincia.

VIII IX

Sobre estes dois capitulos nada tenho que dizer, por não haver n'este paiz as repartições a que elles dizem respeito.

X

A unica industria que hoje exercem os povos d'este paiz é a da collecta de borracha; e apenas fabricam alguns objectos indispensaveis nos seus usos domesticos e as suas armas para a guerra, zagaias, arcsos, flechas e machados.

XI

O movimento commercial só se pode avaliar nas alfândegas de: Quilimane, Chilone, Inhambane e Lourenço Marques; mesmo n'estes pontos ainda haverá grandes difficuldades em se obter uma estatística aproximada, por não estarem estas repartições habilitadas a saberem a procedencia dos generos de exportação assim como o destino das fendas que são importadas.

Os únicos dados certos, são os da exportação do marfim e da borracha pelos portos de Lourenço Marques, Inhambane e Chilone, augmentado com umas trez a quatro mil libras de negocio feito em dinheiro anualmente.

O commercio podia desenvolver-se muito mais, de cimentos oleos, gineas, quando estes povos se convencessem das vantagens que podiam obter empregando-se na sua agricultura, indo elles habitar o litoral e proximo ás margens dos rios onde fosse facil a condução d'estes productos para os nossos mercados.

A agricultura é que deve levantar esta provincia; o nosso dever é preparar os meios e melhorar os processos que esta gente ainda hoje usa.

XII

Força militar, não existe nenhuma n'este paiz.

Seria de maxima conveniencia a creação d'uma força de policia não para guardar os empregados do governo, por não precisarem d'ella, mas para que o residente possa estar em dia com o que se passa por estas terras, para evitar abusos, ou mesmo alguns costumes d'estes povos que estão de encontro com os nossos fins humanitarios.

Esta força devia ser composta de pretos contratados em Sofala,

por saberem fallar a lingua *Cingune* podendo ser substituidos d'anno a anno os que quisessem sel-o.

A força compôr-se-hia de 50 homens.

O uniforme restringir-se-hia a uma blusa azul, um barrete da mesma cor com as iniciaes P. G., conservando os panos que uzam, sendo tudo de ganga azul ou lousa.

Com esta força estaria o residente sempre habilitado a corresponder-se directamente com qualquer autoridade dos districtos que confinam com o paiz; e teria conhecimento de tudo o que se praticasse que fosse de encontro aos fins que temos em vista.

XIII

Por conta das obras publicas da provincia, nada se tem feito n'este paiz.

As despesas que se tem feito, tem todas sido pagas pelo cofre geral da provincia.

Tem-se gasto com operarios e mais pessoal que trabalham nos edificios do estado 2:315:5241 réis.

N'estas despesas não entra a importancia gasta nas requisições de ferramentas e ferragens.

Tem-se construido aqui para habitações provisórias: um grande barracão onde habita o residente, dois mais pequenos onde habitam os professores, um que serve de armazem, e um para escola dos dois sexos; o material d'este barracão foi aproveitado para auxiliar a construcção d'um outro para officinas; achando-se este concluido conjuntamente uma casa para arrecadação de ferramentas.

Está-se construindo o edificio para moradia do residente.

Estas construcções ficam muito caras porque os operarios são poucos, o material de má qualidade e de difficil conducção e apparelho.

Tambem avolumou bastante a despeza, a remoção do material d'onde se tinham principiado as construcções para o local onde hoje de novo se estão construindo; tendo-se perdido a palha que estava cortada para cobertura dos edificios e o serviço que n'esses já se tinha effectado.

A mudança foi necessaria; o terreno não era proprio para as construcções a fazer e satisfizes-se a vontade do regulo.

A unica madeira que aqui se encontra com uma apparencia soffrivel, é chamada *bava*; e esta mesma ao serrar-se em quasi todas se encontram falhas e nós pódres.

Esta madeira tem tambem o grande defeito de empenar muito, embora seja apparelhada depois de bem secca.

Outra madeira, com quanto seja de qualidades differentes, não se encontram paas direitos e com a grossura sufficiente para poderem servir de prumos ou *magiros* como lhe chamam no paiz; tendo os pretos de gastar dias pelas serras á procura de paus proprios para o serviço.

Toda esta madeira é bastante rija, mas nem em toda a duração corresponde á rijesa, porque a maior parte d'ella se fura com o bicho.

Tenho empregado grande porção de *bava* por ser a unica de que se podem extrahir barrotes e taboas.

Outro serviço que tambem tem custado muito e que fará avolumar a despeza é a serração do ripado.

XIV

Encontrou-se no principio suas difficuldades em se poder estabelecer o serviço do correio regularmente; mas hoje pode dizer-se que está estabelecido de modo que se obtem a correspondencia em 8 a 9 dias de demora de Chilone para aqui; não se podendo exigir maior rapidez n'este serviço, porque ninguém pode ir d'aqui para Chilone em menos de 8 dias, e ainda assim, não se devem descurar no caminho para percorrer esta distancia em tão pouco tempo.

XV

As relações com os povos vizinhos, não tem sido alteradas.

Houve a questão de Inhambane, que foi promovida por aquelle districto; não trato aqui d'esta questão desenvolvimentê, porque, não só me custa a tratar d'ella por estar ligada a factos que não desejo avivar, mas tambem, porque d'ella tenho tratado largamente na minha correspondencia com a estação superior.

Entre os povos de Gasa e os Matabeles, existe um povo a que aqui chamão *Duma* e que me parece ser aquelle a que nas cartas dão o nome de *Machous*, que serve de pasto tanto ao Gunguhana como ao Bengula ou *Unguava-quava* que é este o nome com que elle governa os Matabeles.

O mal d'estes povos vem de possuirem muito gado, e d'aqui nasce a tentação d'estes dois potentados da raça zulu, os estarem constantemente roubando.

Este povo está dividido em differentes regulos, e todos elles são

hoje vassallos dos dois potentados; mais ainda assim, não deixam ambos de mandar a sua gente roubar o gado dos regulos sujeitos ao outro: de modo que, os do Bengula são roubados pelo Gungunhana e os d'este por aquelle.

Os dois potentados respeitam-se, e é isso que tem feito com que as hostilidades não tenham passado dos povos *Dama* ou *Alachona*.

Acho da maxima conveniencia que se trate dos limites d'este paiz; mesmo para dar fim a uma linha que me consta a Inglaterra traçara nas cartas pelo paralelo 22.º Sul, dizendo que ella se prolongaria para Leste até encontrar a bandeira d'uma nação civilisada.

O prolongamento d'essa linha vai passar pelo nosso archipelago de Bazaruto, se a deixarem passar pelo paiz de Gaza.

O regulo que habita na parte O. de Gaza onde deve passar a tal celebre linha, já tem bandeira nossa; mas não será de mais que tudo fique bem definido para evitar complicações futuras.

Com o territorio dos Matabeles tambem deve haver suas duvidas e mesmo para acabar com a infeliz ideia d'alguns escriptores estrangeiros disserem: que os limites d'este territorio ao Norte, são o rio Zambeze, o que é um erro crasso.

XVI

Os transportes para este paiz, todos são feitos ás costas de pretos. Ha quatro rios que depois de bem explorados podiam, talvez, auxiliar muito o transporte de mercadorias e outros.

Temos ao Norte o Pungue que se dirige para o lado da Gorongosa; o Buzi, que se dirige todo para o O. passando a menos de um dia de caminho da povoação do Gungunhana; o Save, que desaguando no mar, passa a quatro dias de caminho da povoação do Gungunhana, inclinando-se todo depois para o Norte; o Limpopo, que melhorada a sua barra, dizem ser navegavel quasi até ao limite Norte do Transvaal.

O Buzi pode ser navegavel por barcos de fundo chato até ao *Gerome*. N'este ponto ha um obstaculo, que vencido elle, tem depois o *Lucite* que banha uma grande região muito povoada e creio ser navegavel até á serra *Sahota*.

O Buse não sei se poderá ser navegavel desde o *Gerome*, passado o tal obstaculo, até *Massane*, banhando boas terras e muito povoadas.

O Save, creio que o seu defeito é o que tem a maior parte dos rios d'África; que é as aguas infiltrarem-se pela areia, não sabendo até que ponto elle possa ser navegavel; com tudo de inverno, ou tempo das chuvas, creio não haver obstaculos que impossibilitem a sua navegação, pelo menos até á foz do *Laudi*.

A ideia de se fazerem estradas n'este paiz, creio dever-se pôr de parte, pelo menos por em quanto; até que estes povos se convenciam ser um erro o andarem em uma constante mudança; creio que para isso, poderá concorrer muito o fornecer se lhes arvores de frutas da Europa, para as terras altas, onde a sua aclimação possa ser facil; mangueiras, cajueiros e laranjeiras, nos outros pontos onde aquellas se não podem aclimar.

Já para este fim mandei vir de Sofala: carocos de mangas, e castanhas de cajú; e já aqui tenho um pequeno viveiro de laranjeiras.

Depois do preto ter na sua propriedade um certo conforto que não vi encontrar n'outro ponto para onde nade, não será tão facil esta vida errante que elles tem hoje; podendo depois tentar-se a feitura de estradas para os centros mais populosos e onde haja vantagens das communicações se tornarem mais rapidas e commodas.

As obras d'arte a fazer, não são muitas nem importantes; mas ainda assim, faser-se hoje uma estrada para um ponto que d'aqui a dois ou tres annos se ahe despovoado, acho ser um desperdicio.

XVII

Sobre o nefando trafico de escravos, nada ha a temer-se d'estes povos vatuas, porque elles antes matam do que vendem qualquer pessoa; que por circumstancias (prejuizos entreaes) não queiram conservar ma sua povoações.

Consta com tudo, que no Bilene os mouros e baucanes se tem empregado n'esse indigno negocio.

Só se explica este modo de proceder dos habitantes do Bilene, por terem adquirido o vicio da bebida alcoolica, e que não tendo outro meio para a obterem, vendem as negrinhas que vão roubar aos chopos.

O Gungunhana, já por vezes se tem queixado dos negociantes ali estabelecidos, e se não fór para outros fins, ao menos para evitar este infame negocio, muito convem que para ali seja mandado um residente.

XVIII

Ocorrências extraordinarias, todas constam da minha correspondencia; mas sempre farei novamente menção d'aquellas que julgo serem d'alguma importancia.

No mez de agosto de 1886, appareceram aqui dois allemães que disiam chamarem-se L. C. Kaufmann, e Felipe Albert Dorrbecker. Vieram, disseram elles, do Transvaal pelo caminho do *Laudi*, e que vinham passear e vêr o paiz.

Estiveram aqui alguns dias doentes; retirando-se quando se acharam meliores, pelo mesmo caminho.

Appareceram novamente, desembarcando em Chiloane, em agosto de 1887, dirigiram-se a Sofala e d'ali ao baixo *Lusi*, onde encontraram os vatuas que governam estas terras e ali estavam, para que lhes fornecessem carregadores.

Os vatuas não os conhecendo, apenas lhes offereceram um dos da sua comitiva para acompanhar a pessoa que elles allemães mandassem dar parte ao Gungunhana, aguardando as ordens que este desse.

Os homens acceitaram o alvitre, mandando um dos pretos que tinham contratado em Sofalla acompanhado por um vatuá, mandando pelo dito preto dois bilhetes de visita dirigidos ao regulo, pedindo-lhe carregadores para se dirigirem á sua povoação.

O regulo accedeu ao pedido dando ordem aos vatuas para lhes fornecerem carregadores.

A dois dias de caminho da povoação do regulo, os vatuas, seguindo o seu costume e as ordens que tinham, mandaram ali parar os dois allemães e vieram dar parte ao regulo da sua chegada; dizendo-lhe que os ditos homens tinham deixado armas, polvora e fazendas em Chiloane, por não terem carregadores.

O regulo mandou um vatuá para dizer aos dois allemães que lhe dessem uma pessoa ou ordem para em Chiloane lhe entregarem as cargas que lá tinham que elle forneceria carregadores; e que durante o tempo da demora Kaufmann e Dorrbecker ficassem n'aquella povoação até chegarem as ditas cargas.

Quando os portadores voltaram da povoação do regulo com estas ordens, encontraram os allemães já a um dia de caminho; e quando tiveram conhecimento das ordens do Gungunhana, rumosearam o vatuá que os tinha acompanhado e que tinha vindo dar parte ao regulo da sua chegada, com alguns socos.

O regulo conhecedor d'este procedimento, mandou-me dar parte do occorrido, dizendo que tinha dado ordem já para que estes estrangeiros se retirassem das suas terras; porque, quem batia nos seus enviados, batia na sua propria pessoa.

Convenci ao regulo de que devia mandar fornecer carregadores para elles se retirarem, apesar do seu comportamento pouco regular, em vista d'elle regulo lhes ter fornecido carregadores para elles virem até aqui.

O regulo nomeou um vatuá para os acompanhar até fora das suas terras, fornecer-lhes carregadores, e eu mandei uma pessoa para em meu nome pedir aos dois individuos que em vista do seu procedimento para com o vatuá, e para evitar algum conflicto mais grave, se retirassem, tornando-os responsaveis pelas consequências que resultassem do seu procedimento a seguir.

Por esta mesma occasião, appareceram aqui dois inglezes, o capitão Richard David Brown, e um outro. Dirigiram-se directamente á povoação do primeiro secretario do regulo.

Deram um presente ao regulo de 4 armas de carregar pela culatra, uma caixa de cartuxos para as mesmas, que o regulo retribuiu com marfim.

Quiseram tambem dar-lhe dois cavallos que traziam mas que o regulo recusou dizendo-lhe que todos aqui morriam.

Efectivamente um morreu dias depois e o outro não sei se chegaria ao litoral, por terem sido mortidos pela mosca.

Tambem me consta que o dito capitão Brown mostrára um bom sacco de libras aos vatuas que fallaram com elle, dizendo que podiam dar muito mais do que aquellas ao regulo e a elles, se o deixassem explorar as minas do paiz de Gaza.

Tambem me constou que o regulo logo que soube o fim da visita do dito Brown, o mandára despedir dizendo, que nas suas terras não havia minas.

Constou aqui igualmente, que na occasião em que foram para o *Lusi* os allemães Kaufmann e Dorrbecker se dirigiram tambem para o Pungue o inglez Mayes e George Brunetto.

O primeiro veio aqui em companhia do major Paiva d'Andrada n'uma commissão de serviço.

O seu procedimento para com o dito major Paiva, foi menos correcto; não só por ter enganado este official, mas ainda pela intriga e descredito do nosso governo que elle tentou incutir no animo d'estes povos.

Chegou o seu procedimento ao ponto de diser aos vatuas, que elle mesmo havia de ir arrear a bandeira portugueza que estava içada na povoação do regulo.

Eu teria procedido com este homem, como era do meu dever, se não fora a intervenção, sempre prudente e reflectida do major Paiva d'Andrada, que me indicou ser mais prudente annuir aos desejos do Gungunhana em faser retirar d'este paiz o dito Mayes.

Este homem já aqui tinha estado fazendo parte da expedição do capitão Wybrants.

Disse ao chegar d'esta vez, que o Muzilla lhe tinha dado todas as minas que haja n'este paiz, ao que todos os grandes responderam ser uma pura invenção d'elle, por isso que, não tendo elle nunca fallado com o Muzilla sem elles estarem presentes, nunca ouviram tal offerecimento e nem promessa d'elle.

Como disse em setembro de 1886, veio aqui o major Paiva d'Andrada; apesar do procedimento do tal Mayes, os serviços prestados á nação por este distincto official são de tal ordem que bem merece da patria a distincção de *benemerito*.

Além dos serviços que prestou pela sua estada em Gaza, na epocha da guerra de Inhambane, e as intrigas que pela mesma occasião se levantaram, e que elle com a sua voz auctorizada collocou no seu verdadeiro pé; accresceram as que foi prestar no Norte d'este paiz, seguindo d'aqui para a Gorongosa, onde deu principio á sua grande obra da pacificação da Zambezia, gloria que ninguém lhe pode contestar, servindo se para isso d'esse homem a quem muitos alcunham de *Outo Bonga*, mas que é a quem se devem hoje muitos e relevantes serviços, tanto prestados na pacificação da Zambezia, como na grande barreira que tem impedido a continuação das correrias das vatuas feitas a Sena.

Este homem chama-se Manoel Antonio de Sousa, a quem os vatuas dão o nome de *Gourva*.

Se não fóra o major Paiva d'Andrada, em lugar de encontrarmos n'este homem um grande auxiliar na gloriosa campanha da pacificação da Zambezia, teriamos um inimigo e inimigo mais terrível do que todos os Bongas, porque a isso o levaria o procedimento d'aquelles que lhe deviam todas as glorias que estavam gosando.

Finalizando este relatório, não o fecharei sem diser duas palavras sobre o effeito que tem produzido no regulo e seus grandes, as corridas dos estrangeiros a estas terras á procura de minas.

Eles já antes estavam com suas duvidas se seriam as minas que causaram a guerra ao Zulo e outros regulos do Sul; e hoje difficilmente se conseguirá dissuadi-los d'isso em vista das tentativas que por aqui tem feito para conseguirem a exploração.

Toda a sua desconfiança, funda-se em que, deviam reunir-se muitos brancos n'estas explorações e que depois elle fica sem as terras.

Em quanto o governo se não julgue habilitado, a crear as escolas que julgo indispensaveis n'este paiz, não deixa de ter uma vantagem que junto ao residente fassam desde já creadas duas officinas, uma de carpinteiro e outra de serralleiro e ferreiro; não só por serem os dois officios de que esta gente mais necessita, mas tambem porque assim se principiava a crear um certo numero de necessitates e gostos pelos resultados obtidos n'estas officinas.

Já temos as officinas montadas; só nos faltam dois mestres: um de carpinteiro e outro de ferreiro e serralleiro.

Da escola d'officios de Moçambique, se poderiam obter dois rapazes que por pequenos salarios podessem para aqui ser contratados.

Tenho aqui tres rapazes entregues pelo Gunguhana para aprenderem estes dois officios; podia obter que o regulo me desse mais alguns, mas para isso seria necessario haver mestres para os ensinar.

O governo, além das despesas com os mestres pouco mais gastaria com os rapazes. Uns 100 réis diarios para cada aprendiz, para comer e vestir, seria sufficiente.

Secretaria do residente chefe nas terras de Gaza Mussurise, 31 de dezembro de 1887. — José Casaleiro d'Alegria Rodrigues, residente chefe.

Mappa A

Nomes das mezes em lingua Gungane

Mezes em lingua Gungane	Equivalentes em portuguez	Mez a que correspondem segundo o Calendario Gregoriano
Cheganhana	Fruta do mato	Outubro
Mugano-mocnio	Fruta do mato grande	Novembro
Impain	Cabra do mato	Dezembro
Gungoni	Vaca do mato	Janeiro
Pusse ou Engoce	Batucos do regulo	Feveairo
Mexanga	Floresce o caque ou gato do mato	Março
Devangein	Corta caminho	Abril
Santucia	Prio	Mai
Quêquese	Estrella pollar	Junho
Simein	Prio	Julho
Ucanhana	Milhafre	Agosto
Maco-mocuo	Milhafre apanha os pintos	Setembro

N. B. Os mezes estão mencionados pela ordem do anno agricola; mas estes povos tambem o contan por outra ordem: considerando o mez de Engoce ou do regulo o ultimo do anno.

Quando aparece a estrella pollar ou a Venus coincidindo com o amanhecer,

na lua nova a seguir é que dão o nome de Quêquese; evitando assim a differença que encontrariam de anno para anno se seguissem as luas pela ordem em que apparecem.

Terras de Gaza em Mussurise, 31 de dezembro de 1887. — José Casaleiro d'Alegria Rodrigues, residente chefe.

HOSPITAL MILITAR E CIVIL DE MOÇAMBIQUE

Mappa estatístico dos trabalhos havidos durante o anno de 1886

Actas	Da junta de saude	Ordinarias	48
		Extraordinarias	14
Entradas	Da commissão administrativa		6
	Aos officios recebidos do Ministerio		10
Officios expellidos	da 2.ª repartição da secretaria		121
	Aos officios recebidos da 3.ª repartição da secretaria		164
	Aos officios recebidos da Ex.ª Junta da Fazenda		65
	delegações de saude		214
	diferentes auctoridades		178
	Ao Ministerio da Marinha e Ultramar		25
	A' 2.ª repartição da secretaria geral		43
	3.ª		122
	Ex.ª Junta da Fazenda		79
	Delegações de saude		173
Diferentes auctoridades		159	
Officio confidencial	A' 3.ª repartição da secretaria geral		1
Ditos circulares	— A's delegações de saude		3
Copias de diversos documentos			36
Termos de arrematação			1
Requisições feitas á Ex.ª Junta da Fazenda			1
Ditas ao almoxarifado da Fazenda			8
Cartas de saude passadas a diversos navios			113
Vistos de saude			2
Certificados de saude passados a diversos navios			285
Guias das emplacements sanitarios passadas para a thesouraria geral da Ex.ª Junta da Fazenda			12
Guias das importancias do tratamento dos doentes particulares passadas para a thesouraria geral da Ex.ª Junta da Fazenda			9
Cantellas das importancias cobradas nos navios			127
Cantellas das importancias cobradas nos doentes particulares			25
Documentos das contas mensaes			96
Balançetes da receita e despeza mensaes			24
Duplicados das folhas passadas aos fornecedores			24
Valas geraes das dietas			365
Ditos para os fornecedores			435
Movimentos clinicos			110
Relações de effectividade, mensaes			12
Mappas do pessoal do quadro			24
Ditos dos adidos			24
Folhas dos doentes tratados de diversas repartições			183
Obitos passados			110
Recebidos	Boletins militares do ultramar		11
	Ditos officios da provincia		52
	Ordens á força armada		16
	Boletins de sanidade maritima		371
Mappas de inspecção	Enviados ao Ministerio da Marinha e Ultramar		31
	a 2.ª repartição da secretaria geral		48
	3.ª		177
Movimento dos doentes	Divisão Naval		40
	Passaram de 1885 para 1886		75
	Entrados		1:630
	Saídos		1:592
	Fallecidos		58
Ficaram existindo para 1887		55	

Repartição d'escruração e contabilidade da junta de saude de Moçambique, 6 de outubro de 1887. — O chefe interino de saude, José Bernardino d'Araujo Fonseca.

CAPITANIA DOS PORTOS DE MOÇAMBIQUE

Mappa estatístico dos trabalhos havidos n'esta repartição no anno de 1886

Trabalhos executados n'esta repartição	
DOCUMENTOS EXPEDIDOS	
A' Secretaria Geral, e registo	20
Repartição Militar, e registo	2
Junta da Fazenda, e registo	3
Consul Inglez, e registo	1
Comandante do destacamento de Infusse, e registo	1
Mendonça & Silva, e registo	1
Chefe do serviço de saude, e registo	1
Delegado da capitania dos portos no Ibo, e registo	2
Dito de Chiloane, e registo	1
De Lourenço Marques, e registo	1
Matriculas de embarcações costeiras, e copia	123
Ditas de embarcações miudas, e copia	160
Autos do registo de propriedades de embarcações, e copia	28

tricto em qualquer occasião, quer para socorrer quaesquer tribus amigas ameaçadas ou atacadas por tribus rebeldes ou inimigas e ainda para ajudar o governo em qualquer caso de guerra.

Art. 5.º A rainha e seus successores não poderão por iniciativa propria declarar guerra a tribu alguma.

O governador de Lourenço Marques julgará das causas para qualquer declaração de guerra e esgotados todos os meios convenientes para a evitar, auctorisa-la-ha dando á referida rainha ou aos seus successores a protecção de que trata o art. 2.º quando necessaria.

Art. 6.º Para facilitar a protecção de que trata o art. 2.º mandará o governo portuguez, quando o julgar conveniente, construir obras de fortificação ou quartéis para tropas.

Art. 7.º Tambem como signal de vassalagem á coroa portugueza e reconhecimento de soberania da mesma, ficam obrigados os possuidores de palhotas em todas as povoações das terras de Maputo, comprehendidas dentro dos limites do territorio pertencente a Portugal, ao pagamento de um tributo annual igual ao que pagarem os habitantes das outras terras avassaladas.

§ unico. O arrolamento das palhotas e a cobrança do tributo serão feitos por um ou mais representantes do governo a quem a rainha ou quem a represente dará toda a coadjuvação.

Art. 8.º O commercio portuguez e estrangeiro será feito livremente no territorio de Maputo.

Art. 9.º O governador de Lourenço Marques julgará em ultima instancia as questões entre o regulo de Maputo e qualquer outro tributario, arbitrando as indemnizações devidas não consentindo guerras e castigando pela força ou por outros meios o transgressor d'esto preceito.

Art. 10.º Todas as questões entre a gente das terras de Maputo e quaesquer brancos ou pretos das tribus amigas serão resolvidas pelo governador de Lourenço Marques.

Art. 11.º Concorrendo para a prosperidade commum do districto e em particular para a da gente de Maputo, não se oppoerão os regulos á fundação de quaesquer postos civilisadores nem tão pouco ás explorações agricolas ou mineiras ou d'outra qualquer ordem, nem ainda ao estabelecimento de missões religiosas, quando estes postos, explorações ou estabelecimentos sejam ordenados ou consentidos pelo Governo Portuguez.

Art. 12.º Ficam obrigados os regulos de Maputo, seus indunas e secretarios a dar todo o auxilio aos enviados do governo, que forem ou passarem em serviço pelas suas terras.

Art. 13.º Os regulos de Maputo mandarão entregar ao governador de Lourenço Marques ou á auctoridade portugueza mais proxima quaesquer fugitivos que procurarem occultar-se nas suas terras ou por ellas passarem.

Art. 14.º Os successores do governo de Maputo serão investidos na posse das terras pelo governo portuguez.

Art. 15.º Nos casos não previstos n'este tratado e que por elle não possam ser resolvidos, obriga-se a rainha regente, em nome do regulo Guanase e seus successores a obedecer como verdadeiro e leal subdito em tudo e por tudo ás ordens que lhe forem dadas pelo governo portuguez ou seus legitimos representantes.

Art. 16.º De todas as noticias que interessarem por qualquer forma ao districto, de todas as razões de queixa contra individuos ou contra tribus vizinhas deverão os regulos de Maputo e habitantes dar parte ao governo, dirigindo-se para este fim á auctoridade portugueza mais proxima.

Tendo sido traduzido em lingua de Maputo pelo interprete Henrique de Jesus Heitor o que acima se achá escripto, declararam a rainha Zambia, os indunas parentes, secretarios e grandes estar de accordo com o prescripto n'este auto, jurando a rainha solemnemente segundo os seus usos e costumes e sobre a bandeira portugueza que lhes foi entregue de fielmente cumprir e fazer cumprir o presente tratado.

Em fé do que assignam este auto os representantes do governador de Lourenço Marques acima indicados, e de cruz por não sabermos escrever, a rainha Zambia, regente, em nome de seu filho Guanase, e os indunas Pingana, Machlugulo, Chimocana, Tzantaca, Madjuba, Mussabela, Mohingana, Metino, Salamanga, Zamquella, Chichoca, Macene, Euguica, Chiguema, Pecula Cotchima, Maguinha, Zibebo, Maenza, Machiningana, Chiquica, Pochina, Mandjama-culo, Umbassek, Balene, Chibito, Mputumano, Guedese, Facú, Unguasani, Maputo, Guonella, Mitchafula e Indzanhá.

Como testemunhas presentes assignam tambem Charles Waek, negociante, Spir Michel, machinista, João Gonçalves de Sousa, marítimo, todos residentes em Lourenço Marques, e G. Bruheim, negociante e Raymundo Ferreira Mexias, caixeiro, residentes em Maputo.—(ass.) Joaquim José Machado, tenente coronel d'engenharia.—Francisco Caetano Viegas.—Honorio Augusto d'Alcantara Ferreira, tenente.—Alberto Celestino Ferreira Pinto Basto, guarda marinha.—Henrique de Jesus Heitor, 2.º escriptuario de

fuzonda; signaes do Zambia, rainha regente e dos indunas: Pingana, Scholubana, Machlugulo, Chimocana, Tzantaca, Madjuba, Mussabela, Mohingana, Metino, Salamanga, Zamquella, Chichoca, Macene, Euguica, Chiguema, Pecula, Cotchima, Maguinha, Zibebo, Maenza, Machiningana, Chiquica, Pochina, Mandjama-culo, Umbassek, Balene, Chibito, Mputumano, Guedese, Facú, Unguasani, Maputo, Guonella, Mitchafula e Indzanhá.

Testemunhas presentes (ass.) C. Waek, — S. Mitchell, signal de João Gonçalves de Sousa, por não saber escrever.—(ass.) G. Bruheim, o Raymundo Ferreira Mexias.

Macassane, 10 de fevereiro de 1888.—O secretario, (a) Honorio Augusto d'Alcantara Ferreira, tenente.

Está conforme.—Secretaria do governo de Lourenço Marques, 19 de fevereiro de 1888.—O secretario, Joaquim José Monteiro Liborio, alferes.

RELATORIO

Inspeção das obras publicas em Africa

Série de 1888. — N.º 1. — III.º e Ex.º Sr. — No desempenho da commissão de serviço que pelo Governo de Sua Magestade me foi commettida, ampliada pelas instrucções que V. Ex.ª se dignou dar-me em officio da Secretaria Geral, 2.ª repartição, n.º 48 de 12 de janeiro do corrente anno, venho dar conta a V. Ex.ª da minha visita á bahia de Tunge, ao Cabo Delgado e ao rio Rovúma, realisada a bordo da canhoneira *Douro* com o fim de formar uma idéa aproximada das condições economicas e de segurança do territorio que, desde a nossa occupação pela força das armas, deve ser considerado portuguez de direito e de facto, estendendo-se o nosso dominio a todo o curso do rio Rovúma, o qual em virtude da convenção Luso-Alémã de 28 de dezembro de 1836 passou a ser o limite septentrional das possessões portuguezas na costa oriental d'África.

Ordenou tambem V. Ex.ª que eu procurasse informar-me das condições actuaes do commercio n'aquella localidade, das causas da sua visivel decadencia e das suas probabilidades futuras a fim de V. Ex.ª resolver sobre os meios immediatos ou de evolução que devem ser empregados ou propostos, no intuito de justificar plenamente, perante os indigenas e as nações cultas, a mudança de dominação que foi operada.

Quer mais V. Ex.ª que sobre estes elementos de estudo seja elaborado o meu relatório, acompanhado dos projectos de fortificação indispensaveis á defesa não só da bahia de Tunge, mas tambem á da região comprehendida entre o Cabo Delgado e a margem direita do Rovúma, contra a invasão possível mas não provavel dos arabes do Norte.

Os assumptos para os quaes V. Ex.ª chamou a minha particular attenção são graves e complexos. Alguns delles interessam não só ao estado presente, mas tambem ao porvir dessa região, considerada absoluta e relativamente, quer nas suas permutações com as tribus sertanejas que convem attrahir e proteger, dando-lhes a segurança indispensavel, como nas suas relações politicas com os povos vizinhos, que, ainda ha pouco, eram os seus occupantes e dominadores de facto, e bem assim nas do seu commercio com os mercadores estrangeiros.

Nas considerações que terei a honra de submeter ao justo e elevado criterio de V. Ex.ª, relatarei os factos com sinceridade, abstando-me de exagerações optimistas, ou de descrença e desalento, umas e outras injustificaveis sempre, mas muito mais no caso presente, porque importariam uma falta de lealdade para com o Governo de Sua Magestade, para com V. Ex.ª e para com o paiz.

V. Ex.ª não ignora que são dois os processos usados com frequencia na exposição dos assumptos coloniaes, conduzindo ambos a pessimos resultados. Pelo primeiro os factos são narrados ao sabor das conveniências, ou da phantasia do informador, que, no intuito de se tornar notavel, alardeia uma completa descrença no futuro desenvolvimento das nossas colonias, emitindo opinião sobre assumptos que não estudou nem pavorou conhecer, sem a consciencia das suas asserções pessimistas nem a responsabilidade das suas injustificaveis e onerosas affirmativas. Outras vezes o seu fim, — sem duvida mais condemnavel ainda, — é desagravar-se de despeitos e rivalidades pueris, fazendo-se echo dos tristes soalleiros ultramarinos.

Pelo segundo processo o informador, levado de um falso patriotismo que manda occultar a verdade que não agrada, descreve com as côres mais ridentes as bellezas phantasticas destes lugares, transformando palmares sertanejos em deliciosos jardins, descobrindo a cada passo minas de ouro e jazigos de metaes preciosos, fabulando mares que vent quebrar-se em praias de pérolas

o aljôfres, creando um Eldorado emfim, quando a simples e rigorosa exposição da verdade seria para esta provincia, que incontestavelmente possui innumerables riquezas inexploradas, d'um imenso alcauce e de incalculavel vantagem.

Os dois processos são ambos detestaveis, pois só conseguem illudir o Governo que acêrea de alguns assumptos não possui muitas vezes meios faccis e seguros de apurar a verdade em presença de opiniões tão differentes e contradictorias.

Succedo a'ê com frequencia, no campo especulativo em que travam lucta os interesses feridos, a opinião desvirtuada accita como verdadeiras algumas asserções sem fundamento, reflectindo-se o erro na imprensa e no parlamento, e introduzindo-se não raro furtivamente no gabinete do Ministro, onde só deve chegar a verdade.

Desculpe-me V. Ex.^a esta pequena divagação que não é estranha ao assumpto, como pôde parecer á primeira vista. V. Ex.^a não ignora que a occupação da bahia de Tungue, operada pelas armas, e a reivindicção do territorio adjacente, com quanto representem um acto de nobre energia da sua zelosa e benéfica administração, sancionado pelo Governo da metropole e pelo Parlamento, onde mereceu a classificação de notavel feito de gloria, não estão ainda assim isentas das apreciações apaixonadas e casuísticas da critica pessimista.

Entrando na materia, comegarei por descrever tão minuciosamente quanto possível a região que visitei e que procurei conhecer e estudar sob diversos aspectos, expondo a V. Ex.^a com sinceridade os factos, transmittindo com lealdade as informações que pude colher, e dizendo finalmente o que sei e o que penso na sincera expressão da verdade, sem outro fim que não seja o rigoroso cumprimento do meu dever.

* * *

A bahia de Tungue, comprehendida entre a ponta Afunji (das Afunji) ao Sul e o Cabo Delgado ao Norte, mede cêrea de nove milhas em comprimento e sete na sua maxima largura, a qual vae successivamente diminuindo para o interior, dando-lhe uma fórma oblonga.

É, como se vê, uma bahia ampla, espaçosa, reunindo a esta qualidade a de ser limpa e abrigada. Abre para leste, offerecendo uma entrada franca e segura de 2, 5 milhas entre o Cabo Delgado e a ilha Tekomaji.

Esta distancia é medida folgadoamente entre o Recife de coral que se estende cêrea de 1,5 milha em frente das pontas N. e N.E. de Tekomaji e o de idêntica natureza que se projecta a S. E. do Cabo Delgado, assignalados ambos por uma constante arrebentação do mar.

A ilha Tekomaji e a sua vizinha ilha Longa, separadas apenas por um canal estreito e impraticavel, cavado no mesmo Recife de coral que serve de assento ás duas illas, constituem assim reunidas um quebramar natural á entrada da famosa bahia de Tungue.

Entre a ilha Longa e a ponta Afunji ha um canal de uma milha de largura, mas tão obstruido de baixios e recifes de coral que só se presta á navegação de alguns pangaios e das lanchas que entreteem o pequeno commercio de Tungue com os nossos portos de Muri e Macimboa, ao sul do primeiro.

A bahia é orlada d'uma larga faixa de areia branca, cuja dimensão varia de uma a duas milhas e que descobre na baixamar.

O estabelecimento do porto é ás 4 h. 5^m. A amplitude da maré nas sizygias é de 4^m, 30.

A orla maritima da bahia é cortada de alguns esteiros ou braços de mar, dos quaes os mais importantes são o Mnanji ao norte e o Mngangani ao sul, conhecidos pelos indigenas sob a designação generica de *mulo*.

O Mngangani que não é rio, como impropriamente tem sido denominado, é dos dois esteiros maritimos o maior, e aquelle que na preamar permite franca entrada a pangaios e ás embarcações que, como estes, caem pouca agua, e que podem navegar cêrea de duas milhas para o interior, em seguida ás quaes o esteiro se perde por entre terras apauladas, vestidas de espesso mangal.

Situado ao fundo no extremo O. da bahia de Tungue, o esteiro Mngangani devia ter sido um magnifico escondrijo para as embarcações que fizessem o trafico da escravatura, como se pode vêr da sua disposição relativa. Abre para o norte, confundindo-se a margem esquerda com a orla da bahia, e projectando-se a direita de modo que só a uma curta distancia do esteiro se descobre a sua entrada, parecendo até este momento não haver ali a menor interrupção na linha de continuidade.

O ultimo pangauio de escravos aprisionado ali foi em Janeiro de 1886, pouco antes da nossa occupação.

Junto á margem O. deste esteiro no extremo interior da bahia de Tungue, demorava essa antiga povoação dos arabes que por

ousada iniciativa de V. Ex.^a, corôada do melhor exito, foi tomada pelas armas em 23 de fevereiro de 1887. Está ao presente substituida pela nascente povoação de Palma, condecorada por V. Ex.^a com este nome para commemorar o notavel feito do valor do coronel Palma Velho, que a tomou de assalto.

É ali a actual séde do commando militar da bahia de Tungue. Ali se encontra a residencia do commandante edificada sobre as ruinas da casa que habitava o delegado do ex-Walli de Tungue e que fôra em grande parte destruida pelo bombardeamento.

Esta nova edificação, com todas as suas dependencias dispostas em boas condições de servir provisoriamente ao fim a que se destina, e tambem ao de resistir a um golpe de mão dos arabes, possivel mas não provavel, comprehendendo uma caserna com setteiras abertas nas paredes, destinadas a receber as praças do destacamento militar que habitam umas palhotas, toca e grosseiramente levantadas por elles proprios pelo systema primitivo das habitações indigenas.

Junto á casa do commando militar encontra-se uma antiga palhota melhorada, na qual funciona provisoriamente a delegação fiscal da alfandega, e mais ao longe para o norte seguindo a orla da praia umas outras palhotas, algumas das quaes arruinadas ou incompletas e por acabar, pertencentes aos trabalhadores das obras publicas e indigenas pescadores, e a algumas casas que entreteem um pequeno trafico com o gentio sertanejo.

Toda a orla meridional da bahia que a partir da ponta Afunji corre para O. e contornando o esteiro de Mngangani segue até o extremo norte da antiga povoação dos arabes, substituida ao presente pela de Palma, é baixa, plana, arenosa, com uma larga faixa de terrenos alagadiços, cobertos de mangue e salgueiro, mais ou menos espesso em alguns pontos, não se distinguindo no matto outra especie de arvore, que não alguma rara palmeira, e casuarinas altas, esguias mas vistosas, das quaes um grupo mais numeroso veste admiravelmente a ponta leste da entrada para o esteiro de Mngangani.

Forma notavel contraste com a do lado sul a orla maritima do outro lado da bahia, que é mais alta, elevando-se gradualmente em platinos successivos, até attingir uma altitude de 60 metros aproximadamente na extensa cordilheira que partindo nas quatrocentos metros ao N. O. do Cabo Delgado segue parallelamente á orla septentrional até se precipitar em rapido declivio na linha do contorno da bahia para o sul.

Como se vê da sua disposição relativa, a recente povoação de Palma que assenta n'uma estreita e limitada extensão de praia sobre um solo de formação alluvial, carece das mais elementares condições hygienicas.

Separa a praia das terras altas uma larga faixa de terreno alagadiço e apaulado, cujo nivel em alguns pontos é mais baixo que o das mais altas marés, recebendo por infiltração as aguas do mar, e na estação pluvial as que descem das vertentes das collinas e outeiros mais proximos. Representa as aguas nas maiores depressões com uma difficil saída para o mar, convertem-se durante a maior parte do anno em pantanos mixtos que só se enxugam apoz uma lenta e successiva evaporação.

Sob o ponto de vista strategico, tambem não se recommenda aquelle local por ser dominado pelas terras vizinhas mais altas que devem ser consideradas como *pontos perigosos*, conforme a designação usada em fortificação, dos quaes não será facil desconfiar.

N'esta cadeia de successivos montes e collinas, que se desenvolve n'uma linha de suave ondulação, encontram-se as *machambas* de alguns velhos arabes que ali se tem conservado depois da nossa occupação, melhorando as suas habitações. São uma pobre gente que vive do amanho das terras que cultiva, em volta das suas palhotas, nos pequenos palmares que elles consideram propriedade sua, e nos quaes se encontram entre outras arvores de fructo mangueiras em abundancia. Não lhes é desconhecida a industria da cal que fabricam pelo processo primitivo, geralmente usado na provincia, e vendem por um preço relativamente baixo. Nos seus trabalhos são auxiliados pelos antigos escravos, que, segundo consta, são por elles tratados como seus serviaes e companheiros nas lides domesticas, vivendo como elles do que produz a pequena cultura.

* * *

Na orla septentrional da bahia de Tungue, uns 15 kilometros aquem do Cabo Delgado, existe uma povoação mais numerosa, situada junto a um extenso palmar que avulta de modo notavel ao ponto de ser considerado uma excellente marea desse lado da bahia, porque se eleva muito acima do mangal da praia. É a antiga povoação *Kivia*, onde os arabes capitaneados pelo ex-Walli de Tungue oppuseram maior resistencia á nossa occupação pelas armas.

Encontram-se ali as ruínas de algumas antigas edificações de pedra e cal, damnificadas mais pela acção do tempo do que pelos estragos dos nossos projecteis quando foi da tomada pelas armas — taes são o chamado *fortim* (*ohl fort*, como se lê nas cartas inglezas) que mais parece umas tristes ruínas de algum velho par-dieiro; ao lado destas a residencia do ex-Walli de Tungue, reduzida a um monte informe de calça; quasi em frente o esqueleto d'umas velhas paredes, deterioradas e derruidas pela intemperie, as quaes, se diz, pertenceram em tempo a uma pobre mesquita, junto a uns tumulos que o actual capitão-mór de Tungue me affirmou serem dos seus ascendentes.

Estira-se para um e outro lado do vasto palmar a povoação de Tungue, composta na maior parte de gente que vive do amanho das suas terras e da industria da pesca, habitando umas choças de fôrmas as mais caprichosas e phantasticas, muito distancadas umas das outras, e situadas no meio de extensas plantações de mandioca, milho, feijão e outros legumes.

Partindo de Tungue para o Cabo Delgado pedi ao capitão-mór se convidava os arabes da localidade para virem fallar-me ao meu regresso, pois desejava conhecê-los pessoalmente, e obter delles algumas informações que se me tornavam necessarias.

Acompanhado do sr. commandante militar da bahia de Tungue que é ao mesmo tempo encarregado do serviço das obras publicas n'aquella localidade, segui para o Cabo Delgado tomando pelo trilho tortuoso que se encontra por entre as plantações dos indigenas, as quaes se estendem cêrca d'uma legoa na direcção do Cabo Delgado. Ali onde terminam as plantações achemos-nos em frente de matto cerrado que seria preciso desbastar para rasgar caminho.

Esses tractos invios de terreno, fechados por uma matta brava e espessa, repetem-se a miúdo no trajecto para o Cabo Delgado, obrigando-nos a descer á praia, e a percorrer grandes extensões por uma superficie irregular e escabrosa de riço coral que escaldava como se andássemos sobre um brazeiro. De espaço em espaço sentíamos debaixo dos pés umas pontas agudas de coral que nos atravessavam o calçado como se foram umas choupas aguçadas e cravadas no solo! E por sobre tudo isto um sol abrazador que parecia escorrer sobre nós chumbo derretido!

No Cabo Delgado tomei conhecimento do ponto escolhido para a collocação d'um pharol, onde se procedeu já á limpeza do matto que o cobria. Pareceu-me, porém, conveniente avançar ainda uns 300 metros sobre o local escolhido para uma ponta mais saliente d'onde se descobre maior horizonte para N. O., e no intuito de poder apreciar praticamente as vantagens ou os inconvenientes do novo local em relação ao anteriormente escolhido, recomendei que se fizesse ali a limpeza do matto espesso que o cobre, e a abertura de um caminho ligando directamente os dois pontos, prolongado atravez as brenhas que interceptam a comunicação do Cabo Delgado com a povoação de Tungue. Este caminho, que não precisa ter por enquanto mais de dois metros de largura, servirá immediatamente de facilitar e tornar economico o transporte das peças mais pesadas da torre do pharol, visto como, sendo impossivel o desembarque em Cabo Delgado, este terá de effectuar-se em Tungue, seguindo as peças por terra até o ponto escolhido.

Este caminho provisório, que é da maior vantagem conservar para se assegurar uma constante comunicação com o Cabo Delgado, deverá ser mais tarde alargado, escolhendo-se definitivamente a directriz mais conveniente.

Parece-me desnecessario encarecer as vantagens de almiar melhor a nossa costa. V. Ex.^a comprehendeu da grande utilidade e do inapreciavel beneficio que resulta á navegação e ao commercio destas sentinelhas avançadas do litoral para o immenso espaço do mar; tem procurado com a maior solicitude dotar todos os portos da provincia com este importante melhoramento. Eu que tenho tido tempo de percorrer as quatrocentas léguas de costa em que ella se desenvolve, entrando nos seus principaes portos desde o de Lourenço Marques até o do Ibo, não posso deixar de prestar o testemunho da minha sincera admiração pelo muito que V. Ex.^a tem realizado, melhorando o alhumiamento e a balizagem dos portos. Convirá de certo dar ás luzes maior alcance e completar o systema de alhumiamento marítimo por meio de pharões de *grand atterrage*, taes como o exi em as necessidades crescentes da navegação e commercio em tão vasta costa. Com os poucos recursos de que dispõe a provincia, força é confessar que muito se tem feito.

Se é de ha muito indiscentivel a necessidade de um pharol no Cabo Delgado, do qual deriva o nome do districto mais septentrional da provincia, é claro que depois da conquista realisada pelas armas, que nos deu a posse definitiva da bahia de Tungue, a immediata collocação do pharol impõe-se como uma necessidade inadiavel, pois sem duvida é a nossa melhor affirmacão de posse, e

para a navegação e commercio uma das primeiras vantagens da nossa benficia occupação.

Nestas condições a realizacão do tão util melhoramento não podia deixar de merecer a particular attentão de V. Ex.^a

O pharol e a sua elegante e vistosa torre com 16, m. 65 de altura, construida n'esta cidade sob a immediata direcção do habil conductor de trabalhos, o sr. Francisco Leotte, estão promptos a serem transportados na primeira oportunidade para o local do seu destino.

Ao meu regresso do Cabo Delgado foram-me apresentados os principaes arabes estabelecidos em Tungue e que ali se tem conservado depois da realizacão da nossa occupação. Da maior parte delles obtive informações curiosissimas que vieram confirmar a opinião que eu havia já formado da nenhuma influencia do Sultanato de Zanzibar n'aquella localidade.

Esto e outros assumptos correlativos serão tratados mais desenvolvimento depois de dar conta da minha visita ao Rovúma, ordenada por V. Ex.^a com a recommendação de considerer o curso deste rio como sendo o limite septentrional das nossas possessões n'esta parte d'Africa, em virtude da convenção que o Governo da metropole vae ratificar nas negociações diplomaticas que por intermedio dos governos da Alemanha e da Inglaterra foram queetadas com o d. Sultão de Zanzibar.

As informações officiaes e officiosas que procurei colher na localidade ácêrca das povoações de Mbuezi, Keonga e da margem direita do Rovúma eram além de deficientes e incompletas, confusas e contradictorias.

Consoante umas, as povoações eram importantes, compostas de gente aguerrida que só reconhece o poder de Said-Bargash. Acrescentava-se que o Sultão, no intuito de se vingar da humilhacão por que o fizeram passar os portuguezes, dêra ordem de nos *receber a tiro* se ali tentássemos ir. Note-se que isto era dito por alguns noveleiros do genero que abunda em toda a parte, vivendo da intriga e do embuste, que nos diz as coisas em voz baixa, calculada para *arrumar ao effeito*, ou com ares mysteriosos no tom de um aviso amigavel, ao passo que os arabes reunidos em Kivia e que tem os seus interesses ligados de ha muito áquella povoação, sendo aberta e francamente interrogados informavam-me que as povoações de Mbuezi, Keonga e Rovúma eram como a de Tungue sem dependencia nem ligações com a gente do Sultão, e que os arabes mais audazes e turbulentos se haviam ausentado para longe, indo estabelecer-se para Mekindani e Lindi, desenganados de poderem continuar as suas extorsões e prepotencias enquanto o territorio se conserva sob a dominacão portugueza.

Esta é a versão que me pareceu aproximar-se mais da verdade, e harmonisar-se melhor com as restantes informações que havia podido colher ácêrca do desvio do commercio sertanejo — não só do que é licito mas tambem e principalmente do que as nossas leis condemnam — desvio determinado além de outras razões pela completa ausencia de cascas de permutação assim em Palma e Tuugue como em Mbuezi, Keonga e nas margens do Rovúma.

Acrescentavam mais os mesmos informadores, os quaes pela sua idade e respeitabilidade mais justificada confiança me inspiravam, que a gente do sertão que traz marfim, borracha e outros productos ricos, em lugar de ir para Mekindani e Lindi, atravessando invios tractos de terreno, viria de preferencia a qualquer ponto da bahia de Tungue, onde se lhe offercesse egual facilidade e certeza de troca pelas fazendas e artigos de commercio.

Tudo isto me pareceu perfeitamente consentaneo com a razão e o bom senso.

Acompanhado do sr. commandante militar e do capitão mór de Tungue sahi no dia seguinte a bordo da canhoneira Douro com destino ao rio Rovúma.

Dobrando o Cabo Delgado com o resguardo necessario, a canhoneira seguiu tão proximo da costa que vimos distinctamente as pequenas povoações de Mbuezi e Keonga.

Ao N. 2.º O. do Cabo Delgado, distante deste umas 14 milhas está situado o Cabo Rovúma (Rás Suaf). Entre estes dois cabos se descuroa a costa baixa e mais ou menos arborisada, formando as duas enseadas de Mbuezi e Keonga, separadas pela ponta Nsunga.

Avista-se a pequena povoação de Mbuezi no fundo da enseada do mesmo nome, cercada de um palmar que se destaca facilmente da areia branca, junto ao extremo sul d'uma extensa praia que orla essa grande reintrancia. A enseada não tem ancoradouro, e é tão cheia de bancos e recifes de areia e coral, que até ás embarcações de menor lotação se torna difficil, senão perigoso acostar.

É também bastante apparellada a cascada de Keonga, conhecida também pela designação indigena de Hambezi, mas existe um canal pouco fundo, estreito e bastante tortuoso, impraticavel a navios, mas que permite na pequena entrada ás embarcações que calam pouca agoa. É frequentada de numerosos pangaes que traficam ao longo da costa, e que ali encontram um refugio certo e seguro, ao abrigo da mais diligente acção fiscal externa.

A cascada de Keonga, cuja entrada tem cêrca de 4 milhas, vac-se estreitando successivamente para o interior onde se divide em tres braços principaes sem importancia conhecida, designados pelos nomes de *mito Mpaubi*, *mito Letonda*, e *mito Keonga*. É na margem sul deste ultimo esteiro que se encontra a povoação indigena de Keonga, sobre uma pequena collina de 20 metros de altura no meio de um extenso e vasto palmar. Como é sabido, os palmares denotam sempre a existencia de algum povoado proximo.

Segue-se a bahia de Rovúma que é limitada pela ponta Suafó ao sul e ponta Matunda ao norte. A bahia mede entre as duas pontas cêrca de 9 milhas e quatro em comprimento. É mal abrigada, exposta como está á grande vaga do oceano e a uma constante arrebatagem do mar nos bancos de areia que orlam a costa.

No fundo da bahia vem desaguar o rio Rovúma. Sua largura na entrada é de uma milha aproximadamente, porém na baixamar reduz-se a menos de metade devido a um banco de areia que descobre do lado de Oeste.

A embocadura do rio está comprehendida entre a ponta Rovúma e a do Muambo. A primeira é a ponta S. E. do rio, distante da Suafó cêrca de 4 milhas — a segunda é a ponta N. E. que dista da Matunda umas seis milhas.

A canhoneira Douro aproximou-se o mais possivel da embocadura do rio, fundeando do lado sul, cêrca de uma milha distante da ponta Rovúma.

Resolvido a entrar no rio lembrou-me o sabio aviso do nosso grande epico, poeta e guerreiro, que condemnava a imprevidencia nos seguintes versos:

.....Que nunca louvarei
O capitão que diga: não enchei.

(Lus. vii, 83).

Antes d'elle já Cicero dissera:

Nec committere, ut aliquando dicendum sit: Non patibam.

(Cic. de offic. i, 25).

Era indispensavel prevenir-me contra qualquer manifestação hostile dos indigenas das duas margens do rio, que eu suppunha possivel mas não provavel. Neste proposito solicitei do digno commandante da canhoneira, o sr. capitão de fragata Luis Antonio Themudo, em quem sempre encontrei a mais decidida vontade de me coadjuvar, mandasse pôr á minha disposição um escaler tripulado por alguns marinheiros de confiança, devidamente municiados e que levassem as armas debaixo das bancadas do escaler. Era uma medida simplesmente preventiva.

Acompanhado do guarda mariuha o sr. Henrique Macieira, de cuja pasmosa actividade e inexcedivel dedicacão pelo serviço apraz-me dar testemunho, sem desfazer nos seus dignos camaradas que muito considero também; e acompanhado também do sr. commandante militar e do capitão mór de Tungue, seguimos todos no escaler para o Rovúma.

Como estivessemos a mais de meia enchente fomos a direito rio dentro no escaler a tódo o panno. Foi facil a navegacão até duas milhas para o interior do rio, que seguem ao rumo de S. O.

Mais á montante, porém, entra o canal a estreitar muito, e a tornar-se difficil a navegacão por causa dos numerosos baixios que obstruem o curso do rio, occupando em alguns pontos quasi toda a sua largura e obrigando o escaler, que arreára a véla, a successivos zig-zags d'uma a outra margem.

Nas duas margens e nas illotas que se elevam a meio do rio, viamos de espaço em espaço numerosas armazões feitas de pilas toscas para abrigo dos pescadores, o que denotava a existencia destes, sem que conseguissemos porém avistar algum.

As margens do rio bastante arborizadas tem não obstante junto á embocadura, e ainda a uma grande extensão para o interior, o aspecto monótono do mangue e do salgueiral, muito vulgar n'esta região. Mais á montante porém, a arborisacão apresenta-se mais vistosa e variada, intermeiada de palmeiras de diversas especies, de mangueiras e outras arvores de fructo. Nos plainos successivos em que se elevam as margens, erguem-se de espaço em espaço os *baobabs*, esses gigantes da flora africana que não primam pela belleza, mas são notaveis pela enormidade rotunda e selvagem das suas fórmas. Um desses colossos arbóreos vimos nós, ostentando ainda os seus ultimos fructos, lentamente arrastado

pela corrente, arrancado pela raiz e prostrado pela acção destruidora da agoa nas margens do rio.

Já se nos afigurava que as margens do Rovúma estavam desertas, e que não teriamos a ventura de conhecer os chamados subditos do Sultão que haviam jurado o extermínio dos portuguezes, quando se nos deparou na margem norte um grupo de homens e creanças junto d'uma montã, aquelles com armas que são para esta gente, como V. Ex.^a sabe, companheiras inseparaveis.

Os marinheiros arvoraram reos, e eu disse ao capitão mór de Tungue por meio de um interprete que levavamos, — soldado do destacamento que falla correntemente o arabe e faz-se entender muito regularmente em portuguez, — que lhes fizesse saber que nós eramos os seus amigos portuguezes, e que vinhamos ali visitar e conhecer as povoações marginaes do rio.

Arengou-lhes o capitão-mór, e obteve em resposta que elles haviam tido já prévio conhecimento da nossa visita — que as palhoças onde vivem estão espalhadas pelas duas margens do rio, mas os pequenos povoados estão situados muito mais para o interior, onde a embarcaçào não podia ir.

Disse eu ao capitão-mór para lhes explicar que o nosso desejo era internar-nos o mais possivel, e se algum d'elles seguindo pela margem podia indicar-nos a navegacão a fazer, dispensando-nos o trabalho de sondar, no que perdiamos tempo consideravel. Sem a menor hesitaçào o maioral do grupo depoz a arma, seguindo abertamente pela margem a prestar-nos todas as indicações.

Não me causou surpresa o facto, — mas devo confessal-o — excedeu toda a minha expectativa. Pasma na verdade este acto espontaneo de confiança, praticado por um homem sem instrução nem educacão, mas dotado sem duvida dos melhores instinctos, porquanto em vez de nos fusilar á queima roupa muito a seu salvo, embrenhando-se com os companheiros no matto, onde a nós ou aos que escapassem seria extremamente difficil, se não impossivel, perseguilos, preferiu vir, delicada e generosamente, prestar-nos um serviço! Que mais será necessario para se evidenciar a boa disposicão d'esta gente para com os portuguezes!

E note-se — esta demonstracão de cordialidade affectuosa foi-nos dada na margem esquerda do Rovúma, que pertence aos dominios do Sultamado.

A falta de agua em toda a largura do rio difficultava cada vez mais a navegacão. Encontrámos mais á montante uma lancha que subia o rio á vara, e que o nosso guia nos havia informado que viera de Keonga para carregar arroz e milho. Quando nos abeirámos da lancha, tivemos a confirmação do que nos fôra dito, prestada pelos proprios marinheiros que a tripulavam. Convidámos-nos d'estos a passar para o nosso escaler afim de o fazer seguir á vara, ao que elle se prestou immediatamente e da melhor vontade.

Não tardou muito, porém, que tanto a lancha como o escaler encalhassem, sendo impossivel subir mais o rio. A tripulacão da lancha dispunha-se a passar ali a noite para continuar a navegacão na pequena do dia seguinte. Não podendo ou não devendo fazer o mesmo, mandámos safar o escaler, o que se fez ainda assim a muito custo.

Na dia de lua cheia; a agoa teria baixado uns tres metros. Na embocadura do rio o estabelecimento do porto é ás 4 horas. O mar sobe 4^m,90 nas marés das sizygias e 3^m,30 nas quadraturas.

Estavamos já a mais de meia vasante, e por pouco que nos demorassemos mais arriscavamos-nos a passar ali a noite, embalados pelo relinchar monótono e atoador dos cavallos marinheiros, que em grande numero nos acompanharam em toda a digressão para o interior do rio, surgindo afoitamente aqui e acolá, mais ou menos proximos do escaler. Extravagante philarmonica na verdade, cujas principaes figuras ainda menos confiança nos deviam inspirar do que os suppostos subditos do Imamo de Mascate!

Por informações mais ou menos fidedignas sabe-se que o rio se presta a uma navegacão relativamente mais facil em março, que foi quando M. May n'uma viagem de exploracão e estudo subiu este rio cêrca de 30 milhas no vapor *Pioneer*.

Suppõe dr. Livingstone que uma embarcaçào calando 0^m,40 de agua possa navegar n'este rio durante a maior parte do anno, e conta o ousado explorador que elle internou-se 156 milhas á montante do rio, gastando dez dias para o subir e 15 para o descer.

Quando descemos o rio havia tanta falta d'agua que o escaler encalhava com frequencia, sendo preciso muitas vezes saltarem os marinheiros no rio para o safarem, pois que não havia tempo a perder, e ainda assim, junto á embocadura a navegacão se tornou extremamente difficil, se não arriscada, por causa dos grandes rôlos de mar que ali vinham quobrar-se com violencia, produzindo uma arrebatagem enorme. O rio não tem barra, mas ha junto á embocadura uma mudanca subita de fundo que se precipita tão rapida e violenta que uma embarcaçào na vasante difficilmente a pode transpôr.

Esta tão simples como rápida noticia da região que visitei, e que eu sinto não poder completar com os dados estatísticos da sua população e trafico mercantil, os quaes do todo me foi impossivel obter na localidade, offerecerá a V. Ex.ª—assim o espero—os subsídios indispensaveis para julgar das suas condições de existencia economica e administrativa, das suas principaes necessidades e recursos, e dos meios a empregar para garantir ali a segurança individual e da propriedade, proteger e atrahir o commercio secularejo, e entreter e facilitar as relações com os mercados estrangeiros.

Como V. Ex.ª vê, muito ha que fazer ali, e nem outra coisa devia esperar-se, sendo ainda de hontem,—podemos assim dizer,—a nossa occupação. Na successão natural dos acontecimentos, uns factos preparam e determinam outros. O consequente depende do antecedente como o dia de amanhã do de hoje. As subitas transformações que temos visto operar-se em algumas colonias estrangeiras exigem capitães e recursos que nos não fica mal confessar, o, não possuímos.

Felizmente a attenção da metropole se tem fixado mais nas colonias e os poderes publicos tratado com mais sollicitude de promover o seu adiantamento e progresso, apreciando-as não pelo que ellas valham, material ou commercialmente fallando, mas pelo seu valor moral, pelo que ellas representam na balança politica da Europa.

Considerar-as, pois, como um pesado encargo sem compensação para a mãe patria é um erro imperdoavel, que denota completa ignorancia do nosso modo de ser politico. Portugal não possui melhores títulos a consideração da Europa e do mundo, do que aquelles que derivam das suas gloriosas tradições e da vastidão dos seus dominios no ultramar, legitimamente conquistados, quando abrimos á Europa atônita as portas do Oriente, e rasgámos em toda a parte o caminho, como iniciadora da civilização e do progresso.

A epoca gloriosa e afortunada das nossas conquistas passadas, registrou-as a historia nas suas paginas d'ouro.

Se hoje não podemos reaver o nosso antigo poderio, que nos fez admirados e temidos no mundo, justo é ao menos que accetemos como uma herança legitima de tão glorioso passado a obrigação de conservar e impedir que outros nos espolem o pouco, relativamente fallando, que ainda nos resta de tão vastos dominios. É este um dever de honra, que não pode ser declinado sem nos amesquinhamos aos nossos proprios olhos, e tambem aos da Europa como potencia colonial.

V. Ex.ª compenetrado dos deveres da alta missão que tão dignamente lhe está confiada assim procedem em Túngue.

O primeiro grande passo está dado, podendo aguardar-se tranquillamente o momento opportuno de tentar mais resoluta e proveitosa iniciativa.

Ninguem desconhece os encargos que advem d'esta reivindicção de territorio. Convem, porém, não exagerar as difficuldades.

Se a necessidade nos obriga a proceder com prudencia, e a caminhar lentamente no proposito de tirar da occupação todas as suas vantagens, de justiça é confessar que não é de pouca valia a que desde logo obtivemos, e que se traduz na impossibilidade de continuar a fazer-se ali o trafico da escravatura.

Outros beneficios virão com os melhoramentos indispensaveis. Carecemos de tempo e de capitães para os realizar, e se estes escasseiam, cumpre-nos não desanimar.—Parar e morrer na phrase de um dos maiores e mais sympathicos vultos do moderno Portugal, cujo desaparecimento da scena politica foi uma verdadeira perda nacional. Caminhemos devagar embora, mas caminhemos sempre, limitando-nos por enquanto ao estricte indispensavel.

A primeira de todas as necessidades d'aquelle territorio é sem duvida a applicação dos meios de defesa indispensaveis á segurança das povoações, sem a qual estas mal poderiam fixar-se e desenvolver, prendendo-se á terra por interesses creados.

A natureza d'estes trabalhos, que podem ser classificados de activos ou passivos, na restricta accepção em que são tomados como abrigos ou meios de defesa, de que dispõe a fortificação moderna, sua disposição relativa e condições de resistencia—V. Ex.ª comprehende bem—dependem do accordo que resultar das negociações diplomaticas que por intermedio dos governos da Alemanha e da Inglaterra foram encetadas pelo Governo de Sua Magestade com o do Sultão de Zanzibar.

São dois os casos a considerar—o da nossa fronteira septentrional seguir o paralelo do Cabo Delgado, ou o de se estender até o curso do rio Rovúma desde a sua foz, segundo a convenção Luso Allema de 23 de dezembro de 1886.

Para se apreciar com justificado fundamento qualquer das duas

soluções, e as suas vantagens e inconvenientes sob o ponto de vista da boa harmonia que deve existir entre povos vizinhos, é necessario antes de tudo ponderar que a dominação do Sultão n'este territorio foi sempre nulla, de todo o ponto nominal e ficticia. Foi devido á nenhuma influencia do sultanado de Zanzibar d'aquella região, que alguns arabes vivendo do roubo e da pillagem vieram alli estabelecer-se, assentando arraial para o commercio illicito da escravatura sob diversas formas, mais ou menos engenhosas; ao qual se prestam admiravelmente os diversos meandros e escondrijos que se conservam quasi inacessiveis ao longo da costa desde Muri até o Rovúma, como tive occasião de descrever.

O proprio ex-Walli de Túngue que se dizia delegado do Sultão de Zanzibar, não tinha retribuição alguma do seu governo. Vivia do trafico illicito a que se entregava, e das extorsões e violencias exercidas em nome de quem, de certo, lhe não conferira poderes para assim abusar da sua auctoridade.

No paiz vizinho não ha pois interesses de especie alguma feridos pela nossa occupação. Esta prejudica apenas e prejudicaria de certo cada vez mais os interesses illegitimos dos mandatarios de occasião que de facto dominavam aquelle territorio. É contra estes que nos devemos prevenir, contra os seus assaltos e correrias.

O principal ponto strategico a segurar na bahia de Túngue é o planalto superior, situado ao N. O. da insignificante povoação de Palma, d'onde se avista toda a bahia e domina em vasto horizonte as terras circumvisinhas.

Ali deve constar-se um abrigo fortificado, um quartel ou *blockhaus* para uma guarnição de 30 praças, que convém sejam europeas, visto como o local, que é dos mais salubres da provincia, permite a aclimação de soldados d'aquella proveniencia.

O typo de construcção que tenho a honra de propôr é o que representa o adjunto desenho, frequentemente empregado em Africa pelas outras nações nas guerras contra os arabes. Esta construcção offerece excellentes condições de resistencia, quando o inimigo não dispõe de artilheria, como no caso de que se trata. As paredes dispostas em forma de cruz para que as faces da edificação possam mutuamente flanquear-se, convirão que sejam de alvenaria, porque na localidade abunda a pedra, e a cal se encontra por um preço baixo. Em volta das faces mais accessiveis e expostas ao fogo do inimigo ha um fosso, e setteiras abertas nas paredes correspondentes. A entrada para o *blockhaus* é pela face voltada para L., do lado da bahia.

A vinte metros da face interna e em direcção normal ao eixo da edificação vê-se no desenho representada a casa do commando militar e residencia do commandante da força,—uma casa em ferro de construcção simples e facil montagem, pelo systema Tollet.

Os restantes detalhes de construcção lêem-se no desenho que acompanha este relatório, nos quaes procurei conciliar as condições indispensaveis de segurança com o preceito da maxima economia.

Não muito distante deste local existe uma lagoa, chamada dos cavallos marinhos, onde ha boa agua potavel.

A vertente leste d'esta cordilheira tem uma excellente exposição e as melhores condições para n'ella se estabelecer uma povoação rural que, estou certo, ali se fixará com permanencia logo que esteja garantida por meio das edificações que proponho, a segurança de vidas e de propriedade, ao abrigo das correrias dos arabes.

Um caminho regular deve ligar o local da nova povoação á praia, onde se acha a actual residencia do commandante militar. Esta casa está excellentemente disposta para ali se estabelecer a delegação fiscal da alfandega. Logo que o commercio tenha algum incremento virá a necessidade de uma extensa ponte-cieis sobre estacaria n'aquelle local, onde o accesso é difficil por causa do enorme assoriamiento da bahia, principalmente na baixamar.

O caminho mede aproximadamente 4 kilometros e não precisará por enquanto ter mais de 3 metros de largura. É de facil construcção, dispensa obras de arte e não serem uns pequenos aqueductos, destinados a sangrar a faixa de terreno pantanoso e alagadiço junto á actual povoação de Palma, á qual me referi em outro lugar.

O planalto deve ser ligado tambem por um caminho em analogas condições á actual povoação de Túngue, seguindo a orla da bahia e prolongando-se até o Cabo Delgado. Este caminho mede cerca de 18 kilometros, sendo necessario um pontilhão sobre o esteiro Mnanji vadeavel na baixamar onde a largura é maior, mas que pode ser facilmente transposto mais a montante.

Na hypothese para nós mais desvantajosa de ser a nossa fronteira septentrional o paralelo que passa em Cabo Delgado, é indispensavel junto á povoação de Túngue a construcção d'um *blockhaus* em tudo igual ao primeiro; e como teremos n'este caso uma extensa fronteira aberta á invasão dos arabes, muito mais para temer por causa das povoações vizinhas de Mbuezi e Keonga, onde elles de certo se irão estabelecer ao abrigo de toda a fiscalisação

que, por mar, se pretenda exercer, tornar-se-ha necessario assegurar n'aquelle local uma protecção mais efficaz.

Proporia para este caso na nossa fronteira, em frente da povoação, uma linha intervallada do systema Rogniat, ou do systema Pidoll, o qual não é mais do que o primeiro aperfeiçoado.

As linhas de Pidoll são formadas de lunetas distanciadas entre si uns 300 metros, munidas interiormente d'uma pequena flecha formando reducto, e apoiadas por uma segunda linha de baterias.

Entre as muitas disposições de linhas intervalladas, sem o emprego de artilheria, que se conhecem, as mais recommendadas são as seguintes:

Linhas de reductos destacados, separados estes por intervallos de 250 a 500 metros e apoiados por uma segunda linha de redentes, cujas faces flanqueiam os flancos dos reductos;

Linhas de redentes destacados, nas quaes os reductos da primeira linha do systema anterior são substituídos pelos redentes; e finalmente as

Linhas de lunetas destacadas que são, como se pode vêr, de todos os systemas o melhor, mas o mais dispendioso. N'estas os entrancheiramentos são dispostos em tres linhas— a primeira de lunetas abertas pela gola,— a segunda, de redentes flanqueando as faces das lunetas— a terceira, distante da segunda uns 400 a 500 metros, formada de lunetas fechadas pela gola, collocadas em face das da primeira linha, e podendo cobrir com os seus fogos o interior do terrapleno d'estas.

Para o caso sujeito, accitando uma hypothese que certamente se não verificará, proporia em na nossa fronteira, em frente da povoação de Tungue, uma linha de tres redentes destacados, separados entre si por intervallos de 250 metros, e apoiados por uma segunda linha tambem de redentes, parallela á primeira e formando systema.

Na hypothese do se estender a nossa fronteira até o Rovúma, que é o limite natural d'aquelle territorio e o que melhor se presta a restabelecer as boas relações indispensaveis entre povos vizinhos, desaparece a necessidade da linha intervallada de fortificações que propuz, para dar logar á de abrir e facilitar as communicações interiores, começando por um caminho militar entre a bahia de Tungue e o Rovúma, que tenha como pontos obrigados de passagem as povoações de Mbuezi e Keonga, junto ás quaes e no ponto que opportunamente for escolhido na margem direita do rio é indispensavel a construcção de um abrigo fortificado, nas condições dos *blockhaus* já descriptos.

Este caminho, cuja extensão mede aproximadamente 25 kilometros, é dividido em caudões de um kilometro cada, cuja guarda e conservação será confiada a um caudoneiro armado. Os caudoneiros prestar-se-hão mutuo auxilio, solicitando socorros extraordinarios dos quartéis mais proximos, e dos postos fortificados que se construirão de espaço em espaço, distantes uns dos outros cerca de 5 kilometros.

As guarnições dos *blockhaus* serão de 30 praças, e as dos postos de guarda de 10, commandadas as primeiras por um official inferior e as segundas por um cabo.

Acompanha este relatório uma estimativa da despesa provavel com os propostos meios de defesa para as duas hypothesees que acima considerei. Os projectos definitivos e os respectivos organamentos serão elaborados logo que V. Ex.^a assim o ordene.

* *

Quanto aos meios de atrahir o commercio sertanejo e de facilitar as transacções com os mercados estrangeiros, a principal difficuldade que ali se apresenta— não o ignora V. Ex.^a— é de natureza identica áquella com que luctaram quasi todas as nossas possessões d'Africa, e nenhuma mais do que a provincia de Moçambique pela sua situação geographica e pela natureza da sua extensa costa, no periodo de custosa transição que se seguiu á abolição do trafico da escravatura. Succede aqui como em toda a parte, quando cessa a exploração do homem pelo homem,— falta o genero mais rico de exportação sertaneja. A actividade muito tempo concentrada naquella odiosa violação dos direitos humanos, como que fica suspensa,— a estagnação do commercio licito é sua immediata consequencia.

Accresce quo pendendo do resultado das negociações diplomaticas a posse definitiva do territorio comprehendido entre o parallello do Cabo Delgado e o curso do Rovúma, conservam-se os animos sobresaltados pelo temor das correrias e assaltos dos arabes, que dominavam ali pelo terror, o que ainda hoje habilmente exploram a incerteza da nossa posse, contestada em nome do Sultão de Zanzibar, ameaçando aquellas povoações naturalmente timidas de voltarem a exercer o antigo predomínio.

Nestas condições temos ali actualmente todas as apparencias onerosas, e nenhuma das realidades uteis de uma verdadeira occupação. Urge, pois, envidar os nossos melhores esforços para a im-

mediata solução deste pleito, na qual não podemos deixar de ter o apoio nas nações sinceramente empenhadas na extincção da escravatura.

Resolvida a questão definitiva da posse, que não pôde deixar de estender-se até a fronteira natural do curso do Rovúma, e nesta conformidade realisaos os meios de defesa que tive a honra de propor, penso que ficará garantida a segurança geral e individual n'aquelle territorio.

Completará este beneficio uma administração local sensata e prudente, que não pratique excessos de poder, severa na punição das faltas graves e tolerante para as que procedem da ignorancia; que em todos os seus actos saiba alliar a firmeza das decisões com a suavidade aconselhada pelas circumstancias,— uma administração enfim tal como convém a este periodo de transição forçada entre o vicioso modo de ser antigo e a iniciação de uma nova existencia economica, que tem por base o commercio licito. Este é o modo de evitar retaliacões, e prevenir conflictos que facilmente degeneram em guerras, como a experiencia o tem demonstrado.

Desculpe-me V. Ex.^a a minha ousadia de vir tratar um assumpto que lhe é tão familiar, como praticamente o tem demonstrado, evangelizando pelo exemplo os bons principios de administração colonial.

Amortecidas as transacções commerciaes, que ali se limitavam quasi á exportação dos escravos e á importação das mercadorias destinadas á compra delles, tudo aconselha a immediata adopção de providencias tendentes a crear e desenvolver o commercio licito.

A agricultura podia ser ali um excellente manancial de riqueza e prosperidade, se os seus habitantes soubessem aproveitar os terrenos apropriados ás diversas culturas, os quaes responderiam com a fecundidade aos seus esforços bem dirigidos. Está, porém, o mais atrasada possível. Nunca viram o arado nem os instrumentos mais simples da lavoura. Até a culebrada lhes é desconhecida! A terra é revolvida com um pau aguçado, e nisto consiste todo o trabalho da cultura. Deita-se logo ao chão, esperam-se as primeiras chuvas para as sementeiras, e no tempo proprio faz-se a colheita. Assim se cultiva o milho e o arroz, e por um processo analogo se faz a plantação da batata e da mandioca. Abunda ali a bananeira, a mangueira e outras arvores de fructo,— sobranceira a todas e superior em utilidade eleva-se a palmeira. Uma das suas especies, a mais vulgar e mais util é o coqueiro, ao qual na India attribuem noventa e nove usos ou utilidades, que são aqui pela maior parte desconhecidas ou desprezadas— taes são o óleo, o alcool, o assucar, o vinagre, o cauro, as folhas, a madeira, etc.

Se a agricultura se arrasta assim enfadada e rachitica, a industria fabril revela ainda maior estacionamento, podendo dizer-se que está n'um estado perfeitamente embryonario. Como são restrictas as necessidades da população, são tambem poucos e grosseiros os artefactos, que se reduzem a umas pobres esteiras e bolsas para tabacco, fabricadas hoje como o eram ha dez annos, sem o menor aperfeiçoamento.

Parcece, pois, indispensavel promover-se ali uma politica commercial diversa da que tem sido seguida em outros pontos desta provincia, cujas condições de existencia, administrativa e economica, differem consideravelmente. Ali é necessario crear estimulos á colonisação e á cultura, se queremos atrahir o commercio sertanejo e facilitar as transacções com os mercados estrangeiros.

No intuito de convidar as casas mercantes, assim nacionaes como estrangeiras, a estabelecerem-se na bahia de Tungue, creando ali feitorias para a permutação das fazendas com os generos procedentes do sertão, parece-me de toda a conveniencia modificar algumas disposições da pauta, de modo que os direitos sejam, não ignaves, mas ainda inferiores aos que se cobram nos portos do Sultão de Zanzibar, e que as exigencias do fisco se não façam sentir de um modo vexatorio que afugenta o commercio sem vantagem para o Estado.

Assim, estou certo, firmaremos ali o commercio. Como um complemento indispensavel deste beneficio, urge tambem assegurar ali a facil sahida dos productos para os mercados estrangeiros, fazendo que a bahia de Tungue seja um porto de escala para as carreiras de navegação d'esta costa.

Assim teremos estabelecido as bases do futuro desenvolvimento economico d'aquelle região. O commercio licito preferirá de certo as garantias de segurança que offerece uma localidade em tudo accommodada a firmar relações com os povos sertanejos, e ao mesmo tempo apta a entreter communicação directa com os mercados dos paizes estrangeiros, ás contingencias ariscadas de estabelecimentos mais do que precarios nas terras do Sultão de Zanzibar.

É quanto se me offerece dizer. V. Ex.^a que tem perfeito conhecimento das necessidades e re-

